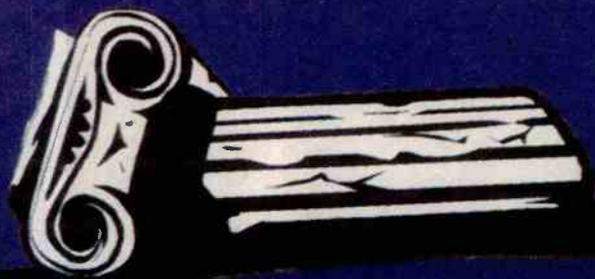


HERCULANO MORAES

VISÃO HISTÓRICA
DA
LITERATURA
PIAUIENSE

4ª edição
Revista e Atualizada
Tomo II





Cinco dos principais nomes da Literatura Piauiense neste século.
Da esquerda para a direita: Francisco Miguel de Moura,
Herculano Moraes, H. Dobal, Assis Brasil e Hardi Filho.



EDITOR

HERCULANO MORAES

Bo
notável
promotor cultural
Nilton Maciel,
em a est. de
14. set. 98

VISÃO HISTÓRICA
DA
LITERATURA PIAUIENSE

TOMO II

TERESINA - PI

1997

1ª edição – 1976
Companhia Editora Americana
Rio de Janeiro – RJ

2ª edição – 1982
Livraria Editora Hércules/APL
Teresina – Piauí

3ª edição – 1991
Livraria Editora Hércules/APL
Teresina – Piauí

Visão Histórica da Literatura Piauiense - 4ª edição
de Herculano Moraes. 1997

reservam-se os direitos desta edição a

HM

Editor

Rua Eletricista Guilherme. 553 – Ininga
64.049-530 – Teresina - Piauí

Digitação e formatação

Magnólia Belarmino de Sousa Barbosa

Revisão

Magnólia Belarmino de Sousa Barbosa
Herculano Moraes

Arte final

Patrícia Gurgel Portela Mendes

Capa

Concepção do Autor

Impressão e acabamento

COMEPI

PI B869.09 Silva Filho, Herculano Moraes da. 1945. –
Visão Histórica da Literatura Piauiense. 4ª edição Teresina. HM
Editor. ... páginas 1. Literatura Piauiense – História e Crítica I.
Título-

4ª edição revista e aumentada

Este livro é também dedicado a duas pessoas especiais:

Socorro Carvalho,

que tomou mais uma vez as minhas mãos
e me fez ver que estava em nosso quintal
o pássaro vivo da felicidade; e

Yúri Ézio,

bússola a me mostrar o caminho das águas.

CONCEITO

Literatura Piauiense é o conjunto ou acervo de obras literárias registradoras das emoções, das paisagens geofísicas, humanas e sociais, da memória e do comportamento do povo do Piauí.

DA LEI

Art. 226...

Parágrafo Único – Será obrigatório, nas escolas públicas e particulares, o ensino de Literatura Piauiense e de noções de trânsito e de meio ambiente.

(Constituição do Estado do Piauí - 1989)

SUMÁRIO

A Religiosidade Poética de Taumaturgo Vaz	13
Jonas da Silva: Subjetividade, cromatismo, musicalidade	16
Nogueira Tapety	19
Da Costa e Silva — Poeta Maior	21
A Poesia Intelctualizada de Félix Pacheco	38
O Esplendor Simbolista de Celso Pinheiro	44
Zito Baptista: Almas Irmãs	52
Antonio Chaves: Poema da Mágua	59
Amélia de Freitas Beviláquia: Pioneirismo Feminino	62
Berilo Neves: Romancista da Mulher	67
Cenáculo Piauiense de Letras	71
Da Costa Andrade/Jurgurta Castelo Branco	72
Domingos Martins Fonseca: A Rapidez do Pensamento	74
Firmino Teixeira do Amaral	76
Octaviano Mello	77
A Geração Modernista: De Martins Napoleão a Mário Faustino	79
Martins Vieira/Isabel Vilhena/João Ferry	88
O Fenômeno Newton de Freitas	95
Veras de Holanda	97
Adail Coelho Maia	99
Raimundo Araújo Chagas/Felício Pinto/Moura Rego	100
Luiz Lopes Sobrinho	101
Vasquez Filho/Oliveira Neto/Balduino de Deus/Raimundo Reis	103
José Vidal de Freitas	107
Félix Aires	108
O Romance Ideológico: Permínio Ásfora	110
Bugyjja Britto: Lendas Romanceadas	113
Meridiano: De Caderno de Letras a Símbolo de uma Geração	117
Alvina Gameiro	120
Álvoro Ferreira	121
Vitor Gonçalves Neto — O Cronista Maldito	123
J. Miguel de Matos	126
Júlio Romão da Silva	127
Francisco Pereira da Silva	128
Artur Passos	130
Fernando Lopes Sobrinho/Moisés Castelo Branco	131
José Ribamar Pacheco	132
Mário Faustino: A Tradição da Imagem	133
Eulino Martins e Da Costa Ribeiro	138
Almir Fonseca/Balduino Barbosa de Deus	141
Nerina Castelo Branco/Cristina Leite	143
Fred Pinheiro/Judith Santana/Maria do Socorro Santana	144
Abdoral Reis	146
A Província e o Mundo na Obra de Assis Brasil	148
O G. Rego de Carvalho: Naturalismo e Forma	159
William Palla Dias: Romance Sociológico Rural	167
Castro Aguiar: Romance Idílico da Juventude	170
Esdras do Nascimento/Antonio Sampaio	174
Renato Castelo Branco: Uma Visão Social do Piauí	175
Oswaldo Soares do Nascimento	177

A LITERATURA PIAUIENSE
NO
SÉCULO XX

A RELIGIOSIDADE POÉTICA DE
TAUMATURGO SOTERO VAZ

As cortinas abertas do novo século deixavam antever, pelos poemas de *Cantigas do Brasil* (1900), a inclinação religiosa e lírica do primeiro poeta piauiense deste século: TAUMATURGO SOTERO VAZ.

Este amarantino, nascido a 30 de junho de 1869, sob os encantos das águas do rio Parnaíba e o abraço de monge na confluência com o Canindé, era dono de estilo suave, cativante e terno, de um intimismo que chega às raias do confessional. Poesia elegíaca, quase uma oração:

*Mãe de Jesus! Flor do Carinho!
Secai os cardos do meu caminho!
Livrai-me do ódio da humanidade!
Da inveja torpe, da iniquidade
e da traição!*

*Olhai, oh! Virgem, quantos tormentos
Sofrem os justos! Quantos lamentos
Soltos ao vento!
Quanta miséria! Quanto pesar!
Cessai, oh! Virgem, esta agonia!
Minha madrinha! Ave Maria!
Cheia de graça! Graça sem par!*

Além das características religiosas de sua poesia, Taumaturgo Sotero Vaz impunha o gosto pela temática social, revelando os desequilíbrios e as injustiças e denunciando a realidade do meio circundante:

*Lá nos Palácios o oiro e o incenso,
Risos e danças, um mundo imenso
De luz e pompas, sedas e aromas.
Lembrando os velhos tempos de Roma
A era negra da perdição!*

*E fora, o pranto, o frio, a fome...
Tudo o que é triste, fere e consome
Os pobres velhos e as criancinhas!*

*Vinde por elas, minha Madrinha!
Nossa Senhora da Conceição!*

Revelando a preocupação lírica dos poetas inconformados com a situação de miséria do seu meio, Taumaturgo Sotero Vaz alinhou-se às tendências da estética predominante (Parnasianismo/Simbolismo) e desenvolveu, ao lado da religiosidade, o nacionalismo denunciador da

realidade de sua terra.

Mais tarde, já com certo domínio da técnica de narrar, sente-se atraído pelo teatro de costumes e filia-se às correntes da dramaturgia contagiante, pela expressão folclórica e o alegre humor de textos bem elaborados. Passa a produzir revistas teatrais de muito bom gosto.

O Caminho do Recife – A vida de Taumaturgo Sotero Vaz transcorreu mais fora do Piauí do que dentro do seu próprio Estado.

Concluídos os estudos básicos em Amarante, o caminho natural de todos os que aspiravam melhores posições na vida era a Escola do Recife, para onde mudou, formando-se em Ciências Jurídicas e Sociais.

O diploma de bacharel que os jovens de então traziam de Pernambuco era muito mais um troféu para a conquista de novos espaços políticos do que um instrumento profissional. Amarante, para onde retornou após o curso, tornou-se, no entanto, pequeno para os projetos familiares e pessoais do novo doutor.

Escolhe o Estado do Amazonas para dar curso ao seu aprendizado. Inicia a carreira de promotor, percorre os cargos de Juiz Municipal e Juiz de Direito, chega a Procurador da República e a Secretário de Estado. Dirige a Imprensa Oficial e o Teatro Amazonas. Desenvolve em Manaus intensa atividade literária, até ser reconhecido pela elite cultural do Estado, que o elege para uma das cadeiras da Academia Amazonense de Letras.

Grande parte de sua produção literária está esquecida nos jornais e revistas da época.

Morre em Manaus no ano de 1921.

Obras:

CANTIGAS DO BRASIL, 1900

Revistas teatrais: PASTORAS E PASTORINHAS; PATUREBA; O TROUXA; A BARATINHA; SE A CABOCLA SOUBER; CANÇONETAS, entre outras.

JONAS DA SILVA

SUBJETIVIDADE, CROMATISMO E MUSICALIDADE

Andrade Muricy, no bem elaborado estudo do *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, destaca na poesia de Jonas da Silva “os recursos variados de cor e timbre”. Poeta piauiense de linhagem simbolista, incluído em todas as antologias do gênero no país, este parnaibano de 1880 evidencia a nítida influência de B. Lopes, anterior a *Val dos Lirios*, de cuja influência passaria a se libertar a partir de *Ulhanos*, onde a marca pessoal de uma poesia carismática se afirmaria como fruto de uma imaginação criadora sem limites.

Essa “marca pessoal” que se afirmaria a partir daí, mesmo reproduzindo a subjetividade, o cromatismo e a musicalidade próprios das produções simbolistas em voga, passaria a se impor entre os poucos ungidos, pelo completo domínio dos signos.

Houve um gradativo crescimento do poeta, tanto na forma como na concepção da poesia, notadamente na elaboração dos belos alexandrinos que produziu.

CORAÇÃO, publicado em 1902, é impecável:

*Meu coração é um velho alpendre em cuja
Sombra se escuta pela noite morta
O som de um passo e o gonzo de uma porta
Que a umidade dos tempos enferruja.*

*Quem vai passando pela estrada torta
Que leva ao alpendre, dessa estrada, fuja!
Lá só se encontra a fúnebre coruja
E a dor, que à prece o caminhante exorta.*

*Se um dia abrindo o casarão sombrio
Um abrigo buscasses contra o frio
E entrasses, doce criatura langue,*

*Fugirias trememente, vendo, a um lado,
A crença morta, o sonho estrangulado
E o cadáver do amor banhado em sangue!*

Ânforas (1900) – livro de estréia, recebeu de imediato a consagração da crítica nacional, pelas referências elogiosas e lisonjeiras de Medeiros e Albuquerque, Artur Azevedo, José Veríssimo, Afonso Celso, Garcia Resende e outros destacados analistas da época.

O soneto *A Chácara*, considerado um dos mais perfeitos do gênero, foi incluído numa seleção dos *Cem Melhores Sonetos Brasileiros*, organizada por Alberto de Oliveira.

A CHÁCARA

*Qual um ninho de alegres beija-flores
Escondido na múrmura floresta,
Eis a vivenda, a chácara modesta
Dessa formosa imperatriz das flores.*

*Do sol nascente aos tímidos fulgores
Ela desce ao jardim, cândida e lesta.
E tremem flores num rumor de festa,
Trinam nas frondes líricos cantores.*

*Muitas vezes, passando estrada em fora
Ouço uma voz harmônica, sonora,
E para ouvi-la estanco e me concentro!*

*E nessa voz a melodia é tanta
Que os passarinhos, quando a moça canta
Voam cantando pela casa a dentro!*

JONAS FONTENELLI DA SILVA nasceu em Parnaíba (PI) a 17 de dezembro de 1880. Aos 11 anos de idade deixa o Piauí, acompanhando a família, passando a residir em Manaus (AM), onde faz os preparatórios para o curso de Odontologia, que faria no Rio de Janeiro. Forma-se em 1899, retornando em seguida a Manaus, onde ingressa no Instituto Benjamin Constant.

No Rio, conhece as entranhas do movimento simbolista, suas expressões mais fulgurantes e trava conhecimento com a poesia européia, que encantava os movimentos estéticos predominantes. Fascina-se pela

poesia de B. Lopes, a ele dedica parte de sua poesia.

Ao publicar *Ânforas*, em 1900, abre as cortinas do fechado círculo dos poetas simbolistas, ao receber consagradores elogios dos carrancudos analistas da época. Em 1902, com a publicação de *Ulhanos*, consolida sua presença no panorama do simbolismo nacional e passa a ser referência obrigatória entre os principais nomes do gênero.

A atividade profissional esmaga um pouco o poeta, forçando-o a retornar com novo livro somente em 1923, desta feita revelando influências parnasianas em algumas de suas produções.

Raimundo Reis, em estudo pessoal sobre a obra do poeta, afirma que a “simplicidade e imaginação de suas poesias deram-lhe real destaque nas letras brasileiras”.

Teve a carreira interrompida no dia 5 de junho de 1947, quando morreu.

Pertenceu a duas Academias Estaduais de Letras: Amazonense e Piauiense.

Obras:

ÂNFORAS, Rio de Janeiro, 1900; ULHANOS, Rio de Janeiro, 1902; CZARDA, Manaus, 1923.



NOGUEIRA TAPETY nasceu em Oeiras a 30 de dezembro de 1890. Notável poeta romântico da fase mais aguda, como os grandes luminares do gênero padeceu os tormentos do “mal do século” morrendo antes de ingressar na mocidade. Sonetista como a grande legião de poetas do seu tempo, “explodiu em versos como um vulcão”, segundo a observação de Celso Pinheiro, adotando, conforme anota Assis Brasil “o romantismo como sentimento e o parnasianismo como forma”. Em 1990, no centenário do poeta, o Instituto Histórico de Oeiras e a Academia Piauiense de Letras publicaram *Arte e Tormento*, revelando uma parte significativa do universo poético de Nogueira Tapety. Formado em Direito pela Faculdade do Recife,

retornou a Oeiras, onde foi Promotor Público. Eleito para a cadeira 15 da Academia Piauiense de Letras, foi empossado postumamente. Vítima do preconceito contra a tuberculose, quando morreu em 1918, depois de tentar recuperar a saúde na Ilha da Madeira e retornar ao sítio Canela, sua casa foi queimada, “purificada” como diziam os autores da idéia.

PRIMAVERIL

É tempo de partir para o campo, Maria...
Vamos, que a natureza em festa nos espera;
E na pompa da luz rebrilha a primavera,
Deslumbrante de sons, de aromas, de alegria...

Convalesce a floresta, a adusta ramaria,
Que o outono desfolhara, as cores recupera
E a jitarana em flor faz de cada tapera
Uma alcova nupcial perfumada e macia...

Vamos... Quando nós dois passarmos nos caminhos
Do côncavo do céu ao côncavo dos ninhos,
Hão de em coro aclamar cada passo que deres.

Vamos... Tu há de ser, como eu, panteísta,
A amar a natureza, a implacável artista,
Que te fez a mais pura e a melhor das mulheres.
(Arte e Tormento, 1990).



DA COSTA E SILVA

POETA MAIOR

Nascido à margem direita do rio Parnaíba, mais precisamente numa casinha modesta da Rua das Flores, na pequenina cidade de Amarante (PI), ANTÔNIO FRANCISCO DA COSTA E SILVA iniciou ali mesmo os seus estudos primários, transferindo-se mais tarde para Teresina, onde concluiu o ginásio em 1906, no antigo Liceu Piauiense (hoje Colégio Estadual Zacarias de Góis). Em Amarante, o contato permanente com o rio revelava-lhe da alma a vocação da poesia, da arte santeira e das peripécias manuais das máscaras carnavalescas que alegravam as festas de momo e os espetáculos teatrais da cidade. Tinha a mágica nos dedos. Transformava em santos os troncos de madeira que lhe chegavam às mãos habilidosas. De posse do lápis, contornava as imagens de bruxos e duendes, que serviam para disfarçar os foliões nos entrudos tradicionais das folias carnavalescas.

Concluindo o ginásio em Teresina, viajou a Recife para realizar ali o curso superior. Em 1913 recebeu o bacharelado de Direito da Faculdade do Recife, retardando a sua conclusão devido a doença.

Aprovado em concurso do Ministério da Fazenda, em maio de 1910 foi nomeado 4º escriturário da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, percorrendo, nessa função, os Estados do Maranhão, Amazonas, Rio Grande do Sul e São Paulo, tratando da emissão de bônus criados pelo Governo Central.

Em setembro de 1929 chegava a Porto Alegre para tomar posse no cargo de Delegado Fiscal do Tesouro do Rio Grande do Sul. Ali, ao lado de Alberto de Andrade Quirroz, passou a dirigir o suplemento literário do *Diário de Notícias*, onde fez amizade com Athos Damasceno, Theodomiro Tostes, Vargas Netto e Viana Moog.

Com a vitória da Revolução de 30, Da Costa e Silva pede dispensa do cargo, mas é nomeado em seguida Delegado em São Paulo.

Ingresso na Academia

Da Costa e Silva, com a fama e prestígio nacional de grande e festejado poeta, veio a Teresina, em janeiro de 1923. Era um nome consagrado em todo o País, com *Sangue* (1908) e *Zodiaco* (1917), recebendo elogiosa consagração da crítica nacional. Veio ao seu Estado participar das festas comemorativas do centenário da independência política do Piauí e tomar posse de sua cadeira na Academia Piauiense de Letras. Numa das mais concorridas sessões da Academia, recebe o título acadêmico e discursa elogiando o patrono de sua cadeira, o padre oeirense Leopoldo Damasceno Ferreira (cadeira 21). Recebido por Cristino Castelo Branco, que destaca a força mágica de sua poesia, é também homenageado pelo governador João Luiz Ferreira, que o torna hóspede do Governo. Nessa época, a pedido do governador, escreveu a letra do Hino do Piauí, em parceria com a professora Firmina Sobreira, que produziu a música.

Marcante decepção

A polêmica questão da feiúra de Da Costa e Silva é levantada sempre que vem à tona o caso do Barão do Rio Branco. Não se sabe por que o aspecto físico do poeta piauiense tem sido tão cuidadosamente analisado por respeitáveis críticos nacionais, muitos dos quais deixam de apreciar a obra para examinar a compleição física do homem, o que é, no mínimo, uma incongruência. Na literatura brasileira existem dezenas de autores extremamente feios no físico, na estrutura moral e na alma. Escritores de pouco talento exaltados à exaustão.

Sobre a polêmica questão com o Barão do Rio Branco conta-se (leia-se Pedro Nava – *Balão Cativo*) que o Barão afirmava gostar dos versos de Da Costa e Silva, admirava o seu talento e até poderia patrocinar o seu ingresso na carreira diplomática, “não fosse a sua feiúra”. O grande sonho do poeta era a diplomacia, para o que foi indicado por alguns amigos.

Convém destacar que esta questão não está bem clara. Mário Rodrigues afirma, por exemplo, que Da Costa e Silva era um rapaz anêmico, de espáduas estreitas e olhos estrábicos, imberbe e luminosamente feio. Impressão semelhante teve Antônio Sales, para quem Da Costa e Silva era um sujeito magro, desengonçado, um pouco estrábico, de feições toscas.

Que relação poderia haver entre a beleza da arte e a feiúra do poeta? Por que tanta preocupação em mostrar o estrabismo, as feições toscas e outros aspectos físicos do poeta, quando o que sempre esteve em questão foi a sua obra, a poesia luminosa e superior que produziu?

Sem encerrar a questão, remeto o leitor ao interessante depoimento de Bugyja Britto (*Traços em 5 Biografias*) que nos dá a seguinte impressão:

Em Da Costa e Silva a fealdade não se expressa com a falta de um órgão que deturpasse, por exemplo, o seu rosto. Absolutamente, não! Mas a esquisitice do perfil, guiada pelo fâcies, denotava a força da potencialidade intelectual que atingiu o homem em cheio (página 14).

Num outro capítulo, o autor de *Zabelê e Miridan* relata um encontro que teve, ainda moço, com o poeta, quando este visitava o Piauí nas comemorações do centenário da independência (1923). Diz Bugyja Britto:

No intervalo dessa conversa ou encontro feliz para mim, eu vi melhor, ou com mais detalhes, a figura imponente do meu interlocutor. Alto, olhos meio verdes, bem alvo (devia ter sido um tipo alourado quando criança), nariz grego, desembaraçado em mover-se e elegante no falar. (página 20).

Consciente de que não era um homem bonito, o poeta expressou-se assim em versos que se eternizam:

*Sou, talvez, o mais triste ser humano
Que vive sob o céu ou sobre o solo,
Porque possuo o espírito de Apolo
Na feia catadura de Vulcano.*

Realização pelo filho

Da Costa e Silva casou-se duas vezes. Em primeiras núpcias com Alice, com quem teve os filhos Márcio, Mário e Benedito. Viúvo, casou-se com Creusa, de quem nasceram Alice, Alberto e Elizabeth.

Curiosamente o destino dá a Alberto a tarefa de tornar realidade o sonho do pai: ingressa no Itamarati e é hoje um dos mais brilhantes diplomatas brasileiros, resgatando e vingando a memória de uma humilhação que marcou a vida do grande cantor de *Saudade*.

Alberto da Costa e Silva foi, até 1988, chefe da diplomacia brasileira em Portugal.

A poesia como destino

Da Costa e Silva tinha o rio Parnaíba como companheiro de viagem. A terra, na sua simplicidade e no colorido sempre claro dos céus de Amarante, surgia-lhe com frequência na memória, tributando-lhe as imagens que se fixariam como símbolos de uma poesia que ganharia força e expressão e se afirmaria marcante na história.

*A minha terra é um céu, se há um céu sobre a terra;
É um céu sobre outro céu tão límpido e tão brando,
Que eterno sonho azul parece estar sonhando...
Sobre o vale natal que o seio à luz descerra...*

(Excerto de *Amarante*).

O rio não o abandona. O velho monge, de memoráveis cantigas, está presente sempre, renascendo majestoso na arte poética que deslumbra e encanta. Sobre esse encantamento, creditado ao fascínio das águas do Parnaíba, revela Clemente Fortes: “O rio não o abandona. Ora restaura na mente do poeta a paisagem completa da infância, ora esfumando-lhe o contorno, deixa o rio, como imagem onde vão encontrar expressão quase todos os sentimentos do poeta”.

Tinha a poesia por destino. Nascia-lhe a inspiração como um sopro, ora colorindo a paisagem do simbolismo brasileiro com preciosos instantes de singular grandeza, ora descambando para o parnasianismo, fermentando a arte na sua concepção mais pura.

Saudade

Numa certa noite de 1907, na pensãozinha da Rua da Aurora, onde dividia a república com estudantes de vários Estados que cursavam Direito em Recife, ditou a Cristino Castelo Branco o soneto que se tornaria célebre:

SAUDADE

*Saudade! Olhar de minha mãe rezando
E o pranto lento deslizando a fio...
Saudade! Amor de minha terra... o rio
Cantigas de águas claras soluçando.*

*Noites de junho... o caburé com frio,
Ao luar, sobre o arvoredado, piando... piando...
E ao vento as folhas lívidas cantando
A saudade imortal de um sol de estio.*

*Saudade! Asa de dor do pensamento!
Gemidos vãos de canaviais ao vento...
Ai! Mortalhas de névoa sobre a serra.
Saudade! O Parnaíba - Velho Monge
As barbas brancas alongando... e, ao longe,
O mugido dos bois da minha terra...*

Convém destacar que o soneto teve várias formas. No original, ele aparece com o terceiro verso do segundo quarteto assim:

E à noite as folhas lívidas cantando

Em *Pandora*, onde a temática do amor aparece com muita frequência, o poeta muda a construção do verso, escrevendo:

E ao vento as folhas lívidas cantando

Influências

Sobre o soneto *Saudade*, o romancista e crítico brasileiro Josué Montello (*Diário da Manhã*) revela a nítida influência do poeta Antônio Nobre sobre a poesia do amarantino. Cotejando as linhas do tema e da própria construção poética, Montello compara os versos de Da Costa e Silva aos do consagrado autor de *Só*, identificando influências naturais. Apressando-se, no entanto, em esclarecer que “não obstante esses vestígios de poesia alheia, a poesia de Da Costa e Silva tem beleza própria, que lhe dá categoria de obra-prima nos florilégios da literatura brasileira”. E garante que não há memória que se recuse a guardar os 14 versos, admiravelmente encerrados nas evocações dos últimos tercetos de *Saudade*.

Parnasiano e Simbolista

A poesia de Da Costa e Silva assenta-se em duas escolas: simbolista, interpretada nos poemas de *Sangue* (1908) e a parnasiana, que determinou a fixação de suas tendências. Há, entretanto, a presença do poeta na transição pré-modernista, instante em que passa a produzir poemas livres e, por isso mesmo, incluindo-se entre os precursores dessa nova ordem literária.

A linhagem simbolista do poeta está configurada na perfeição do soneto, nos símbolos preciosos de temáticas fortes, amplamente identificadas com as suas raízes humanas.

*Na verde catedral de floresta, num coro
Triste de cantochão, pelas naves da mata,
Desce o rio a chorar o seu perpétuo choro,
E o amplo e fluido lençol de lágrimas desata.*

*Caudaloso a rolar desde o seu nascedouro,
Num rumor de oração, no silêncio de oblata
Ao sol lembra um rocal todo irisado de ouro
Ao luar rendas de luz nos vidrilhos de prata.*

*Alvas garças a piar. arrepiadas de frio,
Seguem, de absorto olhar, a vítrea correnteza...
Pendem ramos em flor sobre o espelho do rio...*

*É o Parnaíba assim. carpindo as mágoas
– Rio de minha terra, ungido de tristeza
Refletindo o meu ser à flor móvel das águas.*

Na conduta parnasiana de sua poética, a vigorosa presença de um talento inigualável. O verso sai perfeito. Na rima, na métrica, na fluidez do raciocínio a projetar a melodia doce de quem escrevia com a sensibilidade da epiderme:

*Eu sou tal qual o Parnaíba. Existe
Dentro em meu ser uma tristeza inata,
Igual, talvez, à que no rio assiste
Ao refletir as árvores na mata.*

*O seu destino em retratar consiste,
Porém, o rio tudo o que retrata
Alegre que era, vai tornando triste...
No fluido espelho móvel de ouro e prata...*

*Parece até que o rio tem saudade
Como eu que também sou dessa maneira
Saudoso e triste em plena mocidade.*

*Dá-se em mim o fenômeno sombrio
Da retratação das árvores da beira
Na superfície trêmula do rio*

(Obras completas, 1950)

A respeito da filiação do poeta às escolas literárias convém que se destaque o raciocínio do professor Carlos Evandro Eulálio, assegurando que “no estilo do poeta amarantino interpenetram-se as heranças românticas, parnasianas e simbolistas. Suas ousadas formas de expressão poética revelam um autor afastado da severa disciplina escolástica, bem como um prenunciador da estética moderna”.

A análise de Carlos Evandro é segura e revela a acuidade e a preocupação de um crítico de boa linhagem. *Madrigal de um Louco* é um dos bons exemplos dessa assertiva.

Lua!
Camélia
Que flutua
No azul. Ofélia
Serena e dolente,
Fria, vagando pelas
Alturas, serenamente,
Por entre os lírios das estrelas;
Santelmo aceso para a Saudade;
Luz etérea, simbólica, perdida
Entre os astros de ouro pela imensidade;
Esfinge da ilusão no deserto da Vida!
Lâmpada do Sono, lívida, suspense...
Vaso espiritual dos meus cismares,
Custódia argêntea da minha crença,
Ó Rosa Mística dos ares!
Unge o meu ser, na apoteose
Da tua luz, e eu frua,
Cismando, a pureza
Da luz e goze
Toda a tua
Tristeza,
Lua!

A estética de uma poesia figurativa, plástica, simbolista na substância, mas inovadora no processo estrutural.

Sol!
Divina
Oficina
Da luz! Crisol
Claro, onde se apura
O ouro ideal que fulgura
No céu, de brilho imortal!
Sol! alquimista universal;
Químico eterno que, em áureo vaso,
Combina pela aurora e pelo ocaso
Cores e vapores pelos céus de anil;
Ourives da Ilusão, da Vida e da Beleza,
De jóias adornando a Virgem-Natureza;
Gênio da Arte Excelsa que com o teu buril
Crias a perfeição em toda parte;
Mestre Supremo dos deuses da Arte,
Guia e protege o artista exul
Que, ante o ouro fosco do Azul,
Uma só glória aspira:
Fundir sua lira,
Pelo arrebol,
Ao teu hino,
Divino
Sol!

A incursão na liberdade do verso livre encontra a emoção do poeta aberta às evocações dos fenômenos de uma natureza exuberante e trágica:

*A floresta, alarmada
Vai sucumbindo, torturada
Na inquisição selvagem da queimada.*

*A natureza, a orar na unção triste da tarde,
Como que tem olhos rasos d'água...
Desolada,
Estática e calada,
Chora sobre os escombros da queimada.*

FORTUNA CRÍTICA

Até os dias atuais, poucos escritores piauienses conseguiram reunir tanto prestígio e amealhar uma fortuna crítica tão soberba e invejável. Ao editar *Sangue* (1908), Da Costa e Silva passou a receber sucessivos elogios dos mais brilhantes nomes da poesia, do jornalismo e da crítica, dentre os quais Clóvis Bevilaqua, que garantiu: “Poeta dos mais distintos, é mesmo um grande poeta. O seu primeiro livro produziu sensação e pasmo admirativo. Era a estréia de um estudante e a revelação de um verdadeiro artista”.

Comparado por Mário Rodrigues em grandeza a Edgar Allan Poe, Cruz e Souza e Álvaro de Azevedo, o poeta de Amarante recebeu de Sílvio Romero elogio idêntico, que o situou ao lado de Vicente de Carvalho, Emílio de Menezes, Goulart de Andrade, Amadeu Amaral e Hermes Fontes.

Clemente Fortes, um dos mais lúcidos e brilhantes críticos do Piauí, falecido no Natal de 1975, foi quem denominou de Poeta da Saudade o vate amarantino. Debruçando-se numa análise minuciosa da obra do poeta, disse de *Verônica*:

Já muito rico de expressões e com olhos muito mais penetrantes para o mundo, como que se prepara para aquelas meditações de Verônica que daria à luz em 1927 e onde, se perde a alegria pagã da fase anterior, ganha em profundidade de pensamento.

Verônica é um livro triste. Amargos são os frutos da sabedoria. É uma tarde para o poeta. O sabor do Eclesiastes assinala a aproximação da plena maturidade. Os vultos da mulher esbatem-se como sombras queridas nunca alcançadas.

Ternura, Desalento, Natureza

Dos roteiros organizados para um estudo mais criterioso da obra de Da Costa e Silva parece-me que o preparado pelo professor Balduino Barbosa de Deus é o que mais se aproxima da identidade de sua poesia. O autor de um substancial estudo da obra dacostiana sugere três referenciais para a melhor compreensão de sua conduta poética. *Poemas da Ternura*, em que o lar e a terra distante, os filhos órfãos, a esposa morta se situam como elementos de funda significação em sua arte. No plano do *Desalento* os poemas revelam o intimismo do autor, o próprio ego, através de poesias reveladoras de suas angústias, de suas emoções mais interiores, dos sonhos e das decepções. Aqui também o poeta projeta a linha filosófica de uma poesia preocupada com o destino humano, filósofo de um mundo absurdo. E os amores, reais ou platônicos, reconstruindo

sonhos e esperanças, rescaldados na permanente atmosfera de um lirismo enternecedor. No plano final Balduino de Deus destaca a natureza, o ritmo das coisas, as visões da terra distante e a grandeza do poeta na reconstrução de paisagens que a memória repõe, desarquivando impressões. Nesse plano a natureza emerge na sua grandeza absoluta e o poeta se revela o quixotesco cantor a enfrentar os criminosos da ecologia.

Sangue, Zodíaco

Da Costa e Silva fez sua estréia na literatura em 1908, com um livro de marcante influência simbolista: *Sangue* reunia produções datadas do tempo em que estudava no Liceu Piauiense, em Teresina. Obra composta de 48 poemas, predominando a forma alexandrina expressa em 34 sonetos, podendo classificar-se como das últimas obras dos simbolistas vinculados à geração de 1885.

Nove anos mais tarde o poeta retorna com novo livro: *Zodíaco* (1917), alinhando-se ao parnasianismo sem, no entanto, deixar de transparecer os resquícios bem fortes da influência simbolista. É possível que significativa parte dos poemas enfeixados no livro possa ter sido organizada a partir de 1908.

A temática nuclear do livro é a natureza agreste, a paisagem, a vida, a geografia física da terra. No plano da forma, o poeta pode ser considerado um dos primeiros a realizar experiências do que veio a ser o concretismo brasileiro. Uma tese, aliás, que poderia despertar a Universidade brasileira para estudos mais aprofundados.

Embora listado como livro, *Verhaeren* (1917) não é propriamente um livro. Trata-se de um poema em homenagem póstuma ao grande poeta e teatrólogo belga. Publicado inicialmente no *Correio da Manhã*, foi reunido em folheto editado pela revista *Apolo*.

Pandora (1919) é, provavelmente, a obra de maior rigor técnico de Da Costa e Silva. Retomando a linhagem do classicismo de Camões e Francisco Manuel de Mello, os mitos e símbolos gregos, o poeta soma a concepção do saber moderno ao conhecimento das origens da arte e dos sonhos, dos mistérios do homem, de suas raízes religiosas. Inclui nesse livro poemas retirados de *Sangue*.

Sobre *Verônica* (1927), é bom ouvir o depoimento de Balduino Barbosa de Deus, que nos dá esse primor de conceito sobre o livro: “É um lenço vivo que estampa o rosto sofredor do poeta. O livro de uma viuvez dolorosa e cruel”. Nas linhas mestras da poesia de *Verônica* o subjetivismo latente de um poeta mais rico, de uma filosofia amarga, litúrgica, elegíaca. É o doloroso impacto da morte de Alice a depurar a arte poética.

Alhambra reúne poemas publicados na imprensa entre os anos de 1925 a 1933. Foi o princípio da morte do sabiá que nele cantava.

Antônio Vilaça, em arguta análise da obra de Da Costa e Silva, assim entende: “Fechara-se o ciclo do seu destino. Ficaria 18 anos em silêncio, tocado pela melancolia”.

Em *Alhambra* o poeta adota processos modernistas, alinha-se ao sincretismo da arte. Obra inacabada, o poeta cessara de colocar no papel o seu canto, mergulhado no traumatismo vertiginoso de imagens incorpóreas e desconexas.

Citada por Félix Aires como obra editada, *Clepsidra* foi apenas um projeto. De acordo com seguro depoimento de J. C. Santana Cruz, os poemas desse projeto foram incluídos em *Pandora* e *Zodiaco*. A imprensa brasileira havia noticiado sobre a organização do livro, dando destaque aos *poemas da natureza* e *elogio dos olhos*, cujos trabalhos se acham editados nas obras citadas. Em 1934 a Editora Civilização Brasileira organizou uma seleção de poesias de Da Costa e Silva e editou uma antologia. Em 1950, ano da morte do poeta, a revista *Cruzeiro* reuniu num volume as *Poesias Completas de Da Costa e Silva*. Mais de 20 anos

depois, o filho do poeta, Alberto da Costa e Silva, organiza e edita novo livro, incluindo aí poesias inéditas e um alentado e seguro depoimento sobre a arte do poeta amarantino.

Vale a pena transcrever aqui o que disse Medeiros e Albuquerque da obra eterna e permanente de Da Costa e Silva:

Se ele faz um livro ao sol, faz outro à lua, outro ao luar, outro à terra. Se ele canta uma das estações, canta também as outras três. Se nota a beleza da manhã, nota também a do meio-dia, a da tarde, a da noite. E assim em tudo se vê um cuidado de composição meticulosa e metódica.

Se é verdade que cessou no poeta o sabiá que cantava, é verdade também que o seu canto, assimilado hoje pelos seus conterrâneos, permanecerá entre a ruidosa algazarra dos que amealham as mesmas e inacabadas ilusões.

Zodíaco

Zodíaco foi publicado em 1917 pelas oficinas da Tipografia Apolo, do Rio de Janeiro. O rigor dos sonetos de *Sangue* e das composições rigorosamente engajadas no espírito de concepções poéticas do momento cedia espaços para a experimentação. O poeta mantinha-se fiel à linhagem simbolista projetada nas experiências iniciais, mas incorporava a esta a ousadia de novas criações, singularizando-se não apenas na consolidação da forma, mas também pelo jogo criativo da temática.

Em *Zodíaco* percebe-se, desde os primeiros poemas, dois fatores significativos: a intenção da unidade temática, com a natureza como centro do projeto poético, e o avanço a formas novas que desaguariam, pouco tempo depois, no que veio a ser denominado de Modernismo.

Outro fator significativo verificado nas composições é a extensão dos poemas, revelando nestes uma preocupação crescente com a natureza. O poeta é perfeito em descrever a “Queimada”, em “fotografar” a agonia das árvores na “Derrubada”, em dissecar os símbolos tumultuários de vozes, gestos, estertores, agonia e desespero provocados por esse fenômeno que é a “Ventania”.

Para melhor aclarar esta visão, recorro ao lúcido depoimento de Alberto da Costa e Silva ao interpretar a obra do pai. Diz o poeta:

O gosto pelas aliteraões, onomatopéias e paronomásias; a capacidade de jogar com os elementos visuais, musicais e semânticos da palavra e do verso; o requinte de alternar, na mais pura ortodoxia parnasiana, rimas esdrúxulas, graves e agudas; as invenões rítmicas e a fluidez musical dos versos livres, que, em alguns momentos, como em “A Ventania” e “A Queimada” quase prometem um coro polofônico; o sábio emprego das repetiões, dos ecos, das rimas internas e das dissonâncias – tudo isto mostra a técnica extraordinariamente rica desenvolvida por Da Costa e Silva.

*O Universo Poético
de
Da Costa e Silva*

POÉTICA

Simbolista	•	Parnasiano
SANGUE		ZODÍACO
VERÔNICA		PANDORA

ROTEIRO DA EMOÇÃO

POEMAS DA TERNURA

Amarante

Desalento

Natureza

Desalento: poesias reveladoras de sua angústia, o ego, o espiritualismo, a linha filosófica. Preocupação com o destino humano.

Ternura: o lar, a terra, os filhos, a alma distante, a esposa morta.

Natureza: o ritmo das coisas, reconstrução de paisagens que a memória evoca; defesa da ecologia, denúncia contra crimes, descrição inimitável da força da natureza sobre o ambiente.

A POESIA INTELECTUALIZADA DE
FÉLIX PACHECO

*Toda pessoa que lê por este Brasil recorda
ou sabe de cor aquele lindo soneto: **Estranhas
Lágrimas.***

Júlio Porto Carreiro

Iniciando-se nos jornais de Teresina ao lado de Antonio Ribeiro Gonçalves, Eurípides Aguiar, Pires Rebelo, Antônio Martins de Areia Leão, Galileu e João Luiz Ferreira, o menino Félix passara a adotar, no início de sua esplendorosa carreira, o pseudônimo de Oncinha, desenvolvendo artigos em defesa do pai - João Luiz Ferreira, então governador do Estado, tão rudemente criticado pelos opositores.

Mudando-se para o Rio de Janeiro, onde foi em companhia do tio, Teodoro Pacheco, matriculou-se no Colégio Militar, destacando-se pela força do espírito comunicativo, pela vocação embrionária para a poesia, para o jornalismo e para a liderança dos homens.

No Colégio Militar passa a colaborar com a revista *A Aspiração*, fundada em 1894, e na qual desenvolveria farta produção jornalística no período de 1895 a 1896.

Em 1906, depois de experiências jornalísticas em pequenos jornais, assume as funções de Secretário de Redação do *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, iniciando uma brilhante carreira que o levaria à direção do jornal e, mais tarde, a seu diretor-proprietário.

Ali, Félix Pacheco descobriria, com extrema convicção, a força do seu talento e identificaria o caminho natural de suas principais vocações: o jornalismo, a política, a literatura. Cultor da poesia simbolista, a partir de 1897, conforme registro de José Auto de Abreu, explode com vigor a coexistência dicotômica do poeta e do jornalista.

Poesia sentimental, esteticamente comprometida com as correntes simbolistas da segunda fase do simbolismo brasileiro, nele se observa, com nitidez, as influências de Baudelaire e Cruz e Souza, poetas dinásticos, que traduziu na vertente linguística e na emoção do verso bem tecido.

Félix Pacheco pertenceu, na fase mais rica de sua poesia, à escola Simbolista, cuja identificação se consolidaria com a ativa participação na revista *Rosa Cruz*, em que são abundantes suas traduções de Baudelaire. Na fase outonal, dedica-se também ao cultivo de versos parnasianos, notadamente nas poesias de circunstância, como no soneto dedicado a Marta.

Nascendo em Teresina a 2 de agosto de 1879, depois dos preparatórios realizados em casa, com a família – no Instituto Karnak, é transferido para o Colégio Militar do Rio de Janeiro, de onde sai para ingressar na Faculdade de Direito do RJ.

Apassionado pela imprensa, é através do *Jornal do Comércio* que confirma o seu talento, percorrendo as funções de redator, chefe de redação, até chegar a diretor-proprietário do órgão.

A outra faceta do seu destino de líder foi a política, onde exerceu os mandatos de deputado federal e senador pelo Piauí. Além dessas

funções, foi ainda Ministro das Relações Exteriores do Governo Artur Bernardes.

No Rio, no começo de sua carreira política, foi Diretor do Gabinete de Identificação e Estatística do Distrito Federal, ali introduzindo, com autorização internacional, o sistema de classificação Vuchetich (método de identificação pela impressão digital, ou datiloscopia). Esse órgão tem hoje o nome de Instituto Félix Pacheco.

Ainda na política, atravessou o período da reação republicana liderada por Nilo Peçanha, seu amigo pessoal; a oposição sistemática dos Governos do Rio Grande do Sul, Pernambuco e Bahia; viveu a revolta do Forte de Copacabana, na revolução tenentista; o cangaço nordestino de Lampião; a agitação operária, o fechamento do jornal *Correio da Manhã* e a prisão do jornalista Edmundo Bitencourt, diretor do matutino.

Diplomata, foi testemunha e parte do rompimento do Brasil com a Liga das Nações, quando a Embaixada Brasileira, sob sua chefia, retirou-se espetacularmente do plenário, na histórica e memorável data de 10 de julho de 1926.

Morre no Rio de Janeiro a 6 de setembro de 1935.

Sobre a poesia de Félix Pacheco bastaria que se repetisse aqui aquela frase de Júlio Porto Carreiro: “Toda pessoa que lê por este Brasil recorda ou sabe de cor aquele lindo soneto: *Estranhas Lágrimas*”.

ESTRANHAS LÁGRIMAS

*Lágrimas... noutras épocas verti-as.
Não tinha o olhar enxuto como agora.
– Alma, dizia então comigo, chora!
Que assim minorarás as agonias!*

*Ah! quantas vezes pelas faces frias,
Umas, outras após, a toda hora,
Gota a gota rolando elas, outrora,*

Marcaram noites e marcaram dias!

*Vinham do oceano d' alma, imenso e fundo,
De espuma as ondas salpicando o flanco
Numa fremência amargurada e louca.*

*Nos olhos hoje as lágrimas estanco...
Rolam, porém, sem que as descubra o mundo
Sob a forma de riso pela boca*

(Poesia, 1914)

São poucos, é bem verdade, na literatura brasileira, os sonetos com carga emocional tão profunda e com a estrutura própria dos poetas de extrema capacidade de pensar.

Gilberto Amado comenta que os versos de Félix Pacheco, apesar de pertencerem à escola simbolista, eram claros, límpidos e neles se observa a preocupação da verdade artística e da justeza de elevação do pensamento.

Louvada por uns, criticada por outros, a poesia deste notável piauiense coloca em primeiro plano a técnica. E apesar disto, especialmente nas construções simbolistas, Félix Pacheco se revela um artista extremamente rico. Demonstra, de acordo com a opinião de João Luso, “que o jornalista não matou o poeta”.

SÍMBOLO DOS SÍMBOLOS

*Caveira! Tu conténs a síntese do mundo!
Trazes dentro de ti o impalpável mistério.
És o louro mudado em tinhorão funéreo.
És o azul transformado em báratro profundo!*

*Destronados satãs de olhar meditabundo,
Andam dentro de ti como num cemitério.
E os Faustos doutorais, de aspecto mudo e sério
Descem do informe caos ao tenebroso fundo.*

*Cabalístico signo exótico do nada.
Sofres, e a tua dor, Caveira, é sufocada.
Gemes, e o teu gemido esvai-se em ironia...*

*Resta-te agora só, depois de tantas glórias,
A lembrança cruel de passadas vitórias
E essa amarga expressão de funda nostalgia!*
(*Via Crucis*, 1900)

Antes de publicar *Via Crucis* (1900), em que revela sua indisfarçável preferência pela leitura de Baudelaire, organiza uma verrina poética a que intitulou *Chicotadas*, sob cujo título escreve: *Poesias Revolucionárias*, como um desabafo em torno de questões políticas e sociais de sua época.

Em 1927 reúne em *Poesias* a parte mais significativa de sua produção, a essa altura com o nome consolidado em todo o país. Havia ingressado na Academia Brasileira de Letras, em 1912, na vaga de Araripe Júnior, primeiro ocupante da cadeira, que tem por patrono Gregório de Matos. Continuava inabalado o seu prestígio político e ainda exercia o domínio da política piauiense.

O amor e a saudade da terra, temas comuns aos poetas de sensibilidade que exilam de suas nascentes, se traduzem no poema *Karnak*, em que revela:

*Sempre que o meu passado recomponho,
De ti me lembro e do recinto belo
Em que tive o meu lar e abri meu sonho!*

*Chorai, auras da terra sertaneja!
Lá me ficou a melhor parte d'alma
Na tumba maternal que um anjo beija.*

Muitos jornalistas, críticos e intelectuais brasileiros se debruçaram e ainda se debruçam sobre a notável obra jornalística, política e literária de Félix Pacheco.

Pedro Calmon o entendia como “o vate satírico, o juiz literário, o grande homem de imprensa que absorveu e viveu três longas fases da civilização brasileira”.

Para José Auto de Abreu, “o jornalista, o literato, o poeta, o parlamentar, o político, o homem de Estado, o chefe de família, o esposo e o pai como que se fundiram num mesmo cadinho de metal nobre”.

Obras:

VIA CRUCIS, 1900; MORS AMOR, 1904; LUAR DE AMOR, 1906; POESIAS, 1914; INESITA, 1915; MARTA, 1917; NO LIMIAR DO OUTONO, 1918; LÍRIOS BRANCOS, 1919; ESTOS e PAUSAS, 1920.

São ainda de sua lavra:

PANÓPLIA AZUL; ALMAS E NATUREZA; PERFIS AMIGOS; KARNAK; CANÇÃO DO LOUCO; OS TEARES DA CASA VERDE; RAINHAS E SERVAS.

O ESPLENDOR SIMBOLISTA DE CELSO PINHEIRO

*P*oetas do gênero de Celso Pinheiro são escassos.

Aqui e ali surgem alguns nomes tutelares de uma poesia inteligente e angustiada, reveladora das tensões e das paixões humanas, singulares sob o ponto de vista da concepção e da substância. Baudelaire, Augusto dos Anjos, Cesário Verde, Racine, Verlaine, Mallarmé, Poe, T. S. Eliott, Fernando Pessoa são poetas impecáveis, permeando na sua trajetória o nervo original de estranho poder criativo. Filósofos de materialismo trágico e transcendente, arautos de mensagens supraterras, intérpretes da alma do mundo.

A amargura foi o signo a acompanhar Celso Pinheiro até o fim do seu calvário:

TÚNICA DOS VERMES

*...E eu sou, talvez, a estepe do cansaço
E da dor! Prisioneiros da Sibéria
Vão morrendo de fome e de miséria
Na longa travessia, passo a passo...*

*Sob o céu russo, à cinza do mormaço
Tenho suores de gelo à fronte cérea,
Que a minha sorte é bruxa, deletéria
E me há punido com o seu punho de aço!...
Pobre nasci, pobre hei vivido, pobre
Hei de afundar no derradeiro sono
À lágrima azul de um grande dobre!...*

*Ante os meus sonhos pálidos, inermes,
O coveiro, a coruja e mestre Outono
Virão vestir-me a túnica dos vermes...
(Nevroses, 1912)*

O que dificultou o reconhecimento de Celso Pinheiro entre as estrelas de primeira grandeza do simbolismo brasileiro foi, com certeza, o fato de nascer e viver no Piauí, longe, portanto, dos canais publicitários e da crítica, das grandes editoras e do meio intelectual.

No Piauí, à sua época, os críticos de rodapé, mesmo reconhecendo o seu invulgar talento, não o ajudavam a transpor as fronteiras estaduais. A sua condição de homem íntegro, boêmio, que desprezava o capital, zombava da burguesia, incorporava-se ao sonolento mundo noturno dos sonhadores e desiludidos, era requisito pouco lisonjeiro a uma imprensa dominada por facções políticas apaixonadas e uma elite que buscava afirmação.

O poeta gastava suas noites na boemia do seu tempo, fazendo recitais e serenatas e remoendo a dor que interpretava nos belíssimos sonetos que compunha:

NOITE DE INVERNO

*Noite de inverno. A um choro miserando
Da harpa do rio, túrgido e barrento,
Ouço dos lobos famélicos do vento
Ganindo, arremetendo, farejando...*

*Um trágico fuzil, de quando em quando,
Rompe a trincheira azul do firmamento.
E o relâmpago, atroz, sanguinolento,
Parece um vagalume formidando...*

*Depois a chuva toma outras maneiras,
E há vozes, há soluços, há gemidos
Como em torno das horas derradeiras...*

*E então descubro, pela noite incalma,
Como velhos demônios foragidos,
Os cães da dor uivando na minh'alma.*

Ao seu tempo, foi único na concepção de uma poesia emocional, bem elaborada, de símbolos bem urdidos.

Proclamado discípulo de Baudelaire, como em vários outros poetas piauienses do gênero, as influências do simbolismo francês se casavam com o gosto parnasiano de um lirismo tingido pela paixão.

MATER

*A minha mãe, uma velhinha doce,
De olhar de mel e beijos de torcazes,
A minha mãe, coitada! Talvez fosse
A Dindinha dos cravos e lilases!...*

*No seu ventre bendito ela me trouxe
Nove meses!... E um dia, sob audazes
Raios de sol primaveril, notou-se
Que surgira um bebê de olhos vivazes.*

*Era eu! Era um poeta extravagante
Que nascera sem festas, nem alardes...
Quando o dia era um límpido diamante!...*

*A minha mãe... matou-a o mês de agosto!
E é por ela que eu vou todas as tardes
Rezar na capelinha do sol posto!...*

(Poesias, 1939)

A vida de Celso Pinheiro foi marcada por episódios singulares.

Toda a sua poesia reflete o conturbado universo de uma vida marcada por momentos dolorosos. Órfão aos 16 anos, perdeu ainda cedo (1932) a esposa – Liduína Mendes Frazão, mãe de Celso Filho, que teria, como o pai, momentos igualmente difíceis.

Em 1938, Celso Pinheiro Filho foi preso e condenado, sob a acusação de comunista, pelo Tribunal de Segurança Nacional. Em 1946, nomeado prefeito de Teresina, pelo então Interventor Federal, Vitorino Correia, Celso Filho sofreu uma das mais acirradas campanhas de difamação da época. Em defesa do filho, Celso Pinheiro passou a publicar versos ofensivos e insultuosos contra Eurípides Clementino de Aguiar, que liderava os opositores ao filho do poeta.

A consequência dessa briga foi a demissão sumária da cadeira de professor de Literatura da Escola Normal, para que fora nomeado por Miguel Rosa. Com a posse de Eurípides Clementino de Aguiar no Governo, o primeiro ato da área educacional foi a demissão do poeta. Celso Pinheiro retornaria depois ao cargo, e passaria a viver com os magros proventos de revisor do jornal *O Piauí* e de escriturário da Chefatura de Polícia.

As torturas sofridas por Celso Pinheiro Filho durante a prisão resultaram em grave seqüela física ao jovem advogado.

A ampla produção que legou é bem um completo itinerário de sua existência. Poeta de signo pessimista, busca nos símbolos da morte a exegese para a dor que era permanente em suas orações. Se há, de um lado, a revelação dos quadros da infância, os matizes da adolescência, o sofrimento da orfandade, na fase mais aguda do seu desalento era a morte o tema predileto de sua concepção:

OUTONO

*Outono! Ermo, viuvez... As folhas arrancadas
Rezam, ao léu do vento, estranhas orações...
Lá vão elas, Senhora! São minhas ilusões!...
Ai, eu pareço bem as árvores peladas!...*

*No silêncio criador dessas noites magoadas
Eu ouço dentro em mim o pregar dos caixões
E escuto, desolado, as serras e os formões...
Lá fora o mocho tem risos que são facadas!...
Sou o mais infeliz dos poetas do Norte!
Ó padre Outono, vem! Eu quero comungar,
Que existem no meu seio oficinas de morte!*

*E as folhas lá se vão! Lenços de despedida!...
Ai, quem me dera eu ir para não mais voltar,
– Frágil folha a rolar nos barrancos da vida!*

(*Poesias*, 1939)

Não é preciso cotejar a obra de Baudelaire para constatar a profunda influência do autor de *Flores do Mal* sobre a produção poética de Celso Pinheiro.

A morte o fascinava. Os abutres, os urubus, os violinos de outono, os salgueiros e outros signos da poética baudelaireana foram constantes em sua poesia.

Ao lado dos poemas em que a dor, a angústia e o desalento são sentimentos predominantes, há as peças incomparáveis sobre o tema do amor, a mulher, com toda expressão de beleza possível à imaginação do poeta.

*Tu estás dentro de minh'alma, como
A flor está no fruto, que começa
Sob a forma risonha de promessa
Para a esbelteza mágica do assomo!...*

*Meu coração é como um lindo tomo
Cheio de ti, da tua graça, nessa
Beleza encantadora que se expressa
Na miniatura lírica de um cromo!...*

*Há faúlhas de abelhas luminosas
No seu sorriso cheio de bondade,
Carreirinho de louras nebulosas!...*

*O seu prestígio excede ao meu apreço,
Que és o lírio mais puro da cidade
A moça mais bonita que conheço!...*

(Poesia e dor)

CELSON PINHEIRO nasceu em Barras (PI) a 24 de novembro de 1887. Fez o primário em Teresina, mas não concluiu o ginásio. Órfão dos pais, teve de trabalhar muito cedo para assegurar o seu sustento. Começou na imprensa como revisor-chefe de *O Piauí*. Em 1931, vítima de perseguição política, planejou mudar-se para São Luís, mas resolveu permanecer em Teresina, apesar das dificuldades que enfrentava. Em 1914 casa-se com Liduína Mendes Frazão, com quem teve Celso Filho, Edméa,

Maria, Wanda e Diva. Liduína morre em 1932. Em 1938, envolvido em problemas políticos ideológicos, Celso Pinheiro Filho, na faixa dos 23 anos, é preso e condenado pelo Tribunal de Segurança, sob a acusação de comunista. Oito anos mais tarde, Celso Filho é nomeado prefeito de Teresina pelo Interventor Vitorino Correia. Nomeado professor de Literatura, cadeira recentemente criada na Escola Normal, permaneceu pouco tempo na função, sumariamente demitido em julho de 1916 pelo então governador Eurípedes Clementino de Aguiar. Em 1926, Celso Pinheiro ganhava a vida trabalhando como escriturário da chefatura de Polícia, secretário do Liceu Piauiense e revisor-chefe do jornal *O Piauí*, onde esteve até 1928, quando o governador João de Deus Pires Leal muda toda a equipe do órgão. Doente, nervoso, “enorme insônia e cruel inapetência”, por volta de 1917 empreende viagem ao Sul do Estado, percorrendo Gilbués e Santa Filomena, andando a cavalo, conhecendo as “colinas vistosas e as malhadas da região” e aspirando o ar saudável das campinas. Segundo relato de Bugyja Britto, em 1925 “amigos, admiradores e confrades do meio literário piauiense, inclusive estudantes secundários e do Liceu, organizaram-se para mandar imprimir toda a obra poética de Celso Pinheiro”. A edição só saiu em 1939, sob o título de *Poesias*, e com o selo editorial da Academia Piauiense de Letras. Trata-se de um volumoso livro de 538 páginas, incluindo a farta produção do poeta: *Almas Irmãs*, publicada em 1907 em parceria com Antônio Chaves e Zito Baptista; *Flor Incógnita*, editado em 1912; e os poemas escritos a partir daí.

Boêmio, é na poesia que encontramos os elementos substanciais à compreensão de sua vida. Jovem ainda, nas noites desregradas e longas, adquiriria a “doença do século”, passando a sofrer as consequências do mal que levou dezenas de poetas à sepultura, no começo do século, e em pleno alvorecer da vida. Como Augusto dos Anjos, Baudelaire, Rodrigues Alves, Cruz e Souza, mitigado pela dor provocada pela tosse impertinente que lhe sacudia a alma, esperava a qualquer instante a chegada da morte, a que chamava carinhosamente de Dona Branca.

CELSO PINHEIRO morreu no dia 29 de junho de 1950, mesma data do falecimento de outro notável poeta brasileiro, Antonio

Francisco Da Costa e Silva. Morreu em Teresina, terra que amou profundamente. O *Jornal do Comércio* registrou, dias depois, os pronunciamentos de Múcio Leão e Olegário Mariano, na Academia Brasileira de Letras, em sessão de 6 de julho, exaltando as qualidades literárias e humanas dos dois consagrados vates.



ZITO BAPTISTA

ALMAS IRMÃS Inconvergência de Estilos

Os três poetas que integravam o volume de versos *Almas Irmãs* (Celso Pinheiro, Zito Baptista e Antônio Chaves) se encontravam nas emoções, mas se separavam no estilo, havendo, entre eles, um sentimento comum: a melancolia.

Depois da grandeza de Celso Pinheiro, o poeta RAIMUNDO ZITO BAPTISTA foi o que conquistou mais aplausos. Foi, sem dúvida, um dos mais festejados do seu tempo. Jornalista, crítico, analista criterioso do cotidiano.

Celso Pinheiro, em arguta análise da obra poética de Zito Baptista, considerando-o um dos mais brilhantes do país, afirma que “ninguém se lhe avantajava no requinte da forma, no cunho da essência ou na ressonância maravilhosa dos ritmos”. Olavo Bilac vê na poesia de Zito Baptista “versos de alto sentimento e esmerada feitura, inspirados e sóbrios”.

Celso Brandt nos transmite a opinião, segundo a qual “entre os poetas que fizeram a glória da poesia brasileira no começo do século, Zito Baptista se destaca por seu lirismo simples e comunicativo, por sua modéstia, por sua curta vida, cheia de harmonia e de beleza”. Agripino Grieco vê no poeta de *Harmonia Dolorosa* “um artista modesto e sóbrio, de uma fina sensibilidade”.

O domínio da técnica parnasiana era uma das grandes virtudes de Zito Baptista. J. Cardoso do Nascimento Jr. esclarece que o poeta, “apesar de não haver acompanhado a evolução das novas estéticas literárias, terminou dominando a técnica da forma parnasiana”.

O requinte na construção do poema, o cuidado meticuloso na tessitura do soneto garantiram a Zito Baptista lugar de destaque na opinião da crítica.

É de Osvaldo Orico o entendimento, segundo o qual “a grande colméia intelectual do Piauí, donde se tem irradiado muitos dos mais formosos espíritos da moderna geração intelectual brasileira, tem em Zito Baptista um representante requintado no verso”.

No contexto da literatura brasileira Zito Baptista foi, antes de tudo, um romântico. “Não no sentido pejorativo de escrever versos confeitados de pieguices, borbulhantes de lágrimas históricas. Mas no sentido de ser poeta que transmite às suas produções um calor suave de sentimento e uma sinceridade de emoção menos comuns na maioria dos nossos versejadores”, assegura Raul Machado.

Na observação fisionômica do poeta Ademar Rocha, no panegírico ao autor de *Harmonia Dolorosa*, conclui que Zito Baptista, de “pequena estatura, figura pouco fotogênica, a revelar a hiperastia do tímido e do introspectivo, de olhar fugidio na moldura de umas órbitas profundas, sem poder disfarçar o que viria a ser no final melancólico de sua existência, nem por isto deixou de ser, ou por isto mesmo veio a ser um dos mais brilhantes cultores das musas em nossa terra”.

Monólogo de um Cego é considerado um dos mais belos poemas da literatura brasileira, tornando-se marco referencial do poeta, assim como *Saudade* lembra Da Costa e Silva e *Estranhas Lágrimas*,

Félix Pacheco.

Realçada a sua grandeza poética, o prosador, revelado na crônica do cotidiano e na observação crítica da sociedade, não mereceu o devido destaque. Tito Filho, numa breve análise do homem de letras, cultor das musas e observador da vida, revela que “o estilo de Zito Baptista era leve, fácil e agradável. Fez prosa de muita preocupação com o social, com os problemas políticos, com a vida”.

RAIMUNDO ZITO BAPTISTA nasceu a 16 de setembro de 1887, no povoado Natal, município de Teresina, hoje Monsenhor Gil. Iniciando-se nas primeiras letras com o pai, João José Baptista, cunhado de David Caldas, avô, portanto, do poeta, Zito Baptista deixa o povoado e se transfere para Teresina, onde deveria continuar os estudos. “Mais sonhador e romântico do que o irmão, Jônathas, Zito entregou-se de corpo e alma ao poder inebriante da poesia” – relata Bugyja Britto. A mocidade sonhadora de então tornava mais bela a fantasia de viver. Os grandes recitais, as conferências, os saraus literários reuniam os altos valores mentais, transformando encontros culturais em verdadeiras competições de conhecimento e inteligência. O primeiro decênio do século começava a revelar nomes notáveis em todos os gêneros de cultura. Sensibilidade à flor da pele, o ambiente dos salões de festa, os embates culturais pela palavra escrita ou declamada e a fascinante beleza de mulheres notáveis e encantadoras faziam de Teresina um ambiente propício às expansões maravilhosas do espírito. A sociedade, entre tantas beldades a ornar os salões de festas e conferências, tinha suas deusas, as mais decantadas e desejadas pela juventude cheia de vigor. Uma dessas incomparáveis rainhas era Yayá Pearce, filha do inglês Thomas Pearce, belíssima figura de mulher, noiva do então estudante de Direito Pedro Borges da Silva. Morta prematuramente, o desaparecimento da jovem comoveu todo o Piauí e fez aflorar nos poetas o sentimento de dor e saudade. Em *Chama Extinta*, sob o título *Santa*, Zito Baptista revela toda a sua comoção:

*Quando fomos levá-la ao Campo-Santo
Nessa manhã de tênue claridade,
Havia em tudo uns laivos de saudade
E em cada olhar resplandecia o pranto...*

*Choravam todos. Ela, no entanto,
Por entre a luz que vem da mocidade
Tinha no rosto a mesma suavidade
E aquele mesmo extraordinário encanto...*

*Moça e bonita! A morte arrebatou-a
Na idade azul do sonho e do mistério
Quando a existência é tão divina e boa...*

*Eu, contudo, ainda a vejo como outrora
E não como a levei ao cemitério:
Linda, vestida de Nossa Senhora...*

Zito Baptista foi redator da revista *Alvorada*, diretor da Imprensa Oficial do Piauí e colaborador dos principais órgãos de comunicação de sua época. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, foi ali funcionário do Ministério da Agricultura, de onde saiu por ter sido aprovado por concurso para o cargo de telegrafista do Ministério da Viação e Obras Públicas. O jornalismo o acompanhou. Foi redator de *O Jornal* e militou em vários órgãos de imprensa do Rio.

Membro da Academia Piauiense de Letras, morreu aos 39 anos de idade, no dia 20 de dezembro de 1926.

Obras:

ALMAS IRMÃS (em parceria com Antonio Chaves e Celso Pinheiro), 1907 – a sua parte recebeu o título de PEDAÇOS DO CORAÇÃO; CHAMA EXTINTA, publicado no Rio de Janeiro em 1918; HARMONIA DOLOROSA, 1924. A Editora Brasileira Lux, do Rio de Janeiro, coletou num volume

o que denominou de POESIAS REUNIDAS (1924). Zito Baptista publicou ainda alguns discursos, conferências e teses, dentre as quais a que escreveu sobre a obra de Alcides Freitas (1911/1913). Ensaísta, escreveu ainda estudos críticos sobre as personalidades de Hermes Fontes, Guimarães Passos, Higino Cunha, Lucídio Freitas, Eça de Queiroz. Em 1973 a Companhia Editora do Piauí publicou um volume sobre a obra do escritor: ZITO BAPTISTA – O POETA E O PROSADOR, com anotações de A. Tito Filho.

MONÓLOGO DE UM CEGO

*Falaram-me do sol! Maravilhoso o sol
Refulgindo na altura...
Ah! se eu pudesse ver, assim como um farol
Imenso e inacessível
Em vertigens de luz sobre as nossas cabeças!...
E - eterna desventura -
Eu fiquei a pensar: por que o sol invencível
Não rasga o negro véu de minha noite espessa
Quando brilha na altura?*

*Falaram-me das florestas e das aves!
Das aves, cujo canto
Põe na minha alma em febre uns arrepios suaves
De vaga nostalgia...
Ah! se eu pudesse ver as aves e as florestas!
Soberbo o meu encanto!
Se eu pudesse aclarar a minha noite sombria,
Quando ouvisse enlevado em delírios e festas
Num soberbo canto
Todo poema de amor das aves nas florestas!

E o mar? Onde o mais belo símbolo da vida?*

*O mar é um rebelado!
Que vive noite e dia, em soluços gemendo
De cólera incontida.
A investir contra o céu como um tigre esfaimado!
É lindo o mar no seu desespero tremendo!
Eu não o vejo não! Mas chega aos meus ouvidos
E escuto alucinado
A música fatal dos seus grandes gemidos!
Há toda uma história enorme a interpretar
Nesse choro convulsivo e incessante do mar...*

*Ah! que destino o meu! que desgraçada sorte
Me traçou, pela terra, a mão de um Deus Brutal!
Na vida, em vez da vida, anda comigo a morte,
A escuridão sem fim...
Tenho a envolver-me o corpo a asa torpe do mal.*

*E falam-me do céu, das aves e das flores;
E dizem que o mundo é um paraíso, assim,
Todo cheio de luz, de aroma, de esplendores!
E eu creio! Eu creio em tudo...
Os homens têm razão! eu creio e desejava
Vendo sumir-se ao longe a minha noite amara
Ver o mar, ver o sol no firmamento mudo
A brilhar!... a brilhar!...*

*Mas o meu grande sonho, o meu sonho infinito
É outro, um outro ainda: o que me faz chorar
E há de, em fúria, arrancar-me o derradeiro grito
Quando eu daqui me for, aos trombolhões, a esmo.
É a ânsia indefinida, o desejo profundo
De conhecer o que há de mais original no mundo,
De conhecer a mim mesmo!*

Porque a julgar, talvez, pelo mal que me oprime

*Eu devo ser, por força, um monstro desconforme.
Na eterna expiação do mais nefando crime
Atado ao poste real de minha dor enorme!...*
(Do livro *Harmonia Dolorosa*, 1924)

Nota: Composto em alexandrinos, o poema intercala sextilhas, favorecendo o ritmo e tornando o texto apto para a leitura em voz alta.

Chama Extinta e a Crítica

Classificado pela revista Fon-Fon como uma das melhores estréias nacionais de 1918, o volume de versos *Chama Extinta*, recebeu da crítica especializada as mais consagradas manifestações de aplausos. Olavo Bilac, ao parabenizar o poeta, disse que os seus versos tinham “alto sentimento e esmerada feitura, inspirados e sóbrios”. Entusiasmado, o Conde de Afonso Celso censura Zito Baptista pelo título da obra, alegando que em todas as composições “há a flama viva, brilhante, do sentimento e da inspiração”.

Remígio Fernandes, outro notável analista da literatura brasileira, via em *Chama Extinta* “um livro de sentimento e de idéias, onde a arte foi a preocupação dominante, preocupação que se fez amargura e obsessiva”. Outros jornalistas e críticos saudaram com euforia o aparecimento da obra, dentre os quais João Ribeiro, Osvaldo Orico, Cláudio Ganns e os grandes jornais cariocas e paulistas. Alfredo Guimarães, maravilhado pela excelência da poesia que estava lendo, disse que a arte de Zito Baptista tinha o cunho “sincero de uma confissão. É intensamente pessoal; em cada verso dos seus poemas palpitam, sonoras e emocionantes, as vibrações dos seus nervos; e o seu livro de versos *Chama Extinta* é um retrato moral do poeta”. Buggy Britto, ao afirmar que a poesia de Zito Baptista tem ritmos agradáveis, sonoridades musicais e simplicidade invejável, completa o raciocínio incluindo o poeta na corrente parnasianista, escola a que se filiou nos mais variados momentos de sua carreira literária.

ANTONIO CHAVES

POEMA DA MÁGOA

*D*os três integrantes da coletânea *Almas Irmãs*, Antonio Chaves foi o de menor ressonância, mas, paradoxalmente, aquele que mais se aproximou das correntes de renovação poética do momento. Nele coexistiam as marcas fundamentais do simbolismo e do parnasianismo, aliás, duas linhas de conduta frequentemente encontradas nos grandes poetas do começo do século.

Em *Poema da Mágoa* já se percebe o tom audível da melancolia de um poeta que transformava a dor em cantos angustiados pela solidão. Celso Pinheiro viria a definir o poeta na confluência dos seus anseios e nos impulsos mágicos do esteta que nele coabitava.

O fascínio pelas águas do “velho monge”, cujo símbolo tem gerado peças de inestimável valor no rocal da poesia piauiense, fê-lo produzir um dos grandes sonetos de nossa literatura:

Descendo o Parnaíba

*Nas águas, vêm que límpidas bonanças...
Que verde o destas árvores florindo!
Parece o verde dessas esperanças
Que em nossos corações brotam sorrindo.*

*Como as almas sonâmbulas e mansas
Dos lírios virginais que estão dormindo,
Quantas almas de cândidas crianças
Há nas estrelas que vêm surgindo!*

*Tu és quadro dessa natureza!
Minha alma, ao ver em ti tanta beleza,
De ti somente se tornou cativa...*

*Sem sol a flor sucumbe, morre a planta...
Dá que eu sinta, portanto, ó minha Santa,
O sol do teu amor! Faze que eu viva!*

(Nebulosas, 1916)

Nasceu ANTONIO CHAVES em Teresina, no dia 26 de abril de 1883. Fez em sua terra, de onde nunca se afastou por muito tempo, os estudos iniciais. Não teve tempo de prosseguir com os estudos, pois necessitava ganhar a vida. Passou a trabalhar como redator de alguns dos principais jornais da época, até ingressar no serviço público. Formando na “vanguarda das atividades” que culminou na fundação da Academia Piauiense de Letras, em 1917, ocupante da cadeira número 3, cujo patrono é José Coriolano de Souza Lima, apesar de sua destacada expressão literária, não teve biógrafos. Os dados disponíveis sobre a sua vida são

escassos. Poeta de boa estirpe, integrou, com Celso Pinheiro e Zito Baptista o volume de versos *Almas Irmãs*, tendo a sua parte recebido o título de *Poema da Mágoa* (1909). Engajou-se, no começo de sua carreira literária, até mesmo por um determinismo da época, à escola parnasiana, incursionando sempre que possível à linha simbolista. De estirpe romântica, abriu clarões de modernidade na poesia de então, tornando-se um dos primeiros experimentalistas da estética pré-modernista.

Morreu a 22 de fevereiro de 1938, aos 55 anos de idade.

AMÉLIA DE FREITAS BEVILÁQUA

PIONEIRISMO FEMININO

*U*ma das mulheres mais importantes da cultura brasileira do começo do século, Amélia de Freitas Beviláqua não teve ainda sua obra devidamente analisada e conhecida dos seus conterrâneos. Pioneira na criação de uma revista exclusivamente feminina, esse espírito de vanguarda foi levado à Academia Piauiense de Letras, onde tornou-se a primeira mulher titular de uma cadeira, a que tem por patrono seu irmão, Clodoaldo Severo Conrado de Freitas, hoje ocupada por Monsenhor Joaquim Chaves.

AMÉLIA CAROLINA DE FREITAS nasceu na fazenda Formosa, município de Jerumenha, filha do casal José Manoel de Freitas, que se tornaria Governador interino do Piauí e Governador da Província do Maranhão, tendo sido ainda (1884) Presidente da Província de Pernambuco, onde passou a morar. De amplo prestígio, chegou a ser escolhido Desembargador do Tribunal de Justiça de Goiás, morrendo antes

de assumir; e de Thereza Carolina da Silva Freitas. Veio ao mundo no dia 7 de agosto de 1860.

De aprimorada cultura geral, Amélia falava fluentemente o inglês e o francês e um português castiço e bem pronunciado. Conheceu Clóvis Beviláqua, de quem se tornaria esposa, em São Luís (MA).

Líder das mulheres do seu tempo, “em Recife – onde assentou os alicerces do seu segundo lar, desabrochou sua esplendorosa inteligência; chefiava uma constelação brilhante de mulheres, poetisas e escritoras de real talento, que cedo se impuseram à admiração pública”.

Sua presença nos jornais pernambucanos começa em 1898. Logo depois escreve para a *Revista do Brasil*, editada em São Paulo. Aos poucos se impõe como intelectual de invulgar talento.

Passando a morar no Rio de Janeiro, em março de 1912 lança, com Clóvis Beviláqua, a revista mensal *Ciências e Letras*. Amiga de Machado de Assis e Euclides da Cunha, de Joaquim Nabuco e Raimundo Correia, de Araripe Júnior e mais de uma dezena de notáveis da inteligência brasileira, Amélia Beviláqua tornara-se centro das atenções culturais, não apenas das mulheres, mas de homens que a admiravam e a aplaudiam.

No Rio de Janeiro, onde passaram a morar a partir de 1906, a casa dos Beviláqua tornou-se centro de encontros intelectuais, com a presença das mais festejadas figuras da inteligência brasileira da época. Humberto de Campos, em apreciação feita nas memórias que escreveu, destacou que “a bondade do casal Beviláqua não se limitava a recolher sob a proteção do seu carinho os pequenos esfarrapados que lhe batiam à porta. Levavam sua ternura e a sua piedade aos próprios animais”. Está aí a síntese do calor nordestino, na proteção aos necessitados e amparo aos que buscavam o seu conforto. Outro notável escritor brasileiro também escreveria sobre o decantado aconchego do lar dos Beviláqua: “Uma das coisas mais agradáveis, mais deliciosas, mais encantadoras que me têm sido dado a apreciar na vida é a convivência com a família Beviláqua”, garante Sílvio Romero. Farias Brito também registrou suas impressões: “Na família do Dr. Beviláqua encontrei o quadro vivo da felicidade”.

É vasta a bibliografia de Amélia Beviláqua. Sobre *Angústia*, romance editado em 1929, João Ribeiro disse tratar-se de “um belo livro, humano, de estudo psicológico bem meditado e bem escrito(..)”. Mais recentemente, a historiadora cearense Maria Luiza Motta de Menezes falou sobre a trajetória de felicidade que iluminou a estrada percorrida pela escritora: “Os seus dias foram resplandecentes de luz e os seus livros transmitem mensagens de fé e esperança”.

Amélia publicou 21 livros e uma enorme quantidade de artigos espalhados em revistas e jornais de pelo menos cinco Estados brasileiros.

A importância intelectual de Amélia Carolina de Freitas Bevilaqua não se restringe aos universos territoriais do Piauí, onde nasceu, Maranhão e Pernambuco, mas alcança o Ceará, o Rio de Janeiro e outros Estados do Brasil onde sua obra é conhecida e divulgada.

Pioneira em algumas iniciativas culturais, foi a primeira mulher brasileira a fundar uma revista literária feminina, com corpo redacional só de mulheres. A revista literária mensal *O Lyrio*, fundada em Recife em 1903, era o desaguadouro das aspirações literárias das mulheres brasileiras do começo do século.

Amélia Carolina de Freitas era filha do Desembargador José Manoel de Freitas, pai de Clodoaldo, que governou as Províncias do Maranhão e Pernambuco. Quando casou com Clóvis Bevilaqua, a 5 de maio de 1883, Amélia gozava as vantagens políticas do pai, então Governador da Província do Maranhão. O casamento foi celebrado na igreja de Santo Antonio, em São Luís, pelo padre Doroteu Dias Freitas.

O episódio mais marcante da vida de Amélia Bevilaqua, ao lado daquele em que Clóvis, ainda estudante, a salvara de um afogamento, foi, certamente, o veto masculino ao seu nome, quando se propôs a disputar a vaga de Alfredo Pujol, na cadeira 14, da Academia Brasileira de Letras, em 1930. Alegaram os distintos senhores da Academia que os Estatutos da instituição faziam referência a “brasileiros” e nessa expressão (demonstra, indignado, Sílvio Meira) só estariam compreendidos os homens.

Clóvis Bevilaqua, fundador da Academia, magoado diante da atitude dos seus colegas de arcádia, resignou-se, afastando-se das

reuniões do colegiado.

O episódio chegou à opinião pública através do *Jornal do Brasil* (edição de 31 de maio de 1930), que concluía uma longa reportagem sobre o assunto, afirmando:

A intolerância da Academia com as mulheres é mais uma prova de que ainda atravessamos no Brasil um período de barbárie.

Considerando “um golpe tremendo” no feminismo, o JB permaneceu amplamente favorável a Amélia.

Algumas das vozes mais autorizadas da inteligência brasileira manifestaram suas opiniões sobre a grandeza intelectual da notável piauiense. Amélia de Freitas Bevilaqua não era apenas mulher de Clóvis, mas uma das mais fulgurantes inteligências femininas do país, num período de preconceitos e discriminação. José de Alencar, que patrocinara seu pedido, não teve forças para convencer a maioria.

Entre quase três dezenas de opiniões condenando a atitude da Academia Brasileira de Letras, destaco a de Spencer Vampré, catedrático da Universidade de São Paulo, classificando o ato de “uma violência. É uma violência e, como toda violência, fere mais quem a pratica do que quem a recebe”.

Afonso Celso, João Ribeiro, Laudelino Freire, Ademar Tavares, Odilo Costa, Paes Barreto entre inúmeros outros intelectuais brasileiros manifestaram sua indignação contra o injusto princípio. De qualquer modo, a histórica sessão de 29 de maio de 1930, presidida por Aloísio de Castro, revelou um intolerável preconceito contra a mulher, felizmente vencido anos após por outra nordestina, Rachel de Queiroz, que abriu caminho para que outras notáveis mulheres brasileiras chegassem à ABL. Hoje a instituição que negou a Amélia Bevilaqua o direito de disputar uma vaga, é presidida por uma mulher - Nélida Piñon, que em entrevista ao *Diário do Nordeste* (Fortaleza, 21/07/97) recupera o passado da ABL dizendo que a Academia “não põe espartilho na língua e não

exerce censura. Não faz expurgos estéticos nem ideológicos”.

Amélia Beviláqua ficou viúva em 26 de julho de 1944. Dois anos depois, a 17 de novembro de 1946, morria, no Rio de Janeiro.

Entre uma vasta quantidade de crônicas, contos e poesias publicados em diversos jornais e revistas do país, destacam-se ainda as seguintes obras:

ALCYONE, 1902; ASPECTOS, 1906; INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA, 1906; ATRAVÉS DA VIDA, 1906; SILHOUETTES, 1906; LITERATURA E DIREITO (em parceria com Clóvis Beviláqua), 1907; VESTA, 1908; ANGÚSTIA, 1913; AÇUCENA, 1921; JEANNETTE, 1928; MILAGRE DO NATAL, 1926; DIVAGAÇÕES SOBRE A CONSCIÊNCIA, 1931; FLOR DO ORFANATO, 1931; RECORDAÇÕES DO DIA 7 DE AGOSTO DE 1933 e ALMA UNIVERSAL, 1935.

OS ÚLTIMOS NOMES DE UMA GERAÇÃO

BERILO NEVES

O ROMANCISTA DA MULHER

A mulher brasileira começou a assumir espaços na sociedade com as leis trabalhistas de Getúlio Vargas, a conquista do direito ao voto e a paulatina participação no mercado de trabalho, onde passou a assimilar atitudes e comportamentos classificados de “masculinos”, como fumar, mascar chicletes, beber e dançar fox.

Berilo Neves tinha pouco mais de 30 anos quando publicou *A Mulher e o Diabo*, romance de motivos femininos debatendo as “liberdades” que as mulheres estavam obtendo na sociedade.

Por mais de 15 anos – entre 1925 e 1940 – Berilo Neves foi um dos escritores mais lidos no país. A temática desse notável parnaibano variava entre as preocupações com a sociedade de massa que afluía nas suas características mais desumanizantes e a fina ironia com que conduzia a narrativa. A mulher estava se libertando do jugo masculino, o patriarcado perdera, com a revolução industrial, o espírito autoritário e a mulher passou

a impor uma conduta próxima da igualdade de direitos.

Berilo Neves pincelava a mulher pela faceta da argúcia e da dissimulação, quase sempre responsabilizada pelo retrocesso social e pelas mazelas da família, vez por outra abalada por escândalos inescandíveis.

Berilo Neves integrava a vasta legião de homens que reagem às conquistas femininas. Em suas narrativas é nítida a sua preferência por armar situações contrárias ao avanço da mulher no mercado de trabalho, ao direito de fumar, dançar e beber e à sua presença nas reuniões tradicionalmente dominadas e controladas por homens.

As transformações sociais em curso eram aceitas pelo escritor, desde que nelas a mulher permanecesse no seu papel tradicional de dona de casa, rainha do lar, longe dos burburinhos sociais, destinada apenas às tarefas de cozinhar, costurar e suportar a autoridade masculina. Saíam do autoritarismo de um pai e aportavam noutra, o do marido, com as mesmas atitudes de dominação.

BERILO DA FONSECA NEVES nasceu em Parnaíba a 21 de março de 1901. Forma-se em Farmácia na Bahia, de onde é transferido para o Rio de Janeiro, então capital da República. Segue a carreira militar, alcança o generalato. Escreve para os principais jornais de sua época, prefacia livros, resenha algumas obras lançadas e se torna crítico literário de conceito. Jornalista, poeta, filólogo, crítico, romancista, onde situa melhor o seu gênio criador. Presidente do Touring Clube do Brasil, conselheiro da Associação de Imprensa, professor adjunto de português do Colégio Militar e do Colégio Pedro II. Presença obrigatória nas páginas de revistas nacionais importantes, como *Careta*, *O Malho*, *Revista da Semana*.

O seu romance de costumes *A Costela de Adão* recebe de Afrânio Coutinho a seguinte impressão:

“... é um blague, diante dos velhos motivos femininos”.

A literatura desse notável parnaibano, que enchia páginas e páginas de jornais e revistas de sua época, está agora relegada ao

esquecimento. Recentemente, em alentado estudo no “Cadernos de Teresina” (dezembro de 1995), João Kennedy Eugênio traça um ligeiro perfil do escritor, revelando lances interessantes de sua postura contrária à evolução da mulher na sociedade. Cláudio Bastos, em *Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí* (1994), classifica-o como escritor de grande sucesso nacional na década de trinta.

Berilo Neves morreu em 1974, no Rio de Janeiro. É patrono da cadeira 20 da Academia Parnaibana de Letras e foi sócio-correspondente da Academia Piauiense de Letras.

Obras:

A COSTELA DE ADÃO, 1929; A MULHER E O DIABO, 1930; LÍNGUA DE TRAPO, 1934; SÉCULO XXI, 1934; CIMENTO ARMADO, 1936; CAMINHO DE DAMASCO, 1939.

As idéias de Berilo Neves sobre a mulher

Houve uma mulher chamada Eva, que desgraçou o primeiro homem existente no mundo, a ponto de forçá-lo a trabalhar num planeta em que até as lagartixas anônimas e os besouros analfabetos não precisam de emprego para viver.

Mas houve outra mulher, chamada Maria, que ajudou a redimir o gênero humano, e é mais bela do que a Luz e mais pura do que a inocência.

• • •

Quando não joga tênis ou a vulgaríssima peteca, a mulher moderna vai ao cinema, fuma, ingere coquetéis ou repinta os lábios e a alma. Muitas, já entre nós, mastigam o abominável chiclete. Em breve darão murros, como os

homens, e disputarão corridas de motocicletas (uma mulher que anda de motocicleta é sempre um monstro de saias).

• • •

As mulheres desejam roubar-nos o cigarro para desmoralizar esse último atributo que se conserva másculo e forte.

Elas já nos roubaram o hábito de ter os cabelos curtos; já surrupiaram os suspensórios; já nos “bateram” a bengala; já nos usurparam o colarinho; estão agora a tomar-nos as calças de fora, porque as de dentro há muito que se segregaram e lhes deram fim diverso do que tinham.

Agora, sob o pretexto de conseguir direitos de que as esbulhamos, tomam-nos empregos; concorrem conosco nas repartições públicas; chorando e fazendo beicinho, abiscoitam os melhores lugares no comércio, dirigem automóveis.

• • •

A verdade é que sempre detestei as damas ricas em gordura, do mesmo modo que sempre detestei as pernas tortas, os cabelos cor de fogo, os livros mal escritos, o arroz mal cozido, a roupa mal feita.

Ostentar uma barriga grotesca, um corpo desmedido, é mais que um crime contra a dignidade humana: é um pecado mortal.

Deus livre o Brasil das barrigas grandes e das mulheres sem cintura.

(A Costela de Adão; A Mulher e o Diabo)

CENÁCULO PIAUIENSE DE LETRAS

Em sete de setembro de 1927 surge, em Teresina, o Cenáculo Piauiense de Letras. Era um movimento de jovens, espelhados no êxito da Academia Piauiense de Letras, que pretendiam dar a sua contribuição às letras regionais. O Cenáculo foi instalado em sessão solene no prédio da Assembléia Legislativa, copiando o mesmo modelo da APL: 30 membros, os patronos escolhidos entre os titulares vivos das cadeiras da agremiação fundada por Clodoaldo Freitas.

A instituição compunha-se de 30 cadeiras, das quais três ocupadas por mulheres. Entre outros, integraram o Cenáculo Piauiense: Othon Rego, primeiro presidente; Antônio Neves de Melo, Antônio Félix de Mello, Júlio Antônio Martins Vieira, Antonio Veras de Holanda, Álvaro Tito Castelo Branco, Antônio Bugyja Britto, Osires Neves de Mello, Zenóbia Ribeiro, Eudócio da Costa Neves, Thales de Amarante Ribeiro, Júlia Ferreira Gomes, Othília Silva.

Foi o Cenáculo Piauiense de Letras que em 1928 promoveu a eleição do “Príncipe dos Poetas Piauienses”. Da Costa e Silva foi eleito com 35 votos, seguido de Jonas da Silva, com 12; Celso Pinheiro, 4 e Martins Napoleão, 4.

Os jovens, quase todos na faixa dos 20 anos de idade, à exceção de Eudóxio Mello, de idade avançada, desenvolviam seu jornalismo e suas idéias no jornal *O Lábaro*, fundado em 1926 por Antônio e Osires Neves de Mello, cuja circulação girava em torno de 500 exemplares semanais.

De 1927 a 1932 o Cenáculo Piauiense de Letras exerceu profunda influência no destino das letras piauienses, consagrando alguns nomes que se tornariam referência no contexto literário do Piauí.



DA COSTA ANDRADE – A polêmica figura de José Severiano da Costa Andrade haveria de se firmar como referencial de uma poesia de espírito indagativo e de preocupação com o ambiente, o homem e as liberdades sociais. Natural de Simplício Mendes (PI), onde nasceu em 12 de dezembro de 1906, foi promotor público em Floriano, diretor da Escola Normal Antonino Freire e diretor da Imprensa Oficial do Estado. Sua presença no Cenáculo Piauiense de Letras só ocorreu na segunda fase, a partir de 1930, com a saída de Laurindo Raulino, a quem substituiu. Da Costa Andrade participaria de outros movimentos culturais, dentre os quais a Academia dos Rebeldes, em Salvador (BA), quando ali estudava. Nomes como Jorge Amado, Dias da Costa, Alves Ribeiro, Clóvis Amorim integravam o movimento renovador das letras baianas. Ao retornar ao Piauí em 1932, Da Costa Andrade torna-se promotor público, servindo em Oeiras e Floriano, onde exerce o magistério. Em 1924 foi eleito prefeito de Simplício Mendes, iniciando carreira política que o levaria à Assembléia Legislativa. Mudando-se para Brasília, ali chefiou o escritório da Novacap

e dirigiu a Fundação Educacional do Distrito Federal. Foi ainda chefe do Gabinete do Ministro da Educação, Clóvis Salgado.

Em 1927, quando saiu a 1ª edição de *Rosal da Vida*, livro de poemas de Da Costa Andrade, o escritor Jorge Amado exaltou que a publicação “significou, na ocasião, a glória para a Academia dos Rebeldes”. Reeditado em 1996, sob o selo da Fundação Cultural Monsenhor Chaves, a obra reproduz uma carta do autor baiano, afirmando que todos os que integravam a Academia dos Rebeldes louvaram a poesia de Da Costa Andrade. A exaltação de Jorge Amado não estancou aí, foi mais além, ao afirmar: “Para mim não havia poesia melhor. Da Costa Andrade era o meu poeta. Continua a ser”.



JUGURTA CASTELO BRANCO – Um dos escritores injustiçados de nossa história literária, Jugurta Castelo Branco nasceu em Teresina a 28 de junho de 1901. Estreou na literatura em 1928, com o livro de poemas *Poeira dos Sonhos*. Em 1929 saiu com um romance: *Brasil de Cuecas*, despertando a atenção de Medeiros e Albuquerque, Adolfo Aizen e João Ribeiro, que não lhe negaram elogios. Dosava a narrativa com o humorismo saboroso e sadio. Intérprete dos fatos pitorescos do cotidiano. Morreu no Rio de Janeiro a 26 de setembro de 1946.

O Cenáculo Piauiense de Letras haveria ainda de projetar figuras exponenciais da história literária do Piauí, dentre as quais Inocêncio Machado Coelho, Sebastião Vasconcelos, Sylvio Carvalho, Wagner Cavalcante, Laurindo Raulino, Felismino Weser, Álvaro Ferreira, Antonio Félix de Mello, João Ferry, Maria Iara Neves, Osiris Neves de Mello, Veras de Holanda, entre outros poetas, cronistas e biógrafos, cuja contribuição às letras piauienses é reconhecida este ano, quando o Cenáculo completa 70 anos de fundação.



DOMINGOS MARTINS FONSECA

A RAPIDEZ DO PENSAMENTO

*D*omingos Martins Fonseca é considerado o mais completo repentista do Nordeste e um dos mais notáveis do Brasil. Integra o elenco de grandes violeiros, de que fazem parte Rogaciano Leite, Rodolfo Cavalcante, Firmino do Amaral, Cego Aderaldo, Lourival e Dimas Batista, Zé Pretinho, Zé da Prata, Siqueira de Amorim, entre outros renomados improvisadores.

O poeta nasceu na cidade de Miguel Alves no dia 13 de junho de 1913. Era uma vocação inigualável para o repente. Mas não se restringiu apenas às cantorias. Compôs belos poemas e sonetos, onde revelava sua angústia e desolação com a vida.

Domingos Fonseca esteve presente a inúmeros encontros e congressos de cantadores. Em 1948 participou do certame organizado

por Rogaciano Leite em Recife, realizado no teatro Santa Isabel, do qual foi uma das principais estrelas. Publicou em 1956 o seu livro de versos *Poemas e Canções*, editado em Salvador (Bahia).

Referência obrigatória em todas as publicações do gênero, Domingos Fonseca é patrono da Casa do Cantador do Piauí, tendo sido homenageado pela cidade de Teresina, que ergueu seu busto em frente ao Teatro de Arena. É homenageado em todo o Nordeste.

Nas notas que escreveu em *O Dossiê do Fonseca*, Antonio Carlos Barreto registra o cognome do poeta, devido a sua enorme capacidade de improvisação. Chamavam-no “Armazém de improviso”.

Era imbatível numa peleja.

Morreu a 28 de abril de 1958 em Fortaleza (CE), onde residia.

Eis alguns momentos de grandeza do poeta:

Justificando o encanto de um fidalgo português que ouvia a cantoria entre ele e Siqueira de Amorim:

*O fidalgo está gostando
por duas simples razões:
primeira é que nossos versos
são bonitos e são bons,
e são forjados na língua
de Luiz Vaz de Camões.*

Um improviso sobre fim de tarde:

*No sertão, à tardezinha,
a saudade mais se aguça;
a asa negra da noite
sobre o dia se debruça,
aos pés da Ave-Maria
a nossa alma soluça.*

FIRMINO TEIXEIRA DO AMARAL – Poeta popular dos mais respeitados do país, tendo estudado na França e nos Estados Unidos, foi o criador da “*Peleja do Cego Aderaldo Com José Pretinho do Tucum*”. A literatura em torno dessas “pelejas” garante que tais desafios jamais existiram, sendo fruto da privilegiada inteligência do grande cantador. Citado em todas as antologias, dicionários e enciclopédias sobre a poesia popular no Brasil, Firmino Teixeira do Amaral é visto por Átila Augusto F. de Almeida e José Alves Sobrinho (*Dicionário Bio-bibliográfico de Poetas de Bancada*) como “poeta popular mais brilhante que já deu o Piauí, um dos maiores do Nordeste”. É vasta a bibliografia de Firmino, com textos conhecidos e cantados em todo o Nordeste, especialmente no Pará e em Pernambuco. Cunhado do cego Aderaldo, a ele é atribuída parte da fama que o repentista cego conseguiu em vida.

Uma das mais conhecidas peças da cantoria popular do Brasil, “A Taboada”, criação de Firmino, foi arrolada por Câmara Cascudo, em *Vaqueiros e Cantadores* como de autoria de Jacó Passarinho. As pesquisas posteriormente corrigiram o equívoco de Cascudo, identificando a verdadeira autoria do texto, que é de Firmino Amaral.

Eis o exemplo do jogo de palavras, que é feito com números pares e ímpares:

*Duas vezes me preparo,
quatro vezes me seguro,
seis vezes eu me apuro,
oito vezes me declaro
dez vezes não me separo.*

*Doze vezes em jejum,
quatorze pelo comum,
dezesseis vezes me aprove.
É 15, é 13, é onze, é 9
É 7, é 5, é 3, é 1.*

*Agora vou divertir
cantar fora do comum;
Canto brando e moderado,
sem zoada e sem zum-zum.
É oito, é sete, é seis, é cinco
É quatro, é três, é dois, é um.*



OCTAVIANO MELLO – Em 1967 o Governo do Amazonas editou o *Dicionário Tupi (Nheengatu) – Português e Vice-Versa*, de Octaviano Mello, que incluiu no texto um dicionário de rimas. O prefácio foi escrito pelo governador amazonense, na época, Artur César Ferreira Reis. Na introdução, Anísio Mello afirma tratar-se de “um dicionário prático, no qual o estudante ou estudioso do idioma encontrarão os subsídios etimológicos necessários para explicar esta ou aquela palavra introduzida no português do Brasil.

Natural de Barras, Octaviano Augusto Soriano de Mello nasceu a 24 de dezembro de 1889. Mudou-se com a família dez anos depois para o seringal Caxinauã, no Amazonas, onde prosseguiu com os estudos. Tornou-se Juiz de Direito e nessa condição visitou a terra natal em 1933. No Amazonas, percorreu todos os municípios do Estado, fundou a cidade de Ambrósio Aires e tornou-se personalidade destacada na região do rio Autaz, em cuja cidade foi presidente do Sindicato Agropecuário e fundador do jornal *O Autaense*. Como líder estudantil em Manaus, fundou a *Tribuna Acadêmica*, de onde despontou como articulista de primeira água, colaborando nos principais órgãos da imprensa amazonense. Dedicou-se ao magistério e à magistratura e seu nome é hoje emprestado a inúmeras ruas espalhadas nos mais diversos municípios do Amazonas. O Governo do Estado publicou ainda *Topônimos Amazonenses* (Manaus, 1967) – estudo da etimologia do idioma Tupi, com explicações etimológicas de termos. Uma das grandes expressões piauienses do cenário cultural do Amazonas, Octaviano Mello morreu na cidade de Tefé, interior daquele Estado, a 24 de janeiro de 1947.

TERCEIRA GERAÇÃO

Fase Modernista - Fase Vanguardista
1940-1965 1965-1995

Meridiano • Clip • Mimeógrafo

A GERAÇÃO MODERNISTA PRÓ-MODERNISMO

De Martins Napoleão a Mário Faustino

Quando a Academia Piauiense de Letras era fundada em Teresina, o poeta Benedito Martins Napoleão do Rêgo iniciava a sua carreira publicando poemas e artigos em jornais e revistas de Belém do Pará, ao lado de Oswaldo Orico, Peregrino Júnior, Péricles de Moraes e outros grandes nomes da literatura brasileira. Na época, o espiritonovismo fermentava a Europa e Apollinaire bradava que “os poetas querem, enfim, um dia, manejar a poesia, como manejam o mundo”. O “espírito de construção e de síntese, guiado por uma concepção clara”, conforme os franceses, começava a chegar ao Brasil, mais precisamente a São Paulo, onde mais tarde eclodiria, oficialmente, a revolução modernista da arte: a Semana de Arte Moderna de 1922.

No Piauí, essas manifestações não haviam chegado. Permanecia aqui a forma parnasiana da poesia, o simbolismo estrutural, a arte literária enraizada nas pilastras da tradição clássica. O romance de

Abdias Neves permanecia como o de maior importância e nenhum movimento era iniciado para a mudança e integração aos novos ventos que deveriam soprar do Sul.

Esse estado de aparente morbidez haveria de permanecer até 1927, quando Martins Napoleão, retornando de Belém, publicava em Teresina o seu livro de poemas *Copa de Ébano*, revitalizando a poética e iniciando o que chamaremos de “Modernismo” piauiense.

Martins Napoleão trazia de Belém uma vasta experiência literária, e a formação humanística recebida, ao lado de um caráter de profundo respeito ao ser humano, exerceram na sua poesia influência decisiva na estrutura e na forma de suas criações. Pertencente ao que classifico de grupo Pró-modernista, o poeta trazia ao Piauí uma respeitável bagagem, introduzindo aqui as bases para a formulação de uma nova consciência literária.

Um clássico renovado

É de Martins Napoleão a carta que transcrevo, esclarecendo equívocos cometidos em *A Nova Literatura Piauiense*.

Rio de Janeiro, 7 de abril de 1975

Ilustre Confrade e Conterrâneo

Sr. Herculano Moraes:

Com muito agrado recebi o seu trabalho “A Nova Literatura Piauiense”, que analisa e projeta, com acuidade crítica e compreensivo entusiasmo, apontando os representantes mais expressivos de uma época brilhante e fecunda, da qual, sem demérito para os demais, bastaria destacar H. Dobal.

Como o lúcido ensaísta, sob o título – “A Geração Modernista”, se refere à minha poesia, com apreciação generosa a respeito de minha participação no movimento

literário que eclodiu oficialmente em 1922, permita-me um breve depoimento, e, também, concessa vênia, corrigir manifesto equívoco quanto a minha filiação poética.

Minha contribuição, despretensiosa e modesta, mas profundamente pessoal, para a renovação literária no Brasil, data de 1917, quando estreei em jornais e revistas de Belém do Pará, ao lado, entre outros, de Oswaldo Orico e Peregrino Júnior, diletos amigos meus de sempre, numa fase que chamaríamos de pro-modernista, já assinalada em publicação do admirável contista de “Matupá” e do extraordinário Péricles de Moraes.

Não obstante minha rigorosa formação humanística, procurei dar novo colorido ao processo poético, vitalizando-o na substância e no acidente, e foi o que, no meu regresso ao Piauí, em 1924, busquei difundir, inclusive através do Suplemento Semanal em “O Piauí”.

Por longos anos de atividade literária, mantenho-me fiel às minhas raízes, como desde “Copa de Ébano”, até “Tema, Coral e Fuga”.

Se me fosse possível definir-me, diria que sou um neoclássico – um clássico renovado e em permanente renovação: romântico no fundo e clássico na forma.

Não sei porque podem encontrar em mim influência de Byron, pois a ele sempre preferi os grandes de seu tempo: Keats e Shelley, aos quais talvez deva um pouco da difusa melancolia dos meus versos.

Se constitui influência o deixar-me contaminar pela arte e pela beleza expressa por outrem, tenho dívidas para com todos os antigos e modernos que leio apaixonadamente.

A Dante (o Alighiere), por exemplo, não lhe sendo nem mesmo discípulo remoto, colhi muito do meu estilo, assim na técnica do decassílabo como no gosto das comparações, que reaparece forte em D'Annunzio.

*Uma coisa, porém, meu caro confrade, não posso ser:
discípulo devoto de Dante Milano.*

*Fraterno amigo meu de há bem mais de 50 anos,
companheiro de estudos, de leituras, de traduções, guiados
por quase idênticas preferências, ao grande poeta que
estreou em livro em 1952, quando o fiz em 1927, não sou
filiado por nenhum modo. E, se o fosse, com isto me
honraria.*

• *Se há alguma coisa que se pareça entre nós, é que a nossa
poesia nasceu no mesmo tempo, foi alimentada pelas
mesmas fontes, seguindo paralelas o seu destino.*

*Muito grato,
o conterrâneo amigo
Martins Napoleão*

A poesia de Martins Napoleão é agradável, forte, grave, musical. Poesia cheia de encantamento e mistério, busca na tradição a essência, vestindo a poética de um sentimento absolutamente universal. O gosto camoniano, a vitalidade clássica dos símbolos que se enraízam em variados degraus do romantismo inglês, a “melancolia difusa” dos seus versos, ao que parece, alcançam muito mais do que a influência de John Keats e Percy Bysshe Shelley, como assegura o poeta. O sabor byroniano não significando, portanto, uma bifurcação, mas um encontro do mesmo sentimento lírico despertado por Coleridge.

Trata-se, portanto, de um poeta total, provavelmente, ao lado de Júlio Martins Vieira, aquele que tem conseguido manter a postura universal da poesia piauiense, sem o desgaste das correntes e sem o envelhecimento temático.

Copa de Ébano, traduzindo a ânsia do poeta pelas mudanças que pudessem revitalizar a poesia, foi o manifesto, a emoção estética mais oportuna num momento de transição social e econômica para a comunidade piauiense. O poeta já havia iniciado a preparação desse processo com publicações no suplemento de *O Piauí*. Mas a sociedade cultural da época

permanecia indiferente, enlevada pela glória dos nomes que constituíram a “fase áurea” da literatura piauiense.

O DESTINO DA LIRA

Martins Napoleão

*Dói recolher, na concha e na alma, o alheio pranto
– Orvalho a gotejar de outras raízes...
Mas é tão doce a dor de o transformar num canto
Que console infelizes!...*

*O destino da lira é como o das estrelas,
Belas e inúteis, aparentemente:
Mas a força vital e infinita que há nelas
Faz brotar a semente.*

*O destino da Lira é o destino das rosas,
morrendo mas deixando o aroma que erra,
Ou no ar ou no esplendor das mulheres formosas,
Como um bem feito à terra.*

(Copa de Ébano, 1927)

O POEMA DA FORMA ETERNA

Martins Napoleão

*(Ó infinito sonho!
O grande céu azul desfolhado no espaço!
O homem pequeno e louco
E o barro úmido às mãos do oleiro cego!)*

*Expressar cada um
O seu minuto culminante de beleza,*

*O seu instante de bondade extrema,
O seu momento de heroísmo
Na subitânea íntegra pureza
De uma forma imperecível!
Como o coágulo de luz no diamante sem jaça,
Qual se a gota de orvalho, por ventura,
Imagem matinal do sorriso da luz,
Se condenasse repentinamente.*

*Não a forma perfeita,
Porém aquela, exata e duradoura,
De um ápice de síntese.*

*Forma que se transfunda, num jato, a substância
De um momento imortal entre dois limites inúteis do tempo
fugaz.*

*Uma forma que seja – nos limites do vário e mudável –
perene.*

*E possa traduzir a integração, a plenitude e a culminância
Do glorioso momento da vida:*

O desejo de fixar o efêmero para o tornar eterno.

*Como o oleiro inocente, com as mãos carregadas de sonho,
Procurar transmitir ao barro paciente,
Numa manhã feliz em que os deuses se vestem de luz,
O movimento, a vida, a elástica e nervosa agilidade
Da asa de um pássaro voando...*

*E o pintor, com os olhos impregnados de cores viventes,
Anseia revelar, numa combinação imprevista de tintas,
Em que a luz e a névoa se misturem,*

E a virgindade da manhã se case

À difusa tristeza do crepúsculo,

Num tom maravilhoso,

O úmido olhar do amor que pecou por prazer...

*E o músico, de coração sangrante de harmonias,
Tenta subjugar, num acorde que encerre
O resumo de todas as únicas notas supremas
Arrancadas das cordas soluçantes
Dos violinos de todos os artistas
Que morreram em êxtase de sonho.*

*A expressão musical das primeiras estrelas
Que iluminam o silêncio da tarde,
Como lágrimas de adolescentes...
E o atleta, que tem o sentido dos ritmos nos músculos
submissos,
Busca perpetuar, numa imagem que esplenda
Clara e vibrátil como uma ode pindárica,
E tenha a assustadora beleza da vitória sobre a morte,
Ao pasmo olhar da multidão de fôlego suspenso,
O salto sobre o abismo.*

*E o herói, que mede o valor da vida pela beleza oportuna
da morte,
Ambiciona cunhar, numa imagem que ostente
O soberano orgulho do desprezo
E a coragem consciente do perigo,
O simbólico exemplo
Do primeiro soldado que tombou
Com um sorriso nos lábios e uma rosa de sangue no peito.*

*E o santo que transcende as leis humanas
Aspira a eternizar, numa imagem que seja,
A própria infinitude de todos os êxtases
E todas as bondades sem nenhuma recompensa
O gesto irrepetível
Do instante de humildade e de renúncia
Em que se debruçou para beijar o leproso na boca,*

Como um lírio num charco...

*E o poeta, flauta cheia do sopro
Quer reunir, a um acesso instintivo de forças genésicas
Num canto absoluto
O irrevelado espírito das coisas,
A harmonia que ninguém ousou captar,
A beleza invisível para os outros.*

*E o lavrador, que espera a benção de Deus,
Deseja aprender, numa imagem que vibre
Como a entranha da agreste companheira
Sob as primícias da maternidade,
A alegria da terra,
Rasgando o próprio seio sem doer
Para as eclosões das primeiras sementes.*

*Como o oleiro o seu momento de inocência criadora,
E o pintor, o seu momento de domínio incomparável da
matéria plástica,
E o músico o seu momento de cósmica integração,
E o atleta o seu momento de superação definitiva,
E o herói o seu momento de vitória espetacular,
E o santo o seu momento de êxtase supremo
E o lavrador, o seu momento de esperança milagrosa
E o poeta o momento de seu canto absoluto
Todos aspiram a perpetuar-se
Moldando o grande sonho em forma eterna.
Todos desejam essa alegria perfeita
Da forma em que se transfunda, num jato, a substância
Do momento imortal, único, entre os dois limites extremos
e inúteis do tempo fugaz.*

(Caminhos da Vida e da Morte, 1941)

BENEDITO MARTINS NAPOLEÃO DO RÊGO, uma das maiores forças da poesia piauiense de todos os tempos, nasceu na cidade de União (PI) a 17 de março de 1903. Advogado, professor, jornalista, poeta. Um dos fulgurantes vultos da literatura brasileira. Escritor. Foi diretor da Instrução Pública no Piauí; professor Catedrático de Português do antigo Liceu Piauiense e da Escola Normal Antonino Freire; Inspetor Federal de Ensino junto ao Ginásio Municipal São Francisco de Sales, em Teresina. Morreu no Rio de Janeiro, funcionário aposentado do Banco do Brasil, a 30 de abril de 1981.

Obras:

Poesia:

COPA DE ÉBANO, 1927; POEMAS OCULTOS, 1930; POEMAS DA TERRA SELVAGEM, 1940; CAMINHOS DA VIDA E DA MORTE, 1941; POEMAS HUMANOS E DIVINOS, 1942; O PRISIONEIRO DO MUNDO, 1943; OPUS 7, 1953; O OLEIRO CEGO, 1956; PEQUENA ANTOLOGIA DE POEMAS ALHEIOS, 1960; TRÊS CANTOS DO PURGATÓRIO, 1961; TRÊS CANTOS DO PARAÍSO, 1961 e TEMA, CORAL E FUGA, 1966.

Tem poemas vertidos para a língua espanhola por Gastón Figueira (Uruguai) e Juan Felipe Toruño (El Salvador).

Prosa:

ÉTIMOS INCERTOS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 1927; O SENTIMENTO BRASILEIRO NA OBRA DE BILAC, 1927; DO LATIM CASTRENSE AO ROMANCE, 1928; INFLUÊNCIA DANTESCA NA OBRA DE CAMÕES, 1928; A CRIANÇA – PROBLEMA BÁSICO, 1932; CADERNO DE CONFERÊNCIAS, 1944; O PIAUÍ E O NORDESTE (ASPECTOS E PROBLEMAS DE SUA VIDA SOCIAL – 1942); EPOPÉIA CAMONIANA, 1972 e CANCIONEIRO GERAL, 1980.

RESISTÊNCIA E TRANSIÇÃO

MARTINS VIEIRA
ISABEL VILHENA
JOÃO FERRY

De 1927 a 1940 o chamado modernismo piauiense passaria por duas fases. É o período da resistência, na transição entre modelos já consagrados e o espírito da temática regionalista, onde as lições da poesia universal se misturariam ao sentimento cívico de amor à terra.

Júlio Martins Vieira e Isabel Gonçalves de Vilhena consagrariam o épico regional, incorporando aos poemas de nítida influência camoniana a temática variável de motivos piauienses.

É de Júlio Vieira este primor de poema:

*O céu que ri, depois fecha a carranca,
irado, amarfanhando o punho - a renda branca;
disfarça num muxoxo ao fuzilar de um raio.
O sol se inclina mais, olhando de soslaio
E, ouvindo o rataplã dos bombos no infinito,
oculta-se, a fugir, qual um astro proscrito.*

*Na cúpula central da Sé da eternidade
bimbalham carrilhões. Desaba a tempestade.
Mil raios e silvar, cor de aço, coruscantes,
soprando em pleno espaço os cebês trovejantes,
parecem pentear as crinas encrespadas dos negros
esquadrões das nuvens rebeladas.*

*Vêm elas a rugir. Um furacão sacode-as.
Matracam mil trovões, fantásticas rapsódias
por entre o fuzilar de estranhos azorragues.
Avisos de Tupã, mostrando tudo ou nada.
A força sem matéria à frente da lufada!...
Começa o crepitar de roucos alaridos.
Metálicos, febris, soluços mal sustidos
uivando em derredor. Um arrastar de pesos
no sótão da amplidão, vem sacudir retesos
os nervos a fremir, que esperam pela chuva.
Debalde! O céu se opõe, arremessando a luva.
(Canto da Terra Mártire, 1977)*

A forma é antiga. A temática, no entanto, nos leva às noites tenebrosas da Teresina do começo do século, açoitada pelos sucessivos raios que desabavam do céu, sucedidos por barulhentos e aterradores trovões, provocando medo e tremor na cidade assustada. Ventos fortes pareciam arrancar raízes da terra, as copas das árvores balançando-se ao fragor das tempestades. Depois a calma, a deliciosa sensação de paz, com o vento fresco ainda percorrendo suavemente as ruas enlameadas.

Poesia épica, universal, com temas variando quase sempre sobre os motivos da terra piauiense, os dramas do homem nordestino, as desgraças e venturas de uma comunidade condenada a conviver com os paradoxos das secas e das enchentes, tendo de permeio a solidão. Poesia rica, fecunda, de incomparável grandeza, na forma e na concepção.

Canto da Terra Mártire é um dos mais preciosos momentos da poesia piauiense.

Menotti Del Picchia, encantado com a leitura do livro, fez o seguinte comentário:

Assim, no meio dos escombros de tantas escolas, do desencanto de sucessivas gerações, isolados já alguns

resultados autênticos e puros frutos de tão atormentada busca, o retorno aos antigos ritmos – tão solenes e belos na sua poética – representa um descanso na dura e insatisfeita caminhada. São eles um alto ponto de referência neste já longo procurar de novas fontes de beleza.

Dos inúmeros depoimentos sobre a obra inconfundível de Martins Vieira, destaco os três que seguem, mostrando a força criativa da natureza na madura concepção do autor:

O sol forte da terra piauiense dardeja a tua alma. As chuvas prepararam em ti o húmus e as nobres fermentações espirituais. E dessa combinação de forças meteóricas e telúricas, aliadas ao sofrimento de seres humanos, que testemunhastes, nasceram, sob forma poética, os temas de denúncia da terra ecologicamente sofredora e do homem vergastado pelas soalheiras. (Anísio de Abreu Cavalcante).

Enamorado na Natureza, deixa nelas transparecer esse encantamento pagão e panteísta em imagens felicíssimas, com acentuadas tonalidades de verdade científica. (Edison Cunha).

Os versos de Martins Vieira trazem a marca inconfundível do talento e do poder criador. (Fabrício de Areia Leão).

Nascido em Teresina a 29 de abril de 1905, JÚLIO ANTÔNIO MARTINS VIEIRA bacharelou-se em Direito no Piauí. Foi aluno da Escola Militar do Realengo, professor de Física no Liceu Piauiense, matemático, magistrado. Orador de grandes recursos, jornalista dos mais respeitados na história da imprensa piauiense, formando com Eurípidés de

Aguiar e Ofélio Leitão a trindade imperecível do jornalismo panfletário e combativo. Membro da Academia Piauiense de Letras. Morreu em Teresina, a 20 de julho de 1984.

Obras:

CEIA DAS SOVELAS (teatro) e GETULÍADAS (paródia camoniana), publicados em 1928; CANTO DA TERRA MÁRTIR (duas edições: 1973 e 1977).



ISABEL VILHENA – Quando se decidiu a mostrar publicamente suas poesias, Maria Isabel Gonçalves de Vilhena já era nome bastante conhecido na intelectualidade piauiense. Professora do Colégio Diocesano, do Colégio Sagrado Coração de Jesus e da Escola Normal Antonino Freire, sua fulgurante inteligência, aliada ao talento poético, logo se afirmaria no panorama das letras locais. Mas o grande público só viria conhecer a grande poetisa em 1944, quando publicou *Seara Humilde*, poesia timbrada pelo enlevo dos melhores momentos do lirismo. Martins Napoleão, sobre o livro, diz que “esta colheita da poetisa piauiense quer parecer humilde na aparência, mas, em realidade, é uma bonita oferta lírica”. Nascida em Teresina a 20 de agosto de 1896, Maria Isabel Gonçalves de Vilhena ocupou na Academia Piauiense de Letras a cadeira que pertenceu a Da Costa e Silva. Além de *Seara Humilde*, publicou ainda *Nada*. Escreveu algumas das mais belas crônicas sobre a vida e a espiritualidade das pessoas. Morreu às 21h30 do dia 19 de dezembro de 1988, em Teresina.



JOÃO FERRY – Teresina completava cem anos de fundação quando o poeta João Ferry publicava o seu canto de amor à cidade centenária: *Chapada do Corisco* é volume recheado de belas alegorias sobre uma cidade que estava crescendo, ainda assustada com as faíscas que cortavam a noite decependo árvores, cortando fios elétricos, iluminando a escuridão das noites tenebrosas. Foi um encanto para o poeta ver a enorme multidão aglomerada nos arredores da Praça São Benedito, ouvindo a sagrada oração de Dom Avelar Brandão Vilela e dos bispos que com ele concelebraram as sucessivas missas daquela noite, enquanto versos de sua lavra eram declamados nos bares e saraus.

A poesia de João Ferry tem duas fases: a do parnasianismo multiforme, onde o lirismo solto e livre predomina sobre a métrica e a uniformidade estilística; e a da transição entre a forma rígida e a liberdade da concepção já aceita por alguns dos seus contemporâneos. Essa procura de libertação dos processos matemáticos da métrica e da forma. Ensaçou alguns passos em direção a essa nova ordem, mas não prosseguiu a caminhada. Não teve tempo.

João Ferry desenvolvia o gosto pela poesia descritiva, mas o forte das suas concepções era a veia satírica, dosada de uma objetividade exemplar. Personalidade multifacética, João Ferry percorreu o Estado levando aos tablados as alegres comédias que escreveu. Ao escrever *A Sétima Secção Eleitoral de Buraco Fundo*, revelou seu tom picaresco e cáustico, ao projetar as mazelas dos embates e interesses políticos dos períodos eleitorais.

Sobre sua bela e alegre poesia, alguns dos maiores expoentes das letras piauienses têm opinado. O ensaísta e crítico M. Paulo Nunes, ao classificar Ferry de “menestrel” de sua geração, acrescenta que “João Ferry viveu, como ninguém, a sua poesia, e viver foi nele uma forma de cantar”.

Nas comemorações dos cem anos de nascimento do poeta, em 16 de abril de 1995, o escritor, acadêmico e crítico Francisco Miguel de Moura traçou o perfil do homenageado:

Era uma personalidade versátil, multifacetada. Além da técnica de guarda-livros, sabia inglês e francês, praticava o jornalismo assiduamente, tanto quanto a poesia e o teatro. Além disso, era declamador, seresteiro e tocava flauta.

Na análise da vida e da obra do poeta, J. Miguel de Matos afirma que João Ferry, de origem humilde, não teve condições de continuar os estudos, tornando-se poeta “mais pela saudade e pela desgraça perene da terra”. Na exaltação de Eulino Martins, João Ferry “morreu como viveu, carregando ao longo dos sessenta e seis anos bem vividos, as amizades que fez, deixando amizades e, em todas elas, uma revolta imensa contra a morte, que o chamou tão cedo para o convívio sem angústia da eternidade”.

Morreu em Teresina a 23 de setembro de 1962.

Segundo apontamentos de Francisco Miguel de Moura, o poeta enviou à gráfica os originais de *Meu Brasil*, a família pretendia publicá-lo depois de ocorrida sua morte, mas, devido aos graves erros verificados na composição, o projeto ficou para depois e não foi concretizado.

Ferry desenvolveu o gosto pela preservação das lendas do rico folclore piauiense, onde as lendárias figuras do Cabeção, do Cabeça de Cuia e da Maria Não se Pode percorrem suas páginas, num resgate valioso de nossa paisagem histórica e humana.

Obras:

PRINCÍPIOS, em parceria com Luiz da Paixão Oliveira. Teresina, 1914; OS MEUS SONETOS, 1916; EMBUSCA DE LUZ (coletânea em prosa e verso), Rio de Janeiro, 1922; O CABEÇÃO (folheto em prosa e verso), Teresina, 1937; CHAPADA DO CORISCO (coletânea em prosa e verso), Teresina, 1952.

A NÃO SE PODE

João Ferry

*Quando eu era menino andava em voga
A história da “Não se Pode”,
Uma mulher esguia, que de toga
Como um fantasma, à toa, de pagode
Altas horas da noite então vagava.*

*E quando alguém seu nome perguntava
Invariavelmente respondia,
Com a voz cava e cheia de agonia:
“Não se Pode!” “Não se Pode!”*

*Era um fantasma esquisito e feio
De estatura comum, mas que crescia
Toda vez que cigarros acendia
Nos lampiões das esquinas e do passeio.*

*Escaveirada, de carão ossudo,
Olhos sem brilho, sem nenhum clarão,
A “Não se Pode” era um duende mudo
Alma penada pela solidão.*

*Soldados de patrulha da cidade
Uma noite entenderam de segui-la.
Mas a “Não se Pode”, como um cão de fila,
Evitava qualquer intimidade.*

*Suas pegadas no chão jamais se viu
E do velho quartel para o mercado,
Seus pontos preferidos,
Era como um vulto malfadado
Dos mistérios do além, desconhecidos...*

*E quando uma noite fugia pelo espaço
"Não se Pode" também no seu regaço
Em fumaças de pós se desfazia...
A minha alma também é assim:
Se alguém sacode
Os sofrimentos que meu peito esconde
Pressurosa e bem triste ela responde:
"Não se Pode! Não se Pode".
(Chapada do Corisco, 1952)*



O fenômeno Newton de Freitas

Na opinião de J. Miguel de Matos "José Newton de Freitas é o maior fenômeno poético do Piauí de todos os tempos". De fato, a poesia do jovem autor de *Deslumbrado* encantou a todos, quando a família, procurando resgatar o que havia escrito, decidiu publicar o livro em 1940, após a sua morte. Poesia que navega pelo tempo, pela expressão sempre atual dos seus cantos.

José Newton de Freitas nasceu em Piripiri (PI) a 21 de novembro de 1920. Aos 17 anos foi forçado a abandonar os estudos, para, em viagens a centros mais desenvolvidos, procurar cura para a sua doença, chamada na época de "o mal do século", pois provocou a morte precoce de inúmeros luminares da inteligência brasileira e do mundo.

Mesmo doente e forçado a deixar os estudos, José Newton fez o primário no Grupo Escolar Antonino Freire; o exame de admissão e o Ginásio no Municipal São Francisco de Sales, transferindo-se para o Liceu, onde fez a quarta e a quinta séries do curso pré-jurídico, com o objetivo de ingressar na Faculdade de Direito do Piauí. Fez até o segundo ano do pré-jurídico, quando foi forçado a deixar os estudos.

Filho de um dos mais notáveis educadores do Piauí (o

professor Felismino de Freitas Weser e de dona Celina Carvalho de Melo e Freitas) e irmão de outro notável talento, o desembargador Paulo de Tarso Melo e Freitas, José Newton de Freitas traduzia nos seus poemas as suas angústias e os sonhos pueris e parecia buscar na natureza os motivos mais fortes de sua criação. Na descrição de ambientes e paisagens, na moldura dos seus cantos impregnados de amor pela vida, ele se tornou insuperável. Goeth, Rilke, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela devem tê-lo influenciado. Mas o poeta desenvolveu estilo próprio e foi, certamente, aquele que primeiro incorporou, de forma decidida, as linhas básicas estruturais do modernismo. Foi, com certeza, prejudicado pela doença, que lhe interrompeu vôos mais consagradores. A sua poesia, no entanto, pela feição inovadora e pioneira, precisa ser revista, especialmente pelos ecologistas, para que percebam que a preocupação com o ambiente já fazia parte dos temas de um dos mais notáveis poetas piauienses deste século. O professor Felismino Weser, ao apresentar o livro do filho:

Vejo-o através do manto da dor, na consubstanciação da angústia e do sofrimento, como um grito de agonia e de aflição partido de quem, como José Newton, já sentia na miragem fugidia dos sonhos a verdade dolorosa da morte.

Morreu a 8 de fevereiro de 1940.

Obra póstuma:

DESLUMBRADO, 1940

AMO A LUZ

Newton de Freitas

*Deixai que a luz invada o meu quarto todinho.
Deixai! Nem que a chuva inunde este campo em redor,
Nem que o vento frio açoite o meu corpo cansado;
Nem que a luz me beije demoradamente.
Eu amo a luz que é ósculo de Deus;*

A luz, que é ciência e liberdade!

*Sorrio à noite quando um raio de luar
Vem enfeitar o meu sono,
Intruso que salta pela minha janela
Porque sabe, talvez, que eu tenho a alma grande
E adoro as ilusões abençoadas.*

*Quando eu estiver morrendo, direi como Goeth
"Mais luz", e os que me assistirem hão de abrir as janelas
Senão eu os amaldiçoarei no derradeiro instante.*

*Mas quem sabe como será o meu momento final?
Quem sabe se haverá sol na minha última hora?*

*Deixai que a luz invada o meu quarto todinho;
A luz que é beijo de Deus a tocar-me nos olhos,
A luz que traz a poesia para os meus sonhos.*

Deixai que a luz espante esta minha tristeza.
(*Deslumbrado*, 1940)



Outros poetas

ANTÔNIO VERAS DE HOLANDA é maranhense, nascido em Caxias em setembro de 1903. Inspetor Técnico do Ensino Primário; redator do *Jornal de Floriano*; diretor do *Jornal O Estado do Piauí*; membro do Cenáculo Piauiense de Letras. Professor, poeta. Morreu em 1942.

Obras:

O TRINTA E DOIS, 1932; SOMBRAS NOTURNAS;
SUPLÍCIO e REDENÇÃO (inéditos).

SAUDADE DE ARLEQUIM

Veras de Holanda

*Foi numa tarde assim... de um dia todo assim...
De anseios, de volúpia e sonhos de morfina,
Que foste a minha bela e ardente Colombina
E eu fui o teu famoso e lúbrico Arlequim.*

*Os teus lábios nos meus, colados em surdina
Perderam, pouco a pouco, a tinta do carmim
E o meu corpo no teu roçando à pele fina.
Tinha assomos do mar em fúrias de Caim...*

*Fui Nero e fui Satã, sentindo os teus abraços.
E fui também doente, enfermo nos teus braços
Tudo, porém, se foi, é minha Colombina...*

*E agora apenas resta ao pobre do Arlequim
Uma lembrança, uma saudade infinda
Daquela tarde assim... de um dia todo assim...
(Trechos de Sua Vida e Obra, Bugyja Britto)*



ADAIL COELHO MAIA teve a mocidade ofuscada pelo sofrimento. Nasceu em São João do Piauí em 1907. “Sentia-se um homem, tendo nos instantes finais de sua vida, por companheiras inseparáveis quatro paredes despintadas de um quarto de dormir e como cinzel as vestes das noites que lhe pareceram seculares na sua agonia sem remissão”, diz J. Miguel de Matos. Na opinião do Padre José Deusdará Rocha, “é sobretudo na lírica que o poeta costuma expressar suas emoções e sua concepção da vida, mas vamos encontrar em sua obra, hoje tão fragmentada, poemas épicos e também satíricos”. Morreu em 1962.

MOMENTO FINAL

Adail Coelho Maia

*Quando eu morrer, não quero no meu leito
Um pequeno sinal de sentimento!
Sou ramo seco que, atirado ao vento,
Numa nuvem de pó fica desfeito.*

*Não quero pranto, pois me fere o peito
Nas horas tristes do meu passamento.
Quero a mudez da campa e o esquecimento
Para a minha alma ter maior proveito...*

*A minha esposa deixarei saudade
Aos filhos meus a dor indefinida
Que hei de sentir, deixando-os na orfandade.*

*Aos meus alunos, a recordação.
Sacrifiquei na escola a minha vida.
Se inútil lhes fui peço perdão.*

(Lira do Sertão, 1978)



RAIMUNDO DE ARAÚJO CHAGAS (R. Petit), paraense, nascido a 14 de março de 1894. Formação literária toda no Piauí. Inspetor Técnico do Ensino Primário em nosso Estado. Fundador, redator e colaborador de inúmeros jornais e revistas. Escrevia permanentemente no *Almanaque da Parnaíba*. Morreu em Sorocaba. Excelente trovador. É autor do Hino de Parnaíba, com música de Ademar Neves.

Obras:

NORTADAS, 1937 e ANTE OS ABISMOS DA VIDA,
1924



MANOEL FELÍCIO PINTO é maranhense, nascido a 15 de janeiro de 1896, em Mundavi (Codó-MA). Formado em Direito pela Faculdade do Amazonas, juiz em diversas comarcas daquele Estado e no Maranhão. Juiz de Castelo do Piauí, União, Altos, Jaicós, Miguel Alves, Floriano, Campo Maior e Parnaíba. Desembargador do Tribunal de Justiça. Membro da Associação Parnaibana de Letras e da Academia Piauiense de Letras.

Morreu em Teresina, a 4 de fevereiro de 1989.

Obras:

FRUTOS VERDES e FLORESTA LÍRICA



RAIMUNDO DE MOURA REGO é maranhense. Músico, poeta, romancista, trovador. Residiu nos anos finais de sua vida, no Rio de Janeiro.

Obras:

ASCENSÃO DOS SONHOS, poesia, 1936; TROVAS, 1942; GRITOS PERDIDOS, 1944; CONTRACANTO, 1979; AS MAMORANAS ESTÃO FLORINDO, romance, 1985; EM SURDINA e NOTAS FORA DE PAUTA, 1988.



LUIZ LOPES SOBRINHO, nascido em Ipiranga em 15 de janeiro de 1905, fez em Floriano o Curso Secundário (Colégio 24 de Janeiro) e o Seminário no Santo Antonio, em Teresina e em São Luís. Mas não seguiu carreira religiosa, abandonando a batina para casar-se, em 1930. Em 1931 integrou a primeira turma fundadora da Faculdade de Direito do Piauí, bacharelando-se em 1936, quando começou sua carreira de magistrado. Passou pelas Comarcas de São Pedro, Bom Jesus, Amarante e Parnaíba, de onde voltou, transferido para Teresina. Aposentou-se em 1966 como desembargador do Egrégio Tribunal de Justiça do Piauí. Morreu em Teresina, em 1984.

A poesia de Luiz Lopes Sobrinho reflete e documenta a preocupação da sociedade. São poemas que ferem e que denunciam um estado social deprimente.

Mas se a poesia sobriniana, nos dois planos que a sustentam (épico e social) é a poesia de participação e engajamento, há outro lado poético que deve ser examinado com atenção. São os poemas de circunstâncias, nos quais o poeta revela uma carga bastante forte de emoção.

Obra:

VOZES DA TERRA, 1960

VOZES DA TERRA

Luiz Lopes Sobrinho

*Desde os dias perdidos na poeira
Dos tempos já vividos e passados,
Quando a vida surgiu a vez primeira
Nos abismos dos mares agitados;
E os anfíbios subiram pela esteira
Dos rios para os campos elevados
Que a luta pela terra se processa
Sem que se tenha do seu fim promessa.*

IV

*E, em clangores medonhos, contra as feras
brandindo a dura clava e a aguda lança,
Nas mais longínquas e remotas eras
Que a memória dos vivos não alcança
E inda, na boca ardente das crateras,
Ferviam lavas em macabra dança
De cenho carregado a barba hirsuta
O primitivo ser entrava em luta.
(Excerto, *Vozes da Terra*, 1980)*

O EXERCÍCIO DA TROVA

Vasquez Filho

Oliveira Netto

Balduino Barbosa de Deus

Raimundo José dos Reis

Gênero pouco cultivado no Piauí, a trova é uma composição que a princípio parece simples, mas exige do compositor talento e capacidade de síntese.

Não são muitos os trovadores piauienses. Dos mais conhecidos, SANTIAGO VASQUEZ FILHO transformou-se numa referência nacional, destacado diretor da UBT – União Brasileira de Trovadores, de que foi presidente. Oliveira Netto e Balduino Barbosa de Deus cultivaram com sucesso o gênero, produzindo belas peças. Dos mais recentes, Raimundo José dos Reis consegue o milagre da síntese da expressão poética na quadra bem concebida.

Vasquez Filho foi membro da ABI e um dos mais conhecidos nomes da UBT. Nascido em Teresina a 4 de novembro de 1921, mudou-se para Fortaleza, onde viveu e morreu em 1991. Magistrado, militar, jornalista, poeta de boa estirpe, foi também chefe de Polícia em Teresina e Juiz de Direito no Ceará. Pertenceu a algumas academias estaduais, no Espírito Santo, no Rio Grande do Norte, no Ceará, no Rio de Janeiro e entre outros Estados. Presidente da UBT no Ceará, realizou os Jogos Florais de Fortaleza em 1977, deslocando para ali os mais famosos trovadores do país.

Além de um dos mais respeitados trovadores do Brasil, Vasquez Filho foi um sonetista seguro e consciente. É dele um dos mais declamados sonetos do país.

NATAL DE ÓRFÃO

*– Mamãe, Papai Noel não veio ainda?
No ano passado ele chegou tão cedo!...
E a mulher, voz tremente à tarde finda,
tenta encobrir o trágico segredo.*

*– Vai dormir, que ele vem!... não tenhas medo.
Olha as estrelas... como a noite é linda!...
Põe teu sapato ali, que o teu brinquedo
há de deixar, por certo!... é cedo ainda!*

*Dorme o garoto e acorda com surpresa,
vendo vazio o velho sapatinho!*

*– Ele não veio... E logo o pranto vaza...
- Sim, filhinho, não veio! Com certeza
não encontrou teu pai pelo caminho
ou se esqueceu do número da casa.*

(Bronzes e Cristais)



OLIVEIRA NETTO – Carlos Ferreira de Oliveira Netto nasceu em São Raimundo Nonato a 18 de fevereiro de 1907. Estudou humanidades no Liceu Piauiense, bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Piauí, tendo sido o orador de sua turma, em 1938. Poeta de grandes recursos, essencialmente sonetista e trovador, foi membro fundador da Associação Piauiense de Imprensa, tendo ainda colaborado em jornais e revistas de Teresina e Parnaíba. Ferrenho opositor das idéias modernistas, vez por outra incursionou no terreno dessa poesia.

É farta a sua fortuna crítica, recolhida por Hardi Filho em *Oliveira Netto - Poeta do amor e da alegria* (1993, edição póstuma). A. Tito Filho considerava Oliveira Netto “uma das grandes vozes da poesia piauiense”. Na opinião de Fontes Ibiapina, “a sua musa é toda de amor –

amor à vida, amor à arte, amor a tudo”. Uma das principais características da personalidade de Oliveira Netto – a expressão autêntica e corajosa – foi destacada por José Costa Matos, quando afirma que “poucos homens no nosso tempo têm coragem para levantar tão alto o estandarte da autenticidade”.

“Velho guerreiro do fazer poético”, na exaltada expressão de Kenard Krueel, Oliveira Netto deixa em Hardi Filho a opinião de “apologista e cultor das formas clássicas de poesia”.

Oliveira Netto iniciou a sua carreira literária em 1951, com a publicação de ÍCARO. Logo em seguida veio O AZAR DE UM FUNCIONÁRIO POETA, 1952. E ainda: ÁRIAS SONOROSAS, 1970; ÚLTIMAS ÁRIAS, 1971; RESSURREIÇÃO, 1972; FESTIVAL DE AMOR, 1975; MISCELÂNEIA POÉTICA, 1980; FIAPOS DO CORAÇÃO, 1980; FONTE DE GRANITO, 1982; DESPEDIDA, 1983; TROVAS DA AGONIA (livro póstumo, editado em 1985). O poeta morreu no dia 26 de novembro de 1983.

De enorme paixão pelo soneto, obteve na trova a mesma qualidade estética de composição.

*Um tanto desconfiado
cheguei aos pés do Senhor.
Nas costas muito pecado,
no meu peito muito amor.*

*

*Sempre que vejo um mortal
querer ser o que não é,
suponho que esse animal
não tem senso, amor, nem fé.*

*

*Quem quer ser o que não é,
por força da presunção,
quando pensa estar de pé,
há muito que está no chão.*

*

*Tenho saudade das matas
nos verdejantes baixões,
do feitiço das mulatas
nos pagodes dos sertões.*



RAIMUNDO JOSÉ DOS REIS é um trovador que ainda não retirou suas produções da gaveta. Tem sido um dos poetas de qualidade cujas obras não chegaram ao conhecimento do grande público. Natural da cidade de Picos (PI), onde nasceu a 9 de janeiro de 1934, estudou no Demóstenes Avelino e formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Piauí, de cujo diretório foi presidente. Inclinado para o jornalismo e para a literatura, dirigiu a revista *Acadêmica*, a que deu revolucionária linha cultural. Mais tarde, dirigiu também a revista *Tribuna Acadêmica*. Na administração do Estado foi diretor administrativo do Fomento Industrial do Piauí e chefe do Gabinete do Secretário de Obras, entre outras funções. Jornalista, foi diretor-secretário de *O Dia*, redator-chefe de *A Voz do Piauí*, trabalhando ao lado de Turenne Ribeiro, João Pedro Airemoraes Soares, Wagner Lemos e Herculano Moraes. Fundou e dirigiu, com Camillo Filho, o jornal *Opinião*.

Em Minas Gerais foi promotor público, retornando a Teresina.

Autor de algumas das mais belas trovas piauienses, é de sua autoria a quadra bastante conhecida em todo o Estado:

*Se eu fosse Pedro II
e contasse com esse povo,
eu ia a qualquer riacho
e dava o grito de novo.*

ANTOLOGISTA

JOSÉ VIDAL DE FREITAS herdou de Fenelon Castelo Branco o interesse pelos perfis. Uma das robustas culturas ecumênicas do país, Vidal de Freitas era um sonetista intransigente, de fundo conhecimento da forma, que imprimia nas suas concepções o sentimento lírico de amor e de saudade. Nasceu em Oeiras a 13 de novembro de 1901, morou em Recife (PE) por alguns anos, ali realizando os estudos no Ginásio Pernambucano, na Escola Batista Brasileira, onde chegou a lecionar, e no Seminário Menor. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, aluno de Gilberto Freyre. Confessava ter recebido grande influência de João Ferry, lendo e decorando suas poesias, principalmente sonetos escolhidos. Na definição de Nicolau Dino, “Vidal de Freitas era uma figura estranha de professor e Juiz”.

Poeta, jurista, escritor, profundo conhecedor dos clássicos, filósofo, latinista, mestre do vernáculo, um homem culto na exata extensão da palavra. Em 1943, quando ainda morava em Recife, publicou seu primeiro livro, *Contradição*. Em Teresina, membro do Judiciário e figura reconhecida e respeitada na magistratura e nos meios intelectuais, retomou a tarefa de Fenelon Castelo Branco na elaboração de sonetos sobre o

perfil de acadêmicos que ingressavam ou já integravam os quadros da Academia Piauiense de Letras, publicando em 1976-*Perfis Acadêmicos*. Deu a partida para o conhecimento da história humana do Tribunal de Justiça do Piauí, de que foi Desembargador, escrevendo e publicando em 1979 a monografia *Desembargadores de Ontem e de Hoje*.



FÉLIX AIRES pontificou nas letras nordestinas na mesma época em que Vidal de Freitas enriquecia com a sua palavra o acervo cultural do Estado. Nascido em Buriiti Bravo (Maranhão), tornou-se médico veterinário e chefe de Departamento do Ministério da Agricultura, em cuja função percorreu, entre outros, os Estados de São Paulo, Paraná e Guanabara. Por indicação de A. Tito Filho, com quem conviveu no Ministério da Agricultura, tornou-se sócio-honorário da Academia Piauiense de Letras. Pertenceu ao Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, à Associação Brasileira de Imprensa, à União Brasileira de Escritores, à Sociedade de Homens e Letras do Brasil, ao Centro Cultural Euclides da Cunha, à Academia de Letras José de Alencar e à Academia Maranhense de Letras, entre outras instituições. De vasta bibliografia, publicou sobre o Piauí algumas das mais organizadas coletâneas de versos produzidos por piauienses: OS MAIS LINDOS SONETOS PIAUIENSES; ANTOLOGIA DE SONETOS PIAUIENSES; O PIAUÍ NA POESIA POPULAR, em que resgata a trajetória dos nossos principais repentistas.

O REGIONALISMO FILOSÓFICO DO PRÓ-MODERNISMO

O Manifesto de 1926

A proposta básica do Movimento Regionalista de Recife, gerenciado por Gilberto Freyre em 1926, era a “articulação inter-regional” para a preservação da memória, dos valores e da própria cultura nordestina: A “defesa dos valores plebeus e não apenas dos elegantes e eruditos”, dentre outras. Não se tratava, é certo, de uma proposta contra “as obras das secas”, tão difundidas na época. Mas da reabilitação nordestina, exigindo uma participação mais digna da sociedade nacional.

Do Piauí, apenas o romancista Permínio Ásfora assimilou a orientação do movimento, com VENTO NORDESTE, SAPÉ, NOITE GRANDE e FOGO VERDE



O ROMANCE IDEOLÓGICO

Permínio Ásfora

O primeiro livro de Permínio Ásfora – *Sapé* – foi interditado pelo DIP.

É importante que se destaque que toda a obra deste notável romancista piauiense transcorre em ambiente ideológico. Ele desenvolve, quase sempre, temas ligados às greves, ao tumulto, à política, onde os fortes geralmente comandam os fracos.

Vento Nordeste é um romance político, incluído numa antologia das melhores obras do romance nordestino. A mesma linha de abordagem de questões políticas predomina em *O Eminente Senador*.

Oliveiros Litrento, em segura apreciação sobre o romance do Nordeste, publicada na revista *Leitura* (nº 14 – agosto de 1958), ressalta que “Permínio Ásfora, enraizado na Paraíba, é um regionalista autêntico, tendo o Nordeste não apenas como cenário, mas como personagem principal dos seus romances”.

– Humanissimamente nordestino, Permínio Ásfora consegue transmitir o apelo da obscura gente de uma região marcada pela adversidade, pelo desespero. De criaturas onde se nota a mais autêntica brasilidade, a representar, paradoxalmente, uma pobreza quase indigente e a dignidade do nosso povo, – diz Litrento.

O tema de *Vento Nordeste* é o sonho.

Recria as paisagens nordestinas, o clima e o meio, e descreve a história de Rafael Monteiro, obscuro ferroviário, que ganhou “como castigo por sua participação em greve contra a empresa”, uma estação: *Aroeira*.

Um arruado de 15 casas, à margem dos trilhos, com a bodega, as cantigas de sapo nas noites silenciosas, o casarão do Dr. Ferreira, mandachuva do lugar.

Os ingredientes da luta pela posse da terra voltam a compor a narrativa de Ásfora com os naturais conflitos que marcam esses temas.

PERMÍNIO DE CARVALHO ÁSFORA é de Valença (PI), onde nasceu e publicou SAPÉ, 1940; NOITE GRANDE, 1947; FOGO VERDE, 1951; VENTO NORDESTE, 1957; O AMIGO LOURENÇO, 1962; BLOQUEIO, 1972 e O EMINENTE SENADOR, 1973.

A POLÍTICA É UMA PRAGA

Permínio Ásfora

“A política é uma praga” – admite Evaristo, lendo, no matutino, um telegrama forjado no Recife, que envolve seu nome: “Comemorou a confirmação do desaparecimento do Senador Natanael, abrindo um champagne num hotel em Copacabana”. Por que tanta canalhice? Ninguém pode controlar esses escribas indecentes – e descerrou a cortina para ver melhor a rua. Automóveis em disparada, os táxis são dirigidos por enfermos da cabeça, não passariam num teste. Por que não exigem testes psicológicos para se entrar num jornal? Um projeto nesse sentido seria uma esculhambação. Maior esculhambação é a reputação alheia depender de uns neuróticos, que se vingam das frustrações ferindo a honra dos outros. Deixaria isso de lado, não ia se meter com imprensa, tinham suas prerrogativas, as associações existiam para garantir os excessos. Não havia condições de pegá-los pela gola e enfiá-los no xadrez.

De que valia a violência, se os donos, os responsáveis, os casacudos de cima não tinham a quem prestar contas? Da tribuna do Senado mais de uma vez defendera a liberdade de imprensa. Mas não era nenhum ingênuo para julgar que essa liberdade beneficiava os pequenos. Os pobres não têm jornal, só participam da imprensa quando as notícias são ruins. Para que se aborrecer? Ali estava

Papaleu, seu pêlo reluzente, regressando da cozinha, o bamboleio de pilantra, esperto mestre do mundo. Quem era o doutor Cabral para bancar Conselheiro? Quando citava seus ídolos, as veias do pescoço só faltavam rebentar. Não tinha calma sequer para manter uma discussão.

(O Eminente Senador, 1973)



BUGYJA BRITTO

AS LENDAS ROMANCEADAS

*B*UGYJA BRITTO começou com a poesia, mas foi com as lendas romanceadas de Zabelê e Miridan que conseguiu se firmar como força legítima de ficcionista seguro e limpo. São livros que narram, com riqueza de expressão e detalhes, as lendas que correm nos vastos sertões do Nordeste, especialmente no Piauí. Para A. Tito Filho, Buggyja Britto “é senhor de estilo vigoroso, com a opulência das florações tropicais”. Na opinião de J. Miguel de Matos, “é escritor ardente (...) sua prosa, impregnada de forte lirismo e forte calor telúrico, mostra mais o poeta que se agita dentro de sua alma, do que o prosador que se move dentro de suas páginas”.

ANTONIO BUGYJA DE SOUSA BRITTO é de Oeiras, onde nasceu a 21 de maio de 1907. Foi aluno do antigo Liceu Piauiense. Terminou o curso de Direito no Rio de Janeiro. Jornalista, romancista fascinado pelas lendas e pelo folclore, pertence à Academia Piauiense de Letras.

Morreu no Rio de Janeiro a 3 de dezembro de 1992.

Obras:

MURALHAS (Poesia, 1934); MIRIDAN, 1960, ZABELÊ, 1962; ITAINS (Crítica, 1967); O PIAUÍ E A UNIDADE NACIONAL (história, 1976); NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS (memórias, 1977); QUATRO ESCORÇOS BIOGRÁFICOS (crítica, 1978); A HISTÓRIA DA INGLATERRA DO PEQUENO ARTUR (tradução do original inglês, 1989); DESAJUSTES E DESEQUILÍBRIOS, 1984; TRÊS ARTÍFICES DO VERSO, 1991; TRAÇOS EM CINCO BIOGRAFIAS, 1987 e AS HISTÓRIAS DO MENINO CATÔNIO, 1992.

METARA

Bugyja Britto

De longe alguém espreita. De cima duma anosa sucupira, Metara, um galhardo guerreiro da tribo dos Pimenteiros, assiste à operação manual de Zabelê, o seu cuidado, o seu trabalho, a sua arte.

– Abelhando a estas horas, filha da valorosa nação dos Amanajós – foram palavras que saíam, múrmures como as tênues águas que batem, rolando, seixos encastoados dos pequenos rios...

Zabelê ouvira esses sons que entoaram aos seus ouvidos, mas não sabia d'onde vinham. Olhou e reolhou, mas não

descobriu a procedência.

Um boré quebrou a soturnidade da região, com seus acentos algo de marcial e de ternura.

Zabelê, mais impaciente e mais curiosa, esforça-se para descobrir quem era e assim lança os olhos para os lados, para todos os lados e ouvidos, a vista e a percepção são como a embira que se tesa e retesa para nunca se afrouxar.

– Nada...

Concluída a apanha da irapuã, que se deu quando as cumbucas e coités se encheram literalmente e quando Zabelê, já pronta, se encaminha para regressar à taba, Metara desce, velozmente, da sucupira, para enfrentá-la com termos de herói surpreso.

– Queres que eu te ajude a conduzir essa irapuá até a tua taba, ó lídimo rebento dos fortes Amanajós.

– Mas se os teus são inimigos dos meus, como podes tu ir à oca dos meus pais?

– Fala, grácil Zabelê, que a tua voz tem os acordes desferidos pelo vento, quando tatala nas copas do babaçu... Tua voz me surpreende tal como a verdade que não se podia emitir...

(Zabelê, 1962)

TRANSIÇÃO PRÓ-MODERNISTA

O período (1927/1940) traduzia-se na projeção de duas correntes. Os conservadores, de instituições consagradas como a Sociedade José Coriolano, o Cenáculo Piauiense de Letras, o Grêmio David Caldas, o Bando Romeiros do Futuro e o Grêmio Amarante (os Tetéus) que igualmente se dividiam internamente na formulação de suas doutrinas e do

seu ideário; e da juventude que aplaudia e incensava Graça Aranha, Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade, Joaquim Inojosa, que tumultuavam o mundo literário de São Paulo e Rio de Janeiro, com projeções para outros Estados, como Pernambuco, Maranhão e Bahia, na pregação dos propósitos da revolução estética do modelo da vanguarda européia de Garnier e outros renovadores.

A experiência mais lúcida na fase inicial desse período foi a de Martins Napoleão, em 1927, com *Copa de Ébano*, seguida pelo entusiasmo de jovens poetas embrionários, que mudariam a forma, segundo o modelo da estética da Semana de Arte Moderna de 22.

Vale a pena registrar o esforço do editor e jornalista Kenard Krueel em pesquisar a história, retirando dela ensinamentos enriquecedores. Ao publicar o *Cadernos de Comunicação* dedicado ao cronista Vítor Gonçalves Neto (agosto de 1996 – volume 3, páginas 98/99), Kenard Krueel revela a existência de uma revista denominada O Todo Universal, editada em Teresina em 1923, que trazia o slogan: “uma revista de combate, em prol da Idéia Nova”.

As indicações bibliográficas da publicação estão, segundo a mesma fonte, no livro A SEMANA DE 22 – UMA AVENTURA MODERNISTA NO BRASIL, de autoria de Francisco Alambert, publicado pela editora Scipione em 1992. O autor remete o leitor à Revista do Brasil, de setembro de 1926, na qual está o artigo de J. J. Gomes Sampaio *Os Novos no Piauí*, em que é ressaltado o pioneirismo do Piauí nas manifestações iniciais do modernismo.

Como a história da literatura piauiense não está ainda integralmente codificada, esses registros servem de valiosos subsídios aos pesquisadores, que poderão resgatar a própria história, esclarecendo dados que permanecem ainda empoeirados nos arquivos do esquecimento.

MERIDIANO
DE CADERNO DE LETRAS
A SÍMBOLO DE UMA GERAÇÃO

O Modernismo de 22 já passara por três fases e “as trombetas do concretismo” já soavam, quando três jovens piauienses de diferentes origens, estimulados pelas experiências de outros Estados, decidiram criar uma revista que divulgasse suas idéias.

Era outubro de 1949 quando saiu o 1º número da revista *Caderno de Letras Meridiano*. O nome, segundo depoimento de O. G. Rêgo de Carvalho, um dos diretores, foi inspirado em publicação da Bahia, que teve a participação do piauiense Da Costa Andrade e de Jorge Amado.

Meridiano seria, portanto, o centro em torno do qual passariam a gravitar os jovens intelectuais compromissados com a literatura e com a sociedade.

Além de H. DOBAL, na época aluno da Faculdade de Direito do Piauí e presidente do Centro Acadêmico, a revista era dirigida por O. G. RÊGO DE CARVALHO e M. PAULONUNES. O objetivo, segundo disse a Halan Kardec o seu diretor H. Dobal, era “refletir a estética da literatura nacional”, cujo momento tinha órgãos próprios de divulgação no Rio (*Orpheu*), Maranhão (*Afluente*), Rio Grande do Sul (*Quixote*), Paraná (*Joaquim*), Rio Grande do Norte (*O Bando*) e o grupo *Clã*, de Goiás.

Nos três números da revista, foi significativa a participação dos jovens talentos da época: Martins Napoleão, já então figura de grandeza na cultura do Estado; Clemente Fortes, Da Costa Andrade, Francisco Pereira da Silva, Abraão Attem, José Virgílio da Rocha, e ainda: Fred Pinheiro, Edson Régis e Abaeté de Medeiros.

Quando Da Costa e Silva morreu, em 1950, a revista circulou com número especial dedicado ao poeta, publicando a luminosa análise da obra do autor de *Saudade*, assinada pelo professor Clemente Fortes. A reta final do curso de Direito e os compromissos que se foram acumulando, além, certamente, da histórica falta de financiamento para projetos dessa natureza, contribuíram para que a revista não tivesse continuidade, fechando com o seu terceiro número.

A revista circulou em dezembro de 1949, setembro de 1950 e dezembro do mesmo ano. Mas os três números bastaram para revelar ao Piauí e ao Brasil os multivários talentos que engrandecem a história cultural do nosso povo e demarcam limites entre a ousadia de fazer e a preguiça de esperar.

Os movimentos literários surgem assim mesmo: despreziosos, sem aspirações de longevidade. Não são projetos profissionais, de pessoas já afirmadas na vida, mas iniciativas de jovens que se comprometem com o sonho. Refletem um momento na vida de cada qual e de todos e terminam se constituindo em pontos referenciais.

A revista *Caderno de Letras Meridiano* refletiu o momento em que três jovens e mais de uma dezena de colaboradores imaginaram imprimir no papel as dúvidas, as inquietações e o pensamento de uma

época. De órgão de difusão de idéias, transformou-se em movimento. E de movimento em instituição.

Meridiano é pois o símbolo da geração literária dos anos 50. E seus principais nomes, marcas indeléveis na memória deste século.

O retrato fiel de um tempo

Para explicar o objetivo basilar da geração Meridiana, recorro ao depoimento lúcido e insuspeito de M. Paulo Nunes:

Entendíamos assim que a obra de arte, retrato fiel de nosso tempo, deveria comunicar aos leitores a mensagem dos dias em que vivemos, carregados de preocupações sociais e políticas. Convencidos estávamos também de que era “na generalização do caráter essencial da obra de arte aos meios locais, refletindo-lhes os problemas e inserindo-se em suas aflições, que residia o sentido de universalidade, pelo que se deveria exigir do romancista e do poeta uma vinculação telúrica à sua região.

A Geração Meridiana nasceu no pleno alvorecer de uma civilização disposta a mudar os destinos do mundo. A guerra entre os povos não havia deixado uma cultura social a ser seguida, nem uma estrutura ideológica que pudesse servir de modelo. Marcou, entretanto, o princípio do raciocínio de se criar, sobre os escombros de um mundo aniquilado, uma sociedade nova, dinâmica e humana, voltada para o desenvolvimento do mundo e para o crescimento ontológico do homem.

A velha Praça Pedro II, com o bucolismo do seu passeio atraindo o requinte da sociedade da época, atraía também os intelectuais, que se empenhavam em discussões amplas e produtivas, sobre os mais complexos problemas universais, à validade do ensaio crítico de um neófito que surgia.

Caberia a esta geração uma difícil tarefa. A de expressar a solidão humana, as angústias do homem, a sua corrida para uma fraternidade ainda hoje inalcançada. Os modernistas surgiram através da Arcádia, que se constituíra favorecida pelas defecções do Clube dos Novos, “a que se juntaram apressados adventícios, alguns dos quais sem o mais remoto compromisso com a literatura”, para usar uma expressão de M. Paulo Nunes. A revista *Caderno de Letras Meridiano* foi o instrumento de divulgação desses novos valores, alguns que viriam depois a se tornar figuras de primeira grandeza na literatura nacional, como é o caso de O. G. Rêgo de Carvalho e H. Dobal. Posteriormente, outras correntes passaram a se manifestar, certamente em busca de teto para suas tendências de pensamento. Criou-se a Academia Mafrensina de Letras e o Movimento de Renovação Cultural, dentre outros. Agregavam correntes de diferentes características, mas todas com o desejo de mudança e participação.



NOMES DO PERÍODO

ALVINA FERNANDES GAMEIRO é de Oeiras, nascida a 10 de novembro de 1917. Romancista, poetisa, professora, pintora. Talento inconfundável. Romancista de estilo vigoroso, ao nível linguístico de Guimarães Rosa. Retoma a origem latina da palavra para recriar ambiência ruralista na sua narrativa. Exata na formulação do texto. Íntegra no discurso verbal e na caracterização dos personagens. *Curral de Serras* é o ponto alto da literatura dessa notável piauiense. Para usar uma expressão de A. Tito Filho, “Alvina fotografou essa linguagem que se mantém no caipira, no matuto. A grande escritora oferece mais ao leitor um correto glossário, de natureza explicativa, tão íntegro quanto a ciência que a autora tem do material linguístico estudado”.

Alvina Gameiro é, com certeza, uma das mais importantes romancistas do Piauí desta geração.

O conjunto de obras que já produziu oferece ao país uma visão ampla, definitiva, de sua importância para a literatura brasileira. *Curral de Serras* deve ser examinado como obra permanente. Sua linguagem desperta no leitor a mesma comoção das histórias gaúchas, tão bem fixadas pela obra imperecível de Érico Veríssimo e de Guimarães Rosa, com o sabor ingênuo, a origem latina se projetando como núcleo de uma comunicação oral aparentemente segregada do mundo urbano em que vivemos.

Sobre a obra de Alvina Gameiro, vejamos o depoimento de José Américo de Almeida, para quem a poesia popular, através dos versos de Alvina, “vem recuperando o seu prestígio”. Sobre *Chico Vaqueiro do meu Piauí*, o escritor Câmara Cascudo não esconde a sua emoção. Diz: “Chico Vaqueiro guarda muito do meu coração de menino, criado em fazenda sertaneja, sertão de pedra e sol”. Almeida Fischer, sobre *Curral de Serras*, exalta: “A linguagem do romance *Curral de Serras* é de uma eficácia surpreendente, conduzida com segurança e conhecimento pela escritora, que dele recolhe os melhores efeitos, inclusive metafóricos bastante abundantes”.

Obras:

A VELA E O TEMPORAL (romance, 1957); O VALE DAS AÇUCENAS (romance, 1963); ORFEÃO DE SONHOS (poesias, 1967); QUINZE CONTOS QUE O DESTINO ESCREVEU (contos, 1970); CHICO VAQUEIRO DO MEU PIAUÍ (romance, 1971); CURRAL DE SERRAS, 1980.



ÁLVARO ALVES FERREIRA, contista dos mais expressivos, nasceu em Piri-piri a 22 de janeiro de 1893. Formou-se em Odontologia pela Faculdade de Medicina da Bahia. Professor, jornalista, membro da Academia Piauiense de Letras, regionalista, serviu de modelo

a Fontes Ibiapina na elaboração de vários momentos de sua vasta e inconfundível obra. Morreu a 8 de abril de 1963.

Obra:

DA TERRA SIMPLES, 1958

OCUPAÇÃO

Álvaro Ferreira

Os homens desceram as montanhas e nadaram o rio, após a fuga do mar. Do nascente traziam a flecha dos combates travados no litoral, em defesa da terra invadida. Da outra margem do rio, chegavam, aguerridos e desconfiados, como a sondar a natureza, sempre misteriosa e inabordável nas suas manifestações.

Entraram nas várzeas, limitadas pelas serras, franqueadas pelo cauda, a oeste, em marcha atraído pelas vagas que rolam ao norte.

Era uma paisagem triste. Não havia aqui o verde dominante do poente, – naquele eldorado que a lenda coloriu com os sonhos dos navegantes, vindos de outras bandas. A palmeira que se perde nos longes do horizonte, fixara-se no solo, para marcar a escalada progressiva das gerações vindouras. De raro, um agrupamento vegetal, denunciando a presença de rios que o clima martiriza nas longas estiagens. Mais adiante a chapada agreste. A caatinga, com o aspecto de seres doentes, completa o quadro que, na monotonia das cores, cansa os olhos, nos dias de muito sol e nas noites escuras. As alvoradas são incêndios que aumentam nas horas que passam, até os primeiros instantes de um crepúsculo prolongado. Ferida pelo calor, a terra apresenta a fisionomia de quem muito sofre, nas rugas dos terrenos desnudos.

(Da Terra Simples, excerto, 1958)

VITOR GONÇALVES NETO

O CRONISTA MALDITO

 grande virtude da narrativa de Vítor Gonçalves Neto, na crônica ou no conto, no jornalismo e nas impressões de viagens é a expressão exata, sem desvios, que torna a frase contundente e viva. Cronista por excelência, talvez o mais completo de uma geração rica de narradores, explorou com coragem e espírito investigativo o episódio dos incêndios na Teresina da época de Leônidas Melo, então Interventor do Estado. A idéia original era escrever uma novela – *Santa Luzia dos Cajueiros*, cujos textos foram elaborados entre 1943 e 1950 (cerca de 25 capítulos). Só recentemente a Livraria Corisco Editora, por iniciativa de Cineas Santos, publicou parte da novela, transformada no conto *Fogo*, em que fixou, na avaliação de A. Tito Filho, “tenebrosos aspectos dos incêndios que afligiam a pacata comunidade teresinense desses dias de luto e lágrimas”.

Alguns dos textos coletados por Pinto Aguiar serviram para ilustrar a coletânea *Contos Regionais Brasileiros*, em que Vítor Gonçalves Neto é incluído. A expressão “cronista maldito” foi cunhada por José Chagas, em artigo publicado no “Cadernos de Comunicação” publicado pela Editora Corisco (volume 3 - agosto de 1996), em que vida e obra do autor são analisadas. José Chagas, ao analisar a carreira do escritor, afirma não conhecer “entre nós e em nossos dias outro escritor que haja rompido a barreira da hipocrisia com a força e a naturalidade com que o Vitor o fez através de suas curtas, mas descontraídas crônicas”.

VÍTOR GONÇALVES NETO nasceu em Teresina a 4 de novembro de 1925. Foi assistente da Biblioteca Estadual do Maranhão; subchefe da Casa Civil nos governos de Aldenir Silva e Newton Bello; redator e fundador de inúmeros jornais, dentre os quais *O Piauí*, *A Notícia*, *O Imparcial*, *O Dia*, *Pacotilha*, *Folha de Caxias* e *O Pioneiro*, que fundou e dirigiu em Caxias (MA) até sua morte. Cineas Santos, verificando a índole aventureira do escritor e jornalista, diz que Vítor Gonçalves Neto “ao longo de sua vida, fundou e afundou jornais pelo Brasil afora, esbanjou talento, construiu inimizades efêmeras e amizades duradouras”.

Boêmio, poeta da escola antiga, ácido quando necessário, terno quando invadiam sua emoção, “escritor dotado de estilo leve e agradável”, Vítor Gonçalves, como afirma Cunha e Silva, apresenta séria originalidade ao escrever, além de ser um folclorista dos maiores de nossa terra”.

O cronista inicia carreira em 1957, com a publicação de *Conversa Tão Somente* (Meridiano – Caderno de Letras), impresso na Tipografia São José, de São Luís (MA) que reunia crônicas produzidas entre 1953 e 57. Em 1963 retorna com um romance (*Roteiro das Sete Cidades*) editado em Teresina, mas com o selo de edição Aldeias Altas, de Caxias (MA), impresso na Imprensa Oficial do Estado. Em 1951 é incluído na *Antologia Contos Regionais Brasileiros*, organizada por Pinto Aguiar. Planejou e escreveu algumas obras, dentre as quais *Paisandu nº 9*; *Gentes e Chãos Eternos*; *Sem Compromisso – 100 crônicas* e *Ponta de Calçada*. A linha satírica e a mordacidade com que abordou temas da atualidade piauiense, maranhense e brasileira da época levou-o a escrever

Crônicas das Andanças (reunidas em livro pela Caburé Editora, de Caxias) e Ética Editora (Imperatriz-MA).

Avesso a badalações, de uma simplicidade franciscana, Vítor Gonçalves Neto morreu em Caxias (MA) em 1989, não antes de receber de Edmilson Sanches o elogio consagrador: “Agora, não se pode escrever a história sem ele”.

NEURA

Vítor Gonçalves Neto

O cigarro já vai em meio a nada. O cavalo do pensamento parou aqui e é tudo. A folha branca ainda imaculada à minha frente em posição horizontal remexe ao vento. Inútil. Até esta luz do tempo me contraria neste instante de morte interior. Então fecho os olhos como defunto obediente, na esperança de outro mundo melhor.

Chatice de viver. Tomar café todos os dias. Enosar a gravata no pescoço. Ouvir anúncios do rádio e ler as colunas, sonetos nas horas ditas de solidão. Burrice!!! Pelo menos se a terra não fosse “achatada nos pólos e dilatada no Equador”... não houvesse a lei da gravidade e o cinema mexicano... nem o americano... nem o brasileiro também! Como seria tão bom se não existissem as pulgas e a Rainha Elizabeth... se o Oceano Índico secasse... se a cidade de Penalva estivesse localizada no Japão! Decerto que neste instante eu sofreria menos se as laranjas fossem de cobras de coral ou vice-versa. Ai, sim! Tudo seria mesmo sensacional – ou “sensas”, como escreveria esse analfabetíssimo confrade que atende por Ibrahim.

Mas felizmente que me vou alcançando. O cigarro desde muito se acabou. A folha de papel, outrora branca, já se mostra bexigosa de palavras. E como diria o velho Jorge Amado – a “neura” (neurastenia) chegou ao fim.

(Conversa Tão Somente, 1957)

NOVELA, TEATRO, FOLCLORE

*J*OSÉ MIGUEL DE MATOS nasceu em Floriano a 29 de setembro de 1923. Seu registro de nascimento, entretanto, é da cidade de Timon, Maranhão. Em sua biografia (*Pisando os Meus Caminhos*), anota-se a informação de que J. Miguel de Matos registrou-se em Timon por “quebradeira”, porque naquela cidade “era mais barato o registro”. Oficial do Exército, jornalista polêmico, memorialista, biógrafo, editor. Novelistas, poeta bissexto. Membro da Associação dos Jornalistas de Teresina, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Piauí, do Instituto de Cultura Americana. Não chegou a concluir o Ginásio, abandonando-o pela metade quando estudava no Colégio Estadual Zacarias de Góis. Fundou e dirigiu as revistas *Mafrense* e *Destaque*. Delegado Regional do ICA, pertenceu ao Movimento de Renovação Cultural. Membro efetivo da Academia Piauiense de Letras, registrando uma das maiores lutas de um intelectual para ingressar naquele sodalício. Estreou em 1953 com a novela *Brás da Santinha*. Revela-se ensaísta dos mais lúcidos, a linguagem penetrante e rica, eivada de um lirismo adjetivado e pueril. Um dos grandes biógrafos do período.

Obras:

BRÁS DA SANTINHA, 1953; PISANDO OS MEUS CAMINHOS, 1969; SÍNTESE BIBLIOGRÁFICA DA LITERATURA PIAUIENSE, 1972; CAMINHEIROS DA SENSIBILIDADE (2 volumes, 1974); ANTOLOGIA POÉTICA PIAUIENSE, 1974; PERFIS (crítica, 1974); MOSAICOS, 1976; EVOCAÇÃO DE ABDIAS NEVES, 1976; DA COSTA E SILVA - O POETA DA SAUDADE, 1977 e GARIMPAGEM, 1980. Com A. Tito Filho publicou as monografias JOÃO PINHEIRO (I) e MARTINS NAPOLEÃO (2) sobre a vida e a obra desses notáveis intelectuais.



JÚLIO ROMÃO DA SILVA é de Teresina. Nasceu a 22 de maio de 1917. Jornalista, etnólogo. Formado pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. Detentor do Prêmio João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras. Escreveu para o *Correio da Manhã*, *O Malho*, *Dom Casmurro* e revistas *Vamos Ler* e *Da Semana*. Cidadão carioca. Com Solano Trindade, Abdias Nascimento, Aguinaldo Camargo e Josué Crusué fundou o teatro experimental do negro. Fundou também o Teatro Popular e a Orquestra Afro-brasileira. Segundo Alceu Amoroso Lima, “o Teatro de J. Romão está simultaneamente na linha da espiritualidade e da contestação”. Para Agripino Grieco: “Consta-me que tem sensibilizado inúmeras platéias”. Genolino Amado, R. Magalhães Júnior e Francisco de Assis Barbosa, em parecer ao Prêmio de Teatro Cláudio de Souza, da Academia Brasileira de Letras, disseram: “Sob o ponto de vista da literatura teatral os méritos de J. Romão da Silva se evidenciam na segura construção das cenas, como no vigor e na fluência dos diálogos, estes sempre de boa linhagem”. Pertence à Academia Piauiense de Letras.

Obras:

MEMÓRIA HISTÓRICA SOBRE A TRANSFERÊNCIA

DA CAPITAL DO PIAUÍ, 1960; LUÍS GAMA E SUAS POESIAS SATÍRICAS, 1964; SANTA CATARINA: GEOGRAFIA, DEMOGRAFIA E ECONOMIA, 1960; GEONOMÁSTICOS CARIOCAS DE PROCEDÊNCIA INDÍGENA, 1962; EVOLUÇÃO DO ESTADO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS DO BRASIL, 1965; A MENSAGEM DO SALMO, 1967; A FAMÍLIA ETNOLINGUÍSTICA BORORÓ, 1968; DENOMINAÇÕES INDÍGENAS NA TOPONÍMIA CARIOCA, 1966; CULTURA HUMANÍSTICA DE PORTUGAL E A ARTE DE BIOGRAFAR, 1974; CERA DE CARNAÚBA E CACAU, 1974; JOSÉ, O VIDENTE, E AS VIDEIRAS DO FARAÓ (prêmio Cláudio de Souza. ABL) e OS GATOS E AS PANTERAS



FRANCISCO PEREIRA DA SILVA, da linha moderna do teatro brasileiro. Nasceu em Campo Maior em 1918. Ginásio em Teresina, clássico em São Luís (Maranhão), concluindo-o no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Na Faculdade Nacional de Direito frequentou até o terceiro ano, trocando-o pelo Curso de Biblioteconomia. Antes de começar no teatro, andou escrevendo alguns contos, em revistas e suplementos literários. Um trabalho seu foi incluído na famosa *Antologia do Conto Brasileiro*, organizada por Graciliano Ramos. Voltou-se definitivamente para o Teatro a partir de 1948.

Para Léo-Gilson Ribeiro, “sua crítica de um sistema político-social feudal e desumano é certa, sem extremismos e retendo todo o acervo de valores estéticos que pertencem como tradição inalienável aos países Ocidentais (...). Na opinião de Paulo Francis (...) “sente-se que o dramaturgo está procurando recriar um estilo próprio, sem seguir fórmulas estabelecidas. Isso é importante para a evolução do teatro brasileiro”. Walmir Ayala, sobre “Chapéu de Sebo”, diz que o texto é claro “em sua

contenção, exato na sua linguagem nada derramada, certo na medida dos recursos utilizados para comprometer o espectador”.

Francisco Pereira da Silva tem recebido as melhores referências de figuras ímpares do teatro brasileiro, como Bárbara Heliodoro, Leodegário A. de Azevedo Filho, Rachel de Queiroz, Tarciso Prado, entre outros.

Morreu a 8 de abril de 1985.

Obras:

CHAPÉU DE SEBO; O DESEJADO; ROMANCE DO VILELA; CRISTO PROCLAMADO; CHÃO DOS PENITENTES (todas estas peças foram editadas pela Agir, dentro da coleção Teatro Moderno).

MEMÓRIA - PERFIS

*A*rtur de Araújo Passos é o escritor desta fase que fez incursões no plano da crônica e da memória municipalista. Levantou a vida de vários e importantes nomes da literatura e da política do Piauí e se destacou pela simplicidade de uma narrativa suave, atraente e escorreita.

ARTUR DE ARAÚJO PASSOS iniciou os estudos em Jerumenha, sua terra natal, onde nasceu a 3 de agosto de 1882. Transferiu-se mais tarde para Teresina, órfão de pai, onde trabalhou como balconista no começo da vida. Vai para Manaus, onde fez o curso secundário e ingressou na Polícia Civil. Coletor estadual; vereador de Jerumenha; diretor da Imprensa Oficial do Estado; Chefe do Gabinete Civil do Interventor Theodoro Sobral. Jornalista, conferencista, político, folclorista. Membro da Academia Piauiense de Letras. O grande cronista de sua terra.

Morreu em Teresina, em 1977.

Obras:

HISTÓRIA, ECONOMIA E LENDAS; CONCEITO POLÍTICO E SOCIAL DO MUNICÍPIO; DOIS VULTOS PIAUIENSES (biografias de Manuel de Souza Martins e Clodoaldo Freitas); LENDAS E FATOS; ESBOÇO DE UM PERFIL (estudo da personalidade de Higino Cunha); ABDIAS NEVES – HOMENS E FATOS DE SUA ÉPOCA; LENDAS E NARRATIVAS; ROTEIRO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE GUADALUPE e NAS RIBAS DO GURGUÉIA.



FERNANDO LOPES SOBRINHO, nascido em União a 26 de agosto de 1896. Estudos primários em Colônia (Floriano). Aluno do antigo Liceu e do Colégio Diocesano. Telegrafista por concurso. Formou-se em Direito em Fortaleza, retorna a Teresina em 1931, Juiz de Direito em Jaicós, fundou o Colégio Padre Marcos. Em 1956 chegava a desembargador. Membro da Academia Piauiense de Letras.

Reuniu crônicas e resenhas literárias no livro editado pela APL, que recebeu o título de ENQUANTO AS TREVAS NÃO CHEGAM (1980).

Morreu no dia 24 de setembro de 1981.

Em 1996 a família comemorou os 100 anos de nascimento do escritor, publicando *Cem Anos de Humanismo*.



MOISÉS CASTELO BRANCO FILHO é de Teresina, nascido em 12 de janeiro de 1905. General do Exército, especialista em geodésica, presidente da Sociedade Brasileira de Cartografia, entre outros livros, publicou: HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO NO PIAUÍ (1975) e O POVOAMENTO DO PIAUÍ (1982).

JOSÉ RIBAMAR PACHECO, advogado, nascido em Floriano a 29 de junho de 1924, foi um dos cronistas do seu tempo, retratando a época através de textos que se confundem com o artigo de jornal. Ele morreu no desastre que provocou verdadeira mudança na História política do Piauí, em que pereceram também Demerval Lobão, candidato a governador da época, Marcos Parente, pleiteante ao Senado e outros nomes da espinha dorsal da política piauiense. Publicou FRAGMENTOS (1953).



MÁRIO FAUSTINO

A TRADIÇÃO DA IMAGEM

Em 1955, Mário Faustino (dos Santos e Silva) publicava, em *O Homem e Sua Hora* (Livros de Portugal, Rio), o produto de suas experiências realizadas no Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, de que era editor. O poeta revelava possuir uma visão ampla das tendências da poesia, mas se negava a participar das correntes da época, pesquisando caminhos novos e formas novas de conceber e criar a arte.

Tomando o caminho do que viria a ser chamado de “Tradição da Imagem”, na poesia hermética, difícil e recheada de alegorias metafóricas, percebia-se a força expressional do crítico exigente, responsável pela rigorosa seleção de textos então publicados no SDJB. E veio então a poesia construída com ideogramas, a imagem como representação latente do pensamento poético.

O apelo futurista do poeta abria rumos para a redefinição da poesia como essência nuclear da palavra. Antes da forma, propunha a poesia faustiniana a redescoberta da linguagem, as suas implicações subjetivas, o sistema que engloba. Linguagem desfeita e desconstruída e novamente refeita na montagem gráfica do poema. Tradição da Imagem não no seu sentido amplamente difundido, formal, mas, e sobretudo, naquele conceito da poesia de engajamento na exegese idiomática.

Mário Faustino foi um veículo (parte e testemunha) desse processo, e que só teria um seguidor consciente no final do século, Durvalino Filho.

Na sua arte ele universaliza o indivíduo, projetando da palavra um mundo infinito de reações, que têm por base o comportamento do homem, sua vida, suas emoções, as angústias e aflições.

Ao que me parece, o contato diário com os poetas novos e a releitura dos clássicos que lhe enriqueceria o espírito, terminaram convencendo o crítico da necessidade de reformulação da estética literária. A modorra das composições sem grandes lances criativos e a mesmice dos poetas que não encontravam o nervo da renovação, mantinham a poesia num estágio linear. E é T. S. Elliot quem nos ensina que “o sentido histórico impele o homem a escrever não meramente com seus ossos, mas com a sensibilidade que vem de Homero, passando por toda a Europa, até sua própria cultura”.

Do ponto de vista da poesia como elemento de suas próprias raízes, não há muitas referências ao Piauí na poética de Mário Faustino. O homem integral foi fundamentalmente a base de toda a sua poesia.

Mário Faustino participou, como condutor, de todo um importante processo de mudança da poesia nacional. Na elaboração de sua arte, ele procurou uma poesia que propunha, antes de tudo, a recriação dos signos verbais, ao tempo em que ampliava o universo de interpretações metalinguísticas do seu instrumento de trabalho.

Nasceu MÁRIO FAUSTINO DOS SANTOS E SILVA a 22 de outubro de 1930 em Teresina (PI). Fez o curso primário na Escola Artur Pedreira. Aos 10 anos de idade muda-se para Belém (PA), estudando no Instituto Nazaré, de orientação marista, Colégio Moderno e Colégio Estadual Paes de Carvalho. Começou a escrever para jornais aos 16 anos de idade, ingressando *n' A Província do Pará*, de onde se transferiu para a *Folha do Norte* em 1949, já na condição de chefe de redação.

Seus primeiros poemas e traduções foram publicados no suplemento literário da *Folha do Norte*. Dirigiu a revista literária *Encontro* e foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Escritores, no Pará.

Ingressando no Exército, já aspirante a oficial pela CPOR, ingressa na Faculdade de Direito, mas perde o interesse pelo curso, interrompendo-o no 3º ano.

Aprovado em concurso promovido pelo Institute of International Education, em 1951 viaja aos Estados Unidos, onde frequenta o Pomona College, na Califórnia, com a bolsa conquistada no concurso. Estuda Língua e Literatura Inglesas. Realiza estágio no Los Angeles Mirror.

Retornando a Belém, torna-se chefe de seção de órgão público federal, a Sudam, onde conquista o direito de fazer curso de administração pública na Fundação Getúlio Vargas, ao fim do qual é contratado. Muda-se para o Rio de Janeiro em 1956. Exerce, na Escola de Administração Pública, o magistério, leciona Inglês e Francês e torna-se intérprete e tradutor de curso especial de Planejamento nas cadeiras de Sociologia e Filosofia Política.

No período de 1956/59 dirige a página “Poesia-Experiência”, do SDJB, mas só em 1959 ingressa no quadro de redatores. Nesse mesmo ano licencia-se do Jornal para trabalhar no Departamento de Informação Pública da ONU, em Nova Iorque, onde permanece até 1962, quando retorna ao Brasil para chefiar o centro de informação da ONU. Torna-se editorialista do *Jornal do Brasil* e editor da *Tribuna da Imprensa*.

Na nota biográfica sobre o poeta, na edição de *Poesia Traduzida* (Editora Max Limonad, São Paulo, 1985) há um capítulo que fala sobre a premonição da morte:

Muito hesitou em empreender a derradeira viagem aérea. Transferiu-a por diversas vezes e sem aparente razão. Procedeu de forma insólita, deixando com a mãe adotiva e cunhada, quando finalmente se decidiu pela viagem, carta com instruções minuciosas de como proceder na eventualidade de um desastre. Assaltara-o a premonição da morte, que tanto celebrou em sua obra (página 12).

Mário Faustino dos Santos e Silva morreu na madrugada de 27 de novembro de 1962, às 5h30, quando o avião em que viajava

espatifou-se no Cerro de La Cruz, perto das ruínas de Pachacamac, nas imediações de Lima, no Peru.

Em 1985 a Editora Max Limonad Ltda. coligiu poemas já editados, textos inéditos, traduções e comentários no volume POESIA COMPLETA/POESIA TRADUZIDA, incluindo vasto roteiro biobibliográfico do poeta.

Didatismo poético

Ao que se depreende da leitura dos poemas de Mário Faustino, o poeta deve ter herdado o didatismo de Ezra Pound, indo, entretanto, mais além de uma poesia apenas intelectualizada. Se esse didatismo o influenciou, também não podem ter sido menores as lições de Fernando Pessoa, Drummond e Cecília Meireles. O seu aprendizado poético, entretanto, revela a força de uma individualidade voltada para os problemas mais interiores do homem e sua relação com o mundo exterior. Benedito Nunes lembra a condição de “leitor assíduo da *Odisséia* e da *Iliada*, da Antologia Grega, dos poetas latinos, sobretudo de Ovídio e Propércio”, para destacar que “Mário Faustino preocupou-se tanto em captar a tradição poética, aprendendo em contato com ela, quanto se interessou em captar a sensibilidade do nosso tempo”.

Recolho ainda de Benedito Nunes:

Mestre, no sentido poundiano da palavra, que cultivou e aperfeiçoou formas herdadas da tradição, inventor de formas novas e flexíveis, dentro das quais pôde preservar e desenvolver as antigas, Mário Faustino não só ajudou a renovar a poesia brasileira, como também procurou fazer com que outros, tão jovens como ele, participassem dessa renovação (página 46).

Obra:

O HOMEM E SUA HORA (Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1955). A Civilização Brasileira reuniu a obra do poeta no volume POESIA DE MÁRIO FAUSTINO, 1966.

SONETO ANTIGO

Mário Faustino

*Esse toque de amor que cumulei
Ninguém veio comprar a preço justo,
Preparei um castelo para um rei
Que mal me olhou, passando, e a quanto custo.*

*Meu tesouro amoroso há muito as traças
Comeram, secundadas por ladrões.
A luz abandonou as ondas lassas
De refletir um sol que só se põe.*

*Sozinho. Agora vou por meus infernos
Sem fantasmas buscar entre fantasmas
E marcho contra o vento, sobre eternos*

*Desertos sem retorno, onde olharás,
Mas sem o ver, estrela cega, o rastro
Que até deixei, seguindo um astro.*

(O Homem e Sua Hora)

NOTURNO

Mário Faustino

*Nem uma só verdade resplandece
Neste verão sonhado por abutres.*

*O ano inteiro, o outro ano, e o outro,
Mentidos pela mímica de um bufo,
Contam falsas proezas de funâmbulo.
E os saltos já não podem mais traçar
O mito que exercemos, a parábola.*

*Alardes, fugas, flâmulas. Palmeiras
Partilhando o resgate da beleza
Das nuvens criadoras de uma estrela,
De nada mais que uma. O saltimbanco,
Mirando-se nas poças, rejubila.
E ressoa na flauta de anteontem
O repouso de um pântano...*

*Quanto foste traído! O luar torto
Raiva no campo aberto onde esta noite
Um profeta estreme no seu túmulo.
(O Homem e Sua Hora)*



A TRADIÇÃO CLÁSSICA DO MODERNISMO

EULINO MARTINS e DA COSTA RIBEIRO empunharam a bandeira das novas idéias que inundavam a juventude da época. EULINO, nascido em Aroazes a 8 de novembro de 1923, depois de chegar ao secundário no Liceu Piauiense, teve de ingressar no Exército na época em que modernismo piauiense atingia o apogeu. Estava no Rio de Janeiro e a Guerra fermentava a República. Convocado, integrou a Força

Expedicionária Brasileira que foi à Itália em 1943. Regressando ao Brasil e retornando ao Piauí, ingressa no Departamento de Administração, de onde é transferido para o Tribunal de Justiça, os dois únicos empregos que teve. Uma das grandes forças da moderna poesia piauiense, foi também jornalista combativo, nervoso, de contundente participação nos jornais *O Dia*, *Folha da Manhã*, *Jornal do Piauí* e *Voz do Piauí*. Gostava da liberdade e expressava esse sentimento nos clássicos sonetos que produziu e que estão esquecidos nas páginas dos jornais da época. Dizia: “Queria viver em liberdade, longe dos heróis/ e num século de estupidez como esse nosso/ oferecer harmonia, cor, alimento e paz./ Mas eu juro pelo empuxo do foguete sideral/, que o diabo me levará sem pagar centavo/ se eu cantasse para os cretinos na gaiola (*Sinfonia da Angústia*, inédito).

Esta postura de oposição aos novos postulados sociais, em que a hipocrisia e a indignidade começavam a avançar entre os homens, e a necessidade de ser livre e respirar o sentimento de plena liberdade, chegaram a constituir a essência de alguns dos bons momentos da poesia de outros notáveis talentos da época. ALMIR FONSECA não disfarçava a predileção pelos temas filosóficos, pelas indagações sobre o ser e a vida.

*De onde vim? Quem eu sou? Para onde vou?
Perguntas que não foram respondidas
E que ninguém jamais as explicou
Durante vidas, sucessivas vidas!...*

*A inteligência humana aí parou!
Pois todas as respostas conhecidas
Não definem o que se perguntou
E permanecem incompreendidas...*

*Os filósofos, sábios, cientistas,
Físicos, químicos, naturalistas
Há séculos estudam, sofrem, suam.*

*E as respostas nenhum jamais achou:
- De onde vim? Quem sou eu? Para onde vou?
E os profundos mistérios continuam.
(Mensagem poética, 1980)*

Nascido em Floriano (PI) a 19 de agosto de 1918, ALMIR DE SOUSA FONSECA estudou em sua terra natal as primeiras letras. Transferindo-se para Teresina, aqui fez o Ginásio, mudando-se para Fortaleza (CE) onde cursou o Científico e recebeu o diploma de dentista na Escola Superior de Odontologia do Ceará.

“Almir Fonseca, Jonas da Silva e João Pinheiro são os três poetas-dentistas que conseguiram incrustar na literatura piauiense a platina dos seus talentos e o ouro dos seus sonetos”, exalta Raimundo Reis. Para J. Miguel de Matos, o poeta tinha inteligência multivária, dotado de grande talento poético. Sua literatura distendia-se por todas as camadas sociais, “sentindo a vida libertina dos opulentos e a miséria chocante dos infelizes”. Em 1980, a filha do poeta, Marília Fonseca, reuniu poemas de dois livros inéditos (*Ânfora de Argila* e *Candelabro*), cujo volume recebeu o título de *Mensagem Poética*.

A outra vertente que pode ser observada na poesia produzida no período é o espírito religioso das concepções. BALDUÍNO BARBOSA DE DEUS é o mais incisivo dos poetas de temática religiosa. Nascido a 23 de março de 1923 no sítio Tapera da Varjota, em Oeiras (Piauí), dos estudos iniciais realizados em Oeiras saiu para o Seminário Menor de Teresina, dando vazão à latente vocação para o sacerdócio. De Teresina, saiu para Olinda, onde fez o Seminário Maior. Prosseguiu os estudos até a Universidade Gregoriana, alcançando o licenciato em 1951. Viajou pela Itália, Suíça, Alemanha, França, Bélgica, Espanha e Portugal. Em Oeiras, foi Secretário da Cúria Diocesana, assistente eclesiástico do Círculo Operário, diretor do Ginásio Oeirense, fundador e diretor da Escola de Comércio Dom Expedito Lopes. Foi ainda Secretário de Estado da Educação do Governo do Piauí. Formando-se em Direito, discordou do celibato sacerdotal, abandonou a batina e casou, sem deixar, entretanto, de professar a mesma fé cristã e os mesmos princípios eclesiais. Como

poeta de extrema ternura, sofreu nos primeiros instantes a influência parnasiana, mas consolidou suas experiências em livros de inúmeras e encantadoras poesias. Além de uma tese de licenciato, publicou um livro de poemas: *Folhas Caídas*, 1964. Morreu em Cocal de Telha (PI), a 19 de fevereiro de 1993.



RAIMUNDO DA COSTA RIBEIRO é de Piracuruca, onde nasceu em 19 de maio de 1926. Fez o primário no Grupo Escolar Fernando Bacelar. Seis anos depois veio para Teresina, onde se submeteu ao exame de admissão no Colégio Demóstenes Avelino, estudando até o primeiro científico. Orador oficial do Centro Cultural Lima Rebelo, diretor do jornal *A Flâmula* e redator-chefe da *Revista Zodíaco*. Ocupou vários cargos no Centro Estudantil Piauiense; participou de congressos nacionais de estudantes. Locutor da Rádio Difusora, usava o pseudônimo de Octavianus D’Azevedo. Terminado o científico no Zacarias de Góis, viajou ao Distrito Federal, onde se integrou ao movimento modernista, colaborando na *Revista Ronda*. Passou um ano em Belém, onde colaborou com o jornal *O Estado do Pará*. Advogado, jornalista, poeta, contista. Membro da Associação Piauiense de Letras, da Ordem dos Advogados do Brasil. Fiscal do Ministério do Trabalho.

A exemplo de grandes valores desta fase, Da Costa Ribeiro não desgavetou suas obras. Sua poesia reflete um estado d’alma próprio, infinitamente pessoal, retratando do seu mundo interior, os seus desejos, as suas ambições, os seus sonhos maiores, seus vãos imaginários. Poeta moderno, exprimindo nos seus versos um lirismo cheio de ternura e arrebatamento. Morreu em Teresina.

Obra:

BACANAL DOS DEUSES, 1982

ASPIRAÇÃO

Da Costa Ribeiro

*Quero a liberdade
Que eu mesmo condeno.
Quero romper os escombros
Onde afoguei meus vícios
Desde o princípio dos séculos.*

*Quero beber a água estagnada dos pântanos
Em que eu próprio analiso os venenos.
Quero dar asas ao meu ser
Que eu mesmo refreio;
Quero o amor que eu repilo;
Quero matar todos os afetos
Contra mim
Perante a honestidade
Que eu prego
E repudio;*

*Quero ser livre.
Quero o ar do sol,
Quero correr doido,
Sem saber de nada
No campo aberto
Que eu mesmo cerco.*

*Quero ser liberto das grades
Que o poder me oprime;*

*Quero, enfim,
Ser uma múmia
Jogada a um canto dos tempos
Para não ver nada,
Para não sentir nada.*

(Inédito)

NERINA CASTELO BRANCO – A expressão feminina mais marcante desta fase é Nerina Castelo Branco.

A obra literária de Nerina Castelo Branco começa com o vanguardismo da poesia concreta.

Estudante de Direito no Ceará, convivendo com os poetas concretistas daquele Estado, lança seu primeiro livro – *Poesias Modernas* (1963), grito de alerta que se consolidaria pouco tempo depois, com a edição do volume II da coletânea. O rompimento com a tradição estava sendo iniciado.

A poesia de Nerina Castelo Branco revelava, então, aquilo que todo poeta da época propunha: romper com o tradicionalismo acadêmico.

Poesia densa e profunda, raízes marcadamente filosóficas, em que se destaca, nas entrelinhas da criação, a influência tomista.

A poesia que deu sequência à vitoriosa carreira literária de Nerina Castelo Branco traz a amargura como signo. Poesia intumescida de um doloroso sofrimento, de angústias veladas, sonhos e esperanças, recriadas na mesma linhagem de rompimento com a tradição.

Cruviana, editado em 1979, é a revelação da contista e da cronista. A narradora de acontecimentos de épocas vividas em Teresina, com fatos e personagens, lugares e paisagens da terra, em décadas de sua mocidade.

Bacharela em Ciências Jurídicas e Sociais, Técnica em Contabilidade, Licenciada em Filosofia, funcionária pública autárquica, uma das mulheres piauienses mais notáveis deste século, MARIA NERINA PESSOA CASTELO BRANCO nasceu em Teresina (PI), a 9 de dezembro de 1935. Pertence à Ordem dos Advogados do Brasil, seccional do Piauí, ao Movimento de Renovação Cultural, de que foi peça das mais influentes, e à Academia Piauiense de Letras, além de outras instituições de cultura no Estado e no país.

Poesia mística, misteriosa, pura. Sensibilidade epidérmica, inspiração viva e latente. A permanente busca de velhos temas já pesquisados, mas nunca esgotados, de poetas de todo o mundo: a criatura humana, seu mundo, suas dores, suas esperanças, a energia de viver.

Obras:

POESIAS, 1961; POESIAS MODERNAS I, 1963;
POESIAS MODERNAS II, 1964; CRUVIANA, 1979 e
ALÉM DO SILÊNCIO, 1994



CRISTINA BEZERRA DA CRUZ LEITE, uma das figuras notáveis da cultura e do movimento sindical de meados deste século. Nasceu em Teresina a 8 de janeiro de 1923, estudando o Pedagógico na Escola Normal Antonino Freire e Letras Neolatinas na Faculdade de Filosofia do Piauí. Professora de Português, Francês, Espanhol e Latim em diversos colégios de Teresina. Líder sindical, foi presidente do Sindicato dos Professores do Piauí e do Sindicato dos Professores do Ensino Médio Oficial do Estado. Uma das fundadoras da Associação de Pais e Amigos de Excepcionais. Poesia de exaltação à vida, de condenação à violência social, de esperança. Morreu a 28 de outubro de 1968. *Canções de Hoje - Canções de Outrora* foi o livro póstumo editado pela Secretaria de Educação. É de A. Tito Filho a opinião, segundo a qual Cristina Leite “deu originalidade aos pensamentos, comedida e polidamente, sem os rigorismos insossos de gramáticos pernósticos”.



FRED PINHEIRO, de Teresina. Nasceu a 25 de agosto de 1925. Primeiros estudos em Teresina, estudos complementares no Rio de Janeiro. Fez parte do grupo literário Alfa-Omega, ao lado de Fernando Ferreira de Loanda, Bernardo Gerson e outros que criaram a revista literária *Orfeu*.

Obras inéditas:

O PRISMA, LATITUDE AZUL e A PORTA CERRADA

JOAQUIM SANTOS FILHO. De Picos, nascido em 1928.
Formado em Direito pela Faculdade de Direito do Piauí. Membro do
Centro de Estudos Piauienses.

Obra inédita:

FRAGMENTOS DE ILUSÃO



JUDITH ALVES DE SANTANA, de Piripiri, nascida a 12
de janeiro de 1924. Primário no Grupo Escolar Padre Freitas; ginásio no
Colégio da cidade. Comerciária. Mudou-se para Teresina, mas retornou à
sua terra.

Obra:

SALMOS DO MEU DESTINO, 1969 e PIRIPIRI, 1972



MARIA DO SOCORRO SANTANA nasceu em
Regeneração a 20 de abril de 1925. Poetisa, musicista, compositora. Autora
do Hino Oficial do Clube das Mães do Piauí e do Hino do Sindicato dos
Trabalhadores Rurais de Regeneração. Sobre ela, assim se manifesta M.
Paulo Nunes: “A linguagem, conquanto desataviada e despida de artifícios
literários, chegando quase ao coloquial, procura traduzir os sentimentos
em seu estado embrionário”. A poesia de Socorro Santana é, antes de
tudo, uma exaltação aos valores culturais de sua terra e um canto de
religiosidade que emana de sua epiderme.

Obras:

MEUS SONHOS, MEUS AMORES, 1978 e TERRA DE
BRUENQUE



ABDORAL REIS, poeta, professor, homem de imprensa,
nasceu em Floriano a 23 de setembro de 1912.

Obras:

PRINCÍPIOS E INSPIRAÇÕES, 1932; REFOLHOS DA
ALMA e RETALHOS DO CORAÇÃO

OS VANGUARDISTAS

1965 – 1990

Romancistas:

Assis Brasil

O. G. Rêgo de Carvalho

William Palha Dias

Castro Aguiar

A PROVÍNCIA E O MUNDO NA OBRA DE ASSIS BRASIL

Tetralogia Piauiense:

Beira Rio Beira Vida – 1965

A Filha do Meio Quilo – 1966

O Salto do Cavalo Cobridor – 1968

Pacamão – 1969

FRANCISCO DE ASSIS ALMEIDA BRASIL nasceu em Parnaíba (PI), no dia 18 de fevereiro de 1932, onde tem Fundação Cultural com seu nome. Estudos no Instituto São Luís Gonzaga (primário e ginásial), tendo deixado a cidade natal, na década de 40, para terminar o ginásial e o científico em Fortaleza (Colégio São João), no Ceará. Aos 16 anos começa a colaborar na imprensa e a preparar o primeiro livro, *Verdes Mares Bravios*, que hoje ainda é comercializado com o título de *Aventura no Mar* (Melhoramentos).

Tetralogia Piauiense é a denominação dos romances que resultaram da observação dos conflitos humanos e sociais da gente piauiense. Romances situados em Parnaíba e localidades circunvizinhas, como Piripiri, Tutóia, Luís Correia.

Beira Rio Beira Vida e Pacamãõ, dois romances de costumes piauienses, causaram polêmica no Piauí. Não pelo sentido técnico, pela linguagem ou pela estrutura, mas pela proposta, pela fixação de uma realidade crua e nervosa, pelo libelo acusatório de uma sociedade que se fechava no hermetismo de uma existência egoística e brutalmente indiferente à vida marginal que (es)corria no cimento frio do velho cais do Parnaíba, dos casarões de azulejos, nas praças e prostíbulos da cidade de Simplício Dias.

Processo narrativo

Buscando fixar os conflitos existentes entre dois tipos de sociedade: a pobreza extrema e uma burguesia com sonhos capitalistas, Assis Brasil conseguiu, notadamente em *Beira Rio*, impor uma linguagem narrativa de abandono à linearidade, sem que o ciclo perdesse a unidade.

Temática da miséria

Se *Beira Rio Beira Vida e O Salto do Cavalo Cobridor* focalizam o problema social, o drama amargo da vida dos marinheiros de água doce, a miserável sucessão hereditária da prostituição, os ciganos, os desprotegidos, os marginalizados, os pequenos criadores; *Pacamãõ e A Filha do Meio Quilo* não fogem da temática, enfocando-a sob o ângulo paroquial. É a paróquia, a província, a cidadezinha que se projeta com as mesquinhas, seu jogo de interesses, suas peculiaridades absurdas e o humanismo gerado a partir das injustiças. É a vida da pequena cidade, com seus preconceitos, suas exigências sociais e seus limitados horizontes, bloqueando até as aspirações menos ousadas.

O escritor maldito

Ao focalizar os problemas sociais de sua cidade, universalizando esses conflitos, Assis Brasil sofreu as mesmas

incompreensões que Dalton Trevisan amargou no Paraná. Houve em Parnaíba quem se sentisse retratado nos romances do escritor, especialmente em *Pacamão* e *A Filha do Meio Quilo*. Gente conhecida, pessoas de certa influência, personalidades públicas que se viam retratadas nas histórias do escritor, apresentaram reações de revolta e vingança. O professor José Maria Vasconcelos relata um exemplo: chegou numa loja para falar com certo cidadão e quando citou o nome de Assis Brasil quase foi enxotado do local.

O tempo, contudo, vem mostrando que a significação social da literatura de Assis Brasil é bem mais importante que as preconceituosas precauções da província.

Modificação da técnica narrativa

Assis Brasil modificou, com *Beira Rio Beira Vida*, a técnica da narração tradicional, abandonando a linearidade, cuja estrutura pressupõe a montagem da trama com o secular e tradicional começo, meio e fim.

Partiu para novas experiências. Em *Beira Rio*, por exemplo, usou a técnica inovadora da fragmentação segmentada do processo narrativo. Os capítulos se sobrepõem como mosaicos, conduzindo a leitor a montá-lo sofregamente, como no processo utilizado na elaboração de novelas.

A função do escritor

Construindo a tetralogia sobre a realidade humana e social de sua terra, o escritor não fugiu da retratação de uma sociedade que vem gerando, ao longo dos séculos, as mais solertes injustiças. E nesse processo, o homem interiorano, o cidadão da província, com sua ingenuidade, seus costumes, credences, preconceitos, é esmagado pela opressão de um sistema com pretensões capitalistas. Esses valores não podem ser negados, mas devem ser retratados em sua possível extensão, para que seja

igualmente possível motivar os homens que controlam o poder a ajudar o homem rural a vencer a miséria.

“Viver na pobreza eternamente é uma desgraça”, disse o médico e acadêmico Clidenor de Freitas Santos. Mas nenhum escritor, nenhum comunicador, de qualquer categoria pode omitir-se da denúncia, da retratação da realidade do povo e da terra com a qual convive. Porque é função e responsabilidade do escritor, dos homens e mulheres com acesso ao povo através da arte literária, do jornalismo e de outros instrumentos, lutar por mudanças que possam servir à humanidade e nunca acumpliciar-se com a opressão, negar a miséria, quando milhões de seres humanos vivem aniquilados, mortos e mutilados em vida.

Influência de Machado e Proust

Mas se há em Assis Brasil o realismo dramático da arte de Graciliano Ramos, a busca de experiências novas com a palavra e com a estrutura narrativa, como em Guimarães Rosa, a reconstituição do passado, como em Machado de Assis, não lhe falta também a força da memória, predominando em alguns instantes de sua ficção, como em Proust.

A força do pensamento, o ensaio profundo e uma lição belíssima de repúdio ao cerceamento político da liberdade, é o núcleo básico de *Os Que Bebem Como os Cães*, talvez o mais forte e pungente dos seus romances.

***Beira Rio Beira Vida* – romance universal**

Ao ganhar o prêmio Walmap em 1965, Assis Brasil não estava apenas recebendo um triunfo, mas apresentando à literatura brasileira um romance destinado a fixar profundas modificações na técnica da narrativa tradicional.

Beira Rio Beira Vida é um romance inspirado nas mulheres do cais do Parnaíba, onde os destinos são comuns e os dramas, universais.

Não pode ser definido como queriam alguns, “apenas como regionalista”. Ele encarna o próprio novo nesta nova etapa da literatura brasileira.

O estilo vanguardista de Assis Brasil é sentido desde os primeiros instantes do processo narrativo.

Às tardes sempre paradas quando o rio baixava, sentava-se à beira do cais, a água no tornozelo, fria e suave, mais tarde a tocar a ponta dos dedos, até ficar a um palmo ou dois de distância, espumando, correndo.

O rio enchia e secava, e ela nas pedras mornas – o barulho de tudo sem uma identificação precisa. Quantos vestidinhos ganhou Ceci naquelas tardes sem conta? Quando não tinha mais retalhos, virava o último vestidinho pelo avesso, o sujo sumia, Ceci não tinha mais queixas, agora você está nova em folha.

Agora já pode namorar, Ceci.

A linguagem é simples, sem artificios, sem vícios de erudição. Sem pincelar a paisagem, deixa que o leitor imagine o ambiente, modele a moldura a partir do personagem.

“Toma a bênção a teu pai, menina!”

O Homem a puxava para o colo, a barba comprida lhe fazendo cócegas na face. Ficava quieta por algum tempo – esperneava, queria se desprender daquele cheiro ruim de fumo e cachaça.

- Não vá, Luizinha;

O cheiro ruim aumentava, os olhos da mãe brilhavam com uma satisfação esquisita. Aquelas mãos grossas lhe apalpavam as pernas, a barba áspera roçava em seu rosto para um beijo repugnante.

– Quer ir para Tutóia, Luizinha?

Ela queria era fugir daquele ser estranho que a mãe dizia ser seu pai.

– Não quer ir com ele, Luiza? Tem muita coisa bonita lá no Maranhão.

Os botões dourados da farda lhe machucavam as costas, foi escorregando pelas pernas do homem – ele agora se preocupava com o jantar.

Despreendeu-se, correu, e nunca mais o viu, só a barba dos outros homens, o cheiro de fumo e cachaça, a farda azul de gala, a farda branca, a gargalhada da mãe que ia se transformando, tão repetidas na noite, parecia um choro.

Esboça os personagens como se pinta um quadro, acrescentando aqui e ali um detalhe, até construí-lo na medida da imaginação do leitor.

Cremilda - Luíza - Mundoca.

Os elementos do instrumental ficcionista utilizados por Assis Brasil em *Beira Rio Beira Vida* são quase sempre

o rio

o cais

as embarcações subindo e descendo o rio

a vida nos armazéns

as ocasionais incursões pela cidade, revelando diferenças, conflitos, encantamento e fantasia.

Os personagens centrais do romance levam uma vida comum e trágica. Os acontecimentos se sucedem numa repetição dos dramas da vida.

Cremilda, Luíza, Mundoca.

O mesmo destino: o das mulheres do antigo cais do Parnaíba, na cidade litorânea que recebeu o mesmo nome do rio, mas que é o retrato de inúmeras outras cidades, com dramas e fantasias semelhantes.

Conhecem quase sempre os mesmos homens, com suas formas de viver, suas manias, suas maneiras de encarar a vida, as aventuras do rio,

os fardos de arroz, feijão, farinha, algodão nos ombros largos e fortes, o pirão de peixe, o cheiro de fumo e cachaça, o amor nas noites quase sempre iguais.

Talvez me envergonhasse se tivesse deixado o cais, o rio, deixando minha mãe, Jessé, e fosse hoje uma senhora de respeito e endinheirada. Que tal? A mulher do seu Jacinto queria salvar você.

Vou salvar ao menos esta:

– Salvar de quê, Mundoca?

Ah! Não compreende esse povo. Só se fosse salvar do Cabeça de Cuia. Mas você nunca foi nenhuma beleza para interessar o cabeção. Jessé me fazia medo, mas sei que me protegia. Será que é verdade essa história do Cabeça de Cuia? Muita moça tem desaparecido no rio, eu não sei não. Jessé dizia: eu não tenho medo porque eu sou homem.

Documento histórico e geográfico

Parece-me que nos quatro romances, Assis Brasil faz um reencontro consigo mesmo, com suas raízes, as raízes da infância, as fantasias adolescentes marcando significativamente os quadros da narrativa.

O enredo de cada livro projeta dramas sociais ainda existentes em Parnaíba, num contato do artista com um mundo seu bastante conhecido.

Em *Beira Rio Beira Vida* a narrativa apresenta aspectos profundamente renovadores. Os “impactos” sensacionalistas e os “mistérios” que costumam orientar o romance tradicional, foram abandonados por um processo novo, onde os acontecimentos são montados com simplicidade, num espaço onde os conflitos da vida retratam fielmente a existência comum das mulheres marginais da beira-rio, sem os cordões de marionetes que o romance tradicional costuma utilizar.

A linguagem não se deixa dominar pelo estilo “discursivo”,

nem a narrativa projeta qualquer linha de “reportagem jornalística”, que se poderia admitir devido à experiência profissional do repórter. Na montagem do cenário, Assis Brasil situa apenas os detalhes que mais importam, deixando o leitor à vontade para imaginar e fantasiar o ambiente da narração.

Beira Rio Beira Vida é um documento histórico e geográfico. Ele retrata a Parnaíba dos tempos dos navios-gaiola, o hermetismo de uma sociedade alienada, os tabus e os preconceitos de uma geração que copiava modelos estrangeiros, fechando-se num monólogo estéril.

Cremilda, Luíza, Mundoca são as mulheres do cais, predestinadas a uma vida extremamente marginal, com fugazes instantes de alegria e descontração:

– Vamos ver quem afunda mais, Jessé?

Cavava com as mãos os buracos na areia úmida das margens, metia as pernas até os joelhos e gritava.

Obra vigorosa

Poderíamos conceituar de psicológico o romance de Assis Brasil?

A musicalidade da narrativa, o romantismo que acompanha o processo da narração, a simbologia adotada, os valores étnicos, as lendas, as aventuras, os sonhos e fantasias dos personagens, formam um quadro de situações técnicas renovadoras do romance, revolucionando os conceitos tradicionais da ficção.

A obra é vigorosa, forte, densa.

A linguagem é decisiva, madura, tem força de comunicação

O pensamento literário de Assis Brasil

Pontos extraídos de uma entrevista concedida a Carlos Menezes (Jornal *O Globo* - 6 de abril de 1979):

– *Os piauienses têm muito orgulho desses romances, já adotados no vestibular e motivos de palestras nos cursos de literatura piauiense, que todos os anos são ministrados em Teresina.*

– *Não costumo separar a significação social da significação estética da literatura, porque ela documenta, denuncia, critica a vida ao nível de uma realidade artística, com uma linguagem específica. A cidade de Parnaíba e a minha experiência lá forneceram o material de trabalho, estilizado a partir de uma visão da vida e da literatura: visão universal do homem, a sua condição. A visão particular acaba por ser uma visão panorâmica. Este é o segredo da arte.*

– *Quando trato do problema da prostituição em Parnaíba, muitos piauienses tentam colocar a carapuça na cabeça, achando que eu falseio a realidade ou falo de um tempo que não existe. Recentemente o professor José Maria Vasconcelos lançou um livro sobre a minha obra de ficção, mas teve o cuidado de ir a Parnaíba “fotografar” os meus personagens. E o que encontrou? Apenas supostos personagens ressentidos e me odiando. Devo dizer que eles nada têm a ver com os meus romances: há coincidências de nomes, situações, o que é mais uma prova de que a “geografia humana” é universal.*

– *Essa Tetralogia Piauiense, se você quiser abstrair o seu lado de pesquisa da forma e da linguagem literária, é o retrato de um Brasil provinciano, que continua primitivo, abandonado e miserável, nesta era do “circuito eletrônico”. Aqui perto, a 50 quilômetros do rio, começa a “província” esquecida de que estou falando.*

Ficção, documento e arte

O professor José Maria Vasconcelos, quando decidiu escrever sobre a obra ficcional de Assis Brasil, mergulhou fundo na questão social, concluindo, acertadamente, que o escritor “não teve intenções de difamar. Quis desmascarar, denunciar uma sociedade envelhecida, egoísta e decadente. E a ficção foi o seu meio, como documento e arte”.

Beira Rio Beira Vida: retorno às origens

Na memória explicativa que escreveu para os quatro livros editados num só volume pela Nórdica/INL (Rio de Janeiro, 1979), Assis Brasil faz as seguintes revelações:

1. A Tetralogia é um retorno às suas raízes, às fontes de sua vida. Deixou de lado os contos e novelas cerebrais, ideológicos, de teses, e se voltou para o homem, para a sua condição, onde tudo está implícito: ideologias, teses e supostas mensagens;

2. *Em Beira Rio e A Filha do Meio Quilo* aboliu por completo dois esteios técnicos do romance: a cronologia linear e o narrador onisciente, conservando, no entanto, o que considera um aspecto importante da ficção: o enredo. Com isso, os personagens ganharam em autonomia criadora, desligados que estavam ao tempo ou à contingência de serem “dirigidos” pelo autor.

3. O processo foi dramático, quase chegando à exacerbação, o que se percebe da dificuldade de leitura das primeiras páginas do livro;

4. “Reconheço, por outro lado – garante Assis Brasil –, que o romance ganhou em dramaticidade – praticamente um único personagem central, “montando” a sua história e ele próprio “criando” outros personagens.

Assis Brasil vale-se da fórmula de Henry James, notável romancista e crítico de igual dimensão, que “entregou” aos personagens a responsabilidade das ações, na construção da narrativa, na tessitura da trama, na ordenação do enredo.

Apontamentos finais

–*Beira Rio Beira Vida* é um documento histórico e geográfico. Ele retrata a Parnaíba dos tempos dos navios-gaiola, o hermetismo de uma sociedade alienada, os tabus e os preconceitos de uma geração que copiava modelos estrangeiros. Libelo acusatório de uma sociedade escravizada pelos preconceitos: protesto contra as mesquinhas da Província. Retrato de um Brasil provinciano que continua primitivo, abandonado e miserável.

–Romance que evidencia a prostituição, o preconceito social urbano, a opressão humana, a marginalização do homem, a busca de liberdade, a luta dos marinheiros de água doce.

–Revolucionou a ficção, eliminando o processo linear, desprezando a cronologia e dando ao personagem liberdade para criar o enredo.



O.G.RÊGO DE CARVALHO

NATURALISMO E FORMA

O G. RÊGO DE CARVALHO (Orlando Geraldo) nasceu em Oeiras, antiga capital do Piauí, no dia 25 de janeiro de 1930. Aos 10 anos de idade já colaborava na imprensa, mas foi em 1942, ao ler *O Guarani*, de José de Alencar, que decidiu ser romancista. O professor José Aderaldo Castelo incluiu-o no Dicionário das Literaturas Portuguesas, Brasileira e Galega. Assis Brasil citou-o entre os Novíssimos da Literatura Brasileira. Universidades norte-americanas têm estudado regularmente sua obra. Prêmio Coelho Neto, pela Academia Brasileira de Letras.

Foi professor de Literatura no Colégio Estadual do Piauí. Colaborou na Revista *O Cruzeiro* e em alguns jornais e revistas do Rio de Janeiro. Escreveu e chegou a ser um dos editores da *Revista Caderno de Letras Meridiano*, ao lado de M. Paulo Nunes e H. Dobal. Membro da Academia Piauiense de Letras. Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Piauí.

Rio Subterrâneo

Rio Subterrâneo, talvez a mais vigorosa obra de O. G. Rêgo de Carvalho, foi saudada com aplausos pela crítica brasileira, chegando mesmo a atravessar as fronteiras nacionais.

Esdras do Nascimento, no prefácio ao livro, escreveu:

Pois é desse Piauí desprezado, paupérrimo e injustiçado que nos chega Rio Subterrâneo, estranhíssimo romance de O. G. Rêgo de Carvalho, talvez o mais denso e importante texto de ficção produzido no país nas últimas décadas. Escrito com admirável precisão, cada palavra no seu exato lugar, período se alinhando com elegância Rio Subterrâneo pode ser considerado, desde já, um clássico da moderna literatura brasileira, e um mestre, o seu autor.

O. G. Rêgo de Carvalho realizou com *Ulisses, Entre o Amor e a Morte*, uma feliz estréia no campo da ficção. Foi um livro que determinou o “nascimento” de um escritor predestinado a ser, em pouco tempo, um dos mais queridos e respeitados nomes da literatura nacional.

Rio Subterrâneo veio depois. É um romance estranho e forte, desenvolvendo um fascinante tema psicológico sobre a juventude. É um livro entremeado de tristeza e de mistério, na ambiência mítica da chuva. O autor se utiliza de uma linguagem romântica e evocativa, movimentando seus personagens entre a decadência da aristocracia oeirense e o fascínio das águas misteriosas do rio Parnaíba, em Teresina e Timon.

Rio Subterrâneo e *Somos Todos Inocentes* são romances que apresentam uma disposição técnica tradicional: história que tem começo, clímax e desfecho. *Ulisses* difere um pouco. São narrações estanques, montadas posteriormente, de forma a gerar a unidade desejada.

Rio Subterrâneo herdou de *Amor e Morte*, obra desautorizada, momentos fragmentários de sua criação, como no nono

bloco do capítulo “Passeio a Timon”. Há momentos do primeiro livro desenvolvidos e ampliados no segundo, como a denunciar uma conscientização crítica do seu autor, no que respeita ao aperfeiçoamento narrativo. A sua preocupação com o nível estético do seu drama é determinante do descompasso existente entre o real e o criativo.

Em todos os seus livros O. G. Rêgo de Carvalho busca o profundo e o infinito, na tentativa de reencontrar a melhor forma, a palavra certa, a frase precisa, a imagem que mais se adapta ao texto e à narração.

É um obcecado pela qualidade estética, reeditando suas obras com cortes e emendas cada vez mais primorosos.

Há em seus livros histórias de amor, sofrimento, solidão, loucura, medo, angústia. Na utilização desse instrumental consegue se impor com absoluta singularidade.

Desde o primeiro romance que se sente a preocupação de O. G. Rêgo de Carvalho em depurar a linguagem narrativa. O estilo, apegado ao formalismo tradicional, tem melhorado de livro para livro. Ressalta-se também que a estilística da linguagem ogerreguiana em *Ulisses*, tem apoio na utilização da terceira pessoa do singular, no coloquial, o que artificializa a narração, embora não afete a qualidade da obra.

Essa linguagem, sofisticada na atualidade, faz parte do cenário de sua obra. Parece querer admitir que, mesmo envelhecida e decadente, uma aristocracia sempre procura zelar pela pureza de suas atitudes e de sua língua.

Em *Rio Subterrâneo* nota-se um perfeito equilíbrio na montagem de cada capítulo do drama. Aliás, essa segurança técnica é própria de O. G. Rêgo de Carvalho, um escritor profundamente preocupado com os rumos e os objetivos de seus romances. As palavras saem perfeitas, na frase certa, na forma certa, na veiculação de uma linguagem perfeitamente integrada ao universo de sua criação.

A dialética da loucura de determinados momentos da ficção ogerreguiana não afeta a lucidez da narrativa, ao contrário, enriquece-a, contudo, tornando-a mais fecunda. Os seus romances são trágicos. E *Rio Subterrâneo* foi o livro que mais profundas marcas deixou à identificação de Graciliano Ramos.

As linhas mestras de *Rio Subterrâneo*

Personagens

As linhas básicas da narrativa giram em torno dos personagens Lucínio, Afonsina, Helena, Hermes e Joana e se estendem através de outros que constituem as peças de figuração do processo.

Lucínio é uma espécie de astro, em torno do qual quase todos gravitam.

Lucínio, Hermes e Benoni parecem projetar os mesmos dramas interiores, irradiando de suas almas uma atmosfera de angústia, medo e depressão. A eles, com extraordinária força, reúne-se Joana, extrapolando os desníveis da loucura e revelando o lado destrutivo da condição humana. A obsessão pela morte está na autodefinição de “ateu” vivida por Lucínio, nos sucessivos anúncios de falecimento feitos por Benoni, cuja predileção é discutir o que entende por paradoxos da religião, e nas teorias de Helena em torno do espírito preconceituoso de que a loucura é hereditária, forçando o isolamento das pessoas classificadas de “loucas” das consideradas sãs.

O espírito coletivo de loucura parte de Joana (avó) e Celina e parece contaminar, como algo segregacionista.

A linha da ambição se desdobra nas esperanças de Luís Santos, pai de Hermes, dono de uma empresa de comercialização, encontrando apoio, não em Hermes, mas no outro filho, Petrônio, de desmedida ambição. Dona Elisa ensina bambolim projetando transferir para o filho a herança cultural de um tio.

Major Cândido é outro personagem a revelar os estigmas da loucura. Desfila nu pelas ruas de Oeiras.

Dona Judite tem o decote da blusa amarela realçando a beleza de um colo bem feito, enquanto o marido, Silveira, mestre de obras, passa mais tempo fora do que dentro de casa.

Neusinha é filha do desembargador Honório. Discreta simpatia, os braços peludos e moles, o rosto cheio de espinhas, o tumor do cérebro extirpado a tempo.

Glorinha é tia de Lucínio, e este se envolve com Helena e Afonsina, que por sua vez parece namorar com Benoni. É uma trama onde as questões amorosas não são bem resolvidas, como o personagem Orlando amando Helena de forma bem simplória.

Joana centraliza em si mesma todos os ingredientes universais da loucura. A criação de insetos mortos, as lagartas de fogo nas mãos desnudas, os pios de aves agourantes nas solidões das noites.

Outros personagens menores gravitam no enredo, como a menina de 10 anos, Divina, que se desespera ao ver a morte da tia; Celina, suicidando-se na cacimba; Ananias, valente vaqueiro, rijo, morto pelos chifres de um boi enlouquecido; dona Santinha, mãe de Orlando, assistindo a cena dolorosa do marido vomitando no urinol; Tonho, a excitar os desejos de Helena.

Atmosfera do medo

Desde o começo da narrativa *Rio Subterrâneo* projeta uma estranha atmosfera de medo, angústia, sofrimento e depressão. Entre o ludismo de personagens enraizados na terra e a herança de comportamentos fixando uma linha comum na relação entre os personagens, o estigma da loucura asfixia o ambiente, criando no espírito de todos uma sensação de esmagamento interior.

Sonho, noite, temporal, loucura, desespero, tortura, solidão, dor, silêncio, angústia, pios de aves agourentas, túmulos, gritos rompendo a solidão do silêncio, morbidez, suicídio, são expressões que desencadeiam as peças da urdidura, projetando o espírito naturalista do romance.

Esse clima de paranormalidade vivido por quase todos termina projetando as deformações individuais. A questão genética, por exemplo, se impõe através da relação de Hermes e Afonsina, do desejo de Hermes pela sogra e no contraponto mítico de Jocasta, colocando a sogra no horizonte de igual desejo pelo genro. O sonhado casamento de Lucínio e Helena, o desejo que Irene desperta no próprio irmão são pistas fornecidas pelo autor para explicar as deformações de caráter e de comportamento

na maioria das personagens. O entrelaçamento conjugal de parentes germinando vidas igualmente desequilibradas.

Espaço e tempo

O romance se desenrola nas cidades de Oeiras, Teresina e Timon, pequena cidade maranhense situada às margens do Rio Parnaíba. O enredo é tecido a partir de situações conflitantes entre famílias então poderosas da legendaria Oeiras, antiga capital do Piauí.

Como em qualquer Província, o domínio social é gerado pela dominação política, cujo controle fixa entre os pretendentes verdadeira guerrilha.

Invariavelmente, são as correntes familiares tradicionais as forças de dominação política no interior. Manter o *status quo*, garantir a continuidade da estirpe familiar, da tradição e dos costumes resumem o esforço de patriarcas e matriarcas, que se desdobram, até mesmo forçando casamentos desastrosos, quer do ponto de vista social e genético.

O casamento entre parentes é uma fórmula comum entre famílias tradicionais do Piauí, que encontram aí a solução para manter na própria família os bens e fortunas amealhados através dos anos.

Esboçado o cenário, o enredo se sucede numa bem urdida trama amorosa, onde os ingredientes da paixão, do ódio, da traição, da sexualidade quase doentia e das contradições próprias da relação humana se consolidam na tessitura da narrativa.

Além de Teresina, Oeiras e Timon, outros espaços surgem no decorrer da narrativa sediando a trama: Selga, Junco, Alegre, Varjota são localidades onde as personagens transitam.

Todas as opiniões da crítica brasileira sobre a obra de O. G. Rêgo de Carvalho convergem para um mesmo ponto: um dos melhores romances da moderna literatura brasileira.

Cotejando algumas dessas opiniões, destaco a segura constatação de dois dos mais notáveis analistas da inteligência brasileira

deste tempo: Caio Porfírio Carneiro e Moacyr Scliar. Para o primeiro, “*Rio Subterrâneo* é uma obra-prima da moderna ficção brasileira”. História difícil de ser contada, escrita para ser sentida em toda a sua dimensão e intensidade. Scliar vê *Rio Subterrâneo* como romance brilhante, arrematando: “Raramente tenho visto na ficção nacional um tratamento tão cuidadoso na linguagem, um desenho tão precioso de personagem”.

Possuidor de uma das mais ricas fortunas críticas do país, O. G. Rêgo de Carvalho tem recebido sucessivos elogios de destacadas figuras de nossa constelação cultural, dentre os quais Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Hélio Pólvora, Homero Silveira, Alcântara Silveira, Esdras do Nascimento, Assis Brasil.

No Piauí, apesar da incipiência de uma crítica formal, três profundos conhecedores da obra ogerreguiana nos revelam os melhores caminhos para o mais vasto conhecimento do romance de O. G. Rêgo: Francisco Miguel de Moura (*Linguagem e Comunicação em O. G. Rêgo de Carvalho*); Fabiano de Cristo Rios Nogueira (*A Incomunicabilidade em Rio Subterrâneo*) e Maria Gomes Figueiredo dos Reis (*Rio Subterrâneo: Estrutura e Intertextualidade*). São depoimentos vivos, inteligentes, profundos, revelando a argúcia e o conhecimento da obra e que não podem ficar desconhecidos da comunidade universitária e dos poucos abnegados que se aventuram a conhecer a rica literatura piauiense.

A ação do romance

Lucínio mora em Timon (MA). A mãe dele, Marieta, quer que ele se case com a prima Helena, que reside em Oeiras. Ele, no entanto, vive com o pensamento em Afonsina, namorada de Hermes, que vive em Teresina.

Helena deixa Oeiras e chega a Teresina. Encontra-se com Lucínio, com quem vai a Timon, atravessando o rio Parnaíba numa canoa.

O enredo projeta algumas características, como, por exemplo:

- A vida fora do tempo cronológico.
- A procura da origem e dos fins, a fuga ao mundo inautêntico,

ao dia-a-dia da vida.

– Indagações, as mais variadas, situando-se entre a vertigem das coisas do tempo incronológico e a exegese da própria existência das personagens.

Personagens:

Lucínio – estigmatizado pela herança de loucura, procura explicações e saídas.

Helena – prometida a Lucínio, busca o prazer nos namorados e nas relações. Ama Pedro, Orlando, não sabe a quem ama.

Joana – avó de Helena. Exerce sobre esta verdadeiro fascínio. Louca. O chambre, os cabelos soltos.

Afonsina – bonita, faz questão de realçar a sua beleza.

Hermes – intelectual, tem queda para a literatura. Busca na arte a conquista dos seus sonhos. O pai o queria comerciante.

Outros Personagens: Major Cândido – louco, arrebentou as paredes da cadeia e saiu nu pelas ruas de Oeiras; Neusinha – doente, extirpou um tumor do cérebro, perdendo parte dos seus movimentos; Celina – suicida-se afogada numa cacimba; Orlando – magro, pobre, triste, amando Helena de forma simplória; Ananias – tem as tripas expostas por um touro enlouquecido.

O ambiente – solidão, atmosfera de medo e loucura, pios de aves agourentas, sinistrose e o encanto pelo esplendor funéreo.

Obras:

ULISSES, ENTRE O AMOR E A MORTE, 1959; RIO SUBTERRÂNEO, 1967; SOMOS TODOS INOCENTES, 1971; FICÇÃO REUNIDA, 1981; AMARGA SOLIDÃO e COMO E POR QUE ME FIZ ESCRITOR, 1994

WILLIAM PALHA DIAS

ROMANCE SOCIOLÓGICO RURAL

*T*odos os romances de William Palha Dias são documentos sociais de determinadas épocas. *Endoema* e *Vila de Jurema* – o primeiro desenvolvendo uma história no espaço/tempo da colonização do Piauí e o segundo sobre o ciclo da maniçoba – são dois romances que, embora condensem as mesmas falhas estruturais, determinam uma evolução estilística do autor. No primeiro (*Endoema*), os localismos e modismos que estiolaram o romance nordestino emergem nas suas características mais enfadonhas.

Em *Vila de Jurema*, Dias reaparece revigorado, linguagem saneada de alguns vícios anteriores. Ele avança em direção a um estilo límpido, claro, conciso e meticuloso, extraindo da temática a substância mais pura. É um romancista que se firma entre os textos de boa qualidade no Nordeste.

Preservando o mesmo gosto pela literatura histórica, o mundo agrário, William recria os dramas passionais, o mesmo clima de paixão e vingança que tornaram repetitivo o romance nordestino moderno. Na

crônica reproduz a mesma linhagem, revelando-se um narrador ágil, alegre e de agradável leitura.

Seus três livros mais importantes (*Caracol*, *Endoema* e *Vila de Jurema*) são depoimentos sobre a vida colonial piauiense. Enfocam os conflitos sociais que se enraízam e se degeneram no princípio de auto-sustentação da tradição familiar de uma sociedade de homens rudes. Se em *Vila de Jurema* a coragem, o machismo, a aspereza humana se projetam como substâncias temáticas, em *Endoema* o amor e o preconceito se chocam, na formulação de um enredo linear. Ele estuda ainda a paisagem geográfica, fotografando na memória os quadros históricos que envolveram um dos grandes ciclos de riqueza do Piauí: o da maniçoba.

WILLIAM PALHA DIAS nasceu em Caracol a 17 de setembro de 1918. É formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Piauí. Juiz de Direito, teve brilhante passagem pela Comarca de Regeneração, quando assinou sentença condenatória dos envolvidos no escandaloso caso de fraude eleitoral em municípios de sua jurisdição. Foi Juiz de Direito em Pedro II. Jornalista, fundou a Associação Profissional dos Jornalistas do Estado do Piauí (hoje Sindicato). Conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil, Professor de OSPB e Educação Moral e Cívica.

Obras:

CARACOL NA HISTÓRIA DO PIAUÍ (2 edições); ENDOEMA, 1965; VILA DE JUREMA (2 edições); O PIAUÍ, ONTEM E HOJE (Estudos Sociais); O PIAUÍ EM ESTUDOS SOCIAIS (de parceria com sua mulher, a professora Maria das Graças e Silva Palha Dias, 1975); ...E O SIBARITA CASOU..., 1978; OS IRMÃOS QUIXABA, 1979; MULHER DAMA, SINHÁ MADAMA, 1982; O DIA A DIA DE TODOS OS DIAS, 1987, ALCORÃO RUBRO, 1994 e MEMORIAL DE UM LUTADOR OBSTINADO, 1997

A tarde estava terrivelmente quente, sol ardente, sol de primeiras águas. Apesar de baixinho o sol, duas braças apenas para se esconder por detrás dos montes, o calor era abrasador (...).

Noite de rebuliço, aquela da chegada do vigário. De toda parte chegava gente para a missa. Dia seguinte, cedinho logo, começou o lufa-lufa do pessoal no pátio da capela. O padre apenas celebrou a missa e cantou o “de profundis” encomendado pelo coronel em sufrágio da alma de Ornelinda; batizou a roda de meninos que esperavam choramingando nos braços dos padrinhos e despedira-se para viagem.

(Vila de Jurema, 1973)



CASTRO AGUIAR

ROMANCE IDÍLICO DA JUVENTUDE

O maior acontecimento editorial de 1965, em Teresina, foi, sem dúvida, o lançamento do romance de JOAQUIM CASTRO AGUIAR – *Caminho de Perdição*. O autor ressurgia, após o sucesso de *Adolescente de Rua*, com um romance psicológico urbano, retratando dramas da adolescência e da juventude.

Castro Aguiar, em *Caminho de Perdição* dá seqüência ao que se chama romance idílico da juventude. Ocorre que ele ressurgiu mais vigoroso, mais seguro, mais consciente de sua importância, portanto, mais amadurecido quanto à temática e utilização da linguagem: cadenciada e rítmica, cheia de poesia e arte.

Caminho de Perdição foi saudado com entusiasmo pela crítica. Tornou-se livro de cabeceira da juventude e ponto de referência entre os trabalhadores da arte literária no Estado. Mas foi o professor Rosmarino do Rêgo Monteiro quem melhor situou Castro Aguiar no contexto da ficção no Piauí:

Cada personagem, no romance de Castro Aguiar, desempenha um papel relevante, psicologicamente respeitado. É um Artur Lima, com seu linguajar próprio, suas frases incisivas e desmedidas, seus excessos e sua influência negativa. Um Álvaro e um Alceu, o primeiro leviano, o segundo, a arrogar-se de intelectual. É uma Sandra, indecisa; e uma Diva, prostituta, vivendo com revolta a sua prostituição, encenando um dos mais positivos e edificantes capítulos da obra. É um Borba e uma Tânia, que nos convencem e nos cativam até a última página, cada um com seu conceito mais belo e mais sublime sobre o amor. E isso evidencia que Castro Aguiar soube situar seu personagem principal dentro de uma gritante realidade.

JOAQUIM CASTRO AGUIAR é de Teresina, nascido a 7 de dezembro de 1940. É formado em Direito pela Faculdade de Direito do Piauí, de cuja turma foi o orador. Procurador Jurídico da Telepisa; Procurador Geral do Estado do Piauí. Chamado ao Instituto Brasileiro de Administração Municipal, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde exerceu as funções de Procurador Jurídico do IBAM. Juiz federal no Rio de Janeiro, integrante do TRF. Especializou-se em assuntos municipais, escrevendo mais de uma dezena de livros sobre temas ligados aos municípios.

Obras:

MARCOS DAS ANGÚSTIAS DE MARCOS, 1960;
ADOLESCENTE DE RUA, 1962; CAMINHO DE
PERDIÇÃO, 1965

Outros livros:

O SERVIDOR MUNICIPAL e ADMINISTRAÇÃO DOS
SERVIÇOS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA (co-
autoria).

A MENTIRA

Castro Aguiar

Rua é foco de perdição, é escola de vícios e crimes, é tudo que não presta – dizia mamãe. E eu estava sendo criado na rua, comentava a vizinhança. E mamãe dava ouvidos a esses comentários.

Um dia fechou-me na sala, por castigo. Nada havia ao meu alcance. Dispunha somente de meus livros. Também não estudava. Estava com a cabeça para estourar de tanto decorar tabuada. Aquilo não me adiantava. No final das contas, era sempre o mesmo Péricles burro e malcriado. Alcides era inteligente e sabia trabalhar. No entanto, nunca o via preso, estudando, ia para as festas e sabia as lições. Tinha que ser como Alcides também. Não estudava. Nunca. – Menino que não estuda é burro. Dizia Carlito.

Burro era a mãe. Ou burra, não importava. O essencial era tirar o adjetivo de cima de mim.

Mas era preciso conseguir sair daquele castigo. Resolvi, como sempre, maquinar uma mentira.

Soltei um grito forte, navalhante, e deitei-me no meio da sala, hirto, com os olhos abertos e fixos, o rosto num rito imóvel de dor, como morto.

(Adolescente de Rua, 1962)

OUTROS ROMANCISTAS

ESDRAS DO NASCIMENTO nasceu em Teresina em 1934. É formado em Filosofia pela Universidade Católica do Rio de Janeiro. Um dos principais colaboradores da revista *Fatos e Fotos*. Funcionário do Banco do Brasil, professor de Literatura na Faculdade de Letras do Rio de Janeiro.

Esdras do Nascimento vem produzindo uma obra cíclica, projetando, em cada romance, quase que exclusivamente a sociedade da zona sul do Rio de Janeiro. Escritor experimentado, com caminhos já definidos no panorama da Literatura Brasileira, Esdras do Nascimento integra a chamada filosofia do novo, onde a criação tem exigido também o aprofundamento temático. Isto é, personagens, situações, ambientes e paisagens são retratados extraindo o máximo de cada episódio. Uma das grandes figuras do Novo Romance Brasileiro.

ANTONIO SAMPAIO PEREIRA nasceu em Barras (PI), em 1923, mas registrou-se em Esperantina (PI), onde mora. Kursou a Academia de Comércio de Teresina, sob a direção do professor Moaci Madeira Campos. Concluído o curso, regressou a Esperantina, tornando-se autodidata. Funcionário do Departamento Nacional de Endemias Rurais. Poeta, folclorista, orador. Durante quase 20 anos dedicou-se ao magistério, ensinando gratuitamente.

Romancista de agudíssimo senso de percepção das coisas, colorindo as páginas de sua ficção com uma linguagem escorreita, elegante e precisa. É puro na amostragem das cenas de fundo. Utiliza sempre o sistema cronológico. Percorre com igual desenvoltura os gêneros da poesia e da história regional.

Obras:

REMINISCÊNCIAS, 1965; ESPERANTINA À LUZ DA HISTÓRIA, 1965 e O VELHO SAMUEL (duas edições, 1966/1993)

RENATO CASTELO BRANCO

UMA VISÃO SOCIAL DO PIAUÍ

Antes de se consagrar como um dos melhores romancistas do país, RENATO PIRES CASTELO BRANCO notabilizou-se pela pesquisa histórica, pela qual foi obcecado. *Em Piauí: a terra, o homem, o meio*, o escritor revela um extraordinário talento para detectar o essencial e realizar a narrativa num estilo atraente, melódico e singular. Publicitário bem sucedido, Renato Castelo Branco foi um escritor de múltiplas facetas, grandioso na poesia, na história e na ficção, e um genial criador de tipos. Mas foi o romancista do romance histórico, antecessor de um modelo que alcançaria neste final de milênio sua grande expressão como instrumento ficcional revelador de realidades vivas e dramáticas, que lhe daria posição de destaque na literatura nacional. Assis Brasil afirma, depois de ler os romances que focalizam aspectos históricos do Piauí e de São Paulo (Trilogia do Meio-Norte e O Planalto) que “a ficção brasileira muito se beneficiará de suas pesquisas regionais e históricas, com a vantagem de o passado ser revivido por um escritor de grandes recursos narrativos”. Mauro Guimarães o entende como “um escritor íntimo dos segredos da narrativa novelesca”, enquanto Maria de Lourdes Teixeira destaca a força

criadora – “uma sensibilidade que por vezes alcança as raias do poético e sempre através da linguagem escorreita e límpida”. Ricardo Ramos observa que “utilizando figuras, cenas e ocorrências e contando e imaginando e evocando, descritivo, chocante, poemático, ele vai justapondo os elementos do seu romance, como se fossem quadros de uma exposição”.

O poeta alcançaria, na opinião dos mais acreditados críticos do país, um invejável acervo de elogios. Talvez seja, dos escritores piauienses deste século, aquele que, pela universalidade de sua obra, tenha conseguido recolher o mais rico cabedal crítico, numa fortuna que começa pela história e se encerra no ensaio que praticou durante algum tempo.

RENATO PIRES CASTELO BRANCO nasceu em Parnaíba a 12 de setembro de 1914. Historiador, romancista, poeta, ensaísta, autor de mais de 20 títulos, vencedor de alguns prêmios culturais, dentre os quais o Candango, instituído pela Fundação Cultural do Distrito Federal e pelo Instituto Nacional do Livro.

De 1938 a 1948 teve ativa participação literária, publicando cinco livros, um dos quais vencedor do prêmio do Círculo Literário Brasileiro. Em 1961 chegou à presidência de uma das mais importantes agências de propaganda do mundo, a J. Walter Thompson, operando em 26 países de todo o continente.

De vasta e rica bibliografia, Renato Castelo Branco foi vencedor, ainda, dos prêmios: Tendência, conferido pela Editora Bloch; Destaque Empresarial (Gazeta Mercantil); Caboré (revista Meio & Mensagem); Roquete Pinto, conferido pela TV Record, de São Paulo. Em 1965 foi eleito, pela Associação Brasileira de Propaganda, “O Homem Propaganda do Ano”, honraria que recebeu também em 1968. Os colunistas publicitários de São Paulo, em 1969, conferiram-lhe o prêmio “Grande Homenagem”. Ingressou na Academia Parnaibana de Letras em 1984. No ano seguinte (1985) é eleito por unanimidade para a Academia Piauiense de Letras. Pertenceu também à Academia de Letras do Vale do Longá.

Morreu em São Paulo no dia 19 de setembro de 1995.

Entre outras obras, destacam-se:

A QUÍMICA DAS RAÇAS, 1938; A CIVILIZAÇÃO DO COURO, 1942; TEODORO BICANCA, 1948; CANDANGO, GAGARIN, BLAIBERG E OUTROS POEMAS, 1968; A JANELA DO CÉU, 1969; TOMEI UM ITA NO NORTE; A CONQUISTA DOS SERTÕES DE DENTRO; O PLANALTO, 1985; RIO DA LIBERDADE, 1987; O ANTICRISTO, 1987; SENHORES E ESCRAVOS e DOMINGOS JORGE VELHO, 1990.



OSVALDO SOARES DO NASCIMENTO é de Amarante (PI), nascido em 1930. Bacharel em Direito, técnico em Desenvolvimento Econômico, Promotor Público. Organizador e primeiro presidente da Companhia de Habitação do Piauí – Cohab; organizador e primeiro presidente do Fomento Industrial do Piauí – Fominpi; Secretário Executivo da Comissão de Desenvolvimento Econômico e Social do Estado – Codese. Na década de 1950 teve intensa participação nos jornais e revistas que se editavam em Teresina, sendo atraído para a vida pública, interrompendo a carreira de escritor, que se anunciava promissora. Pertenceu à linha de frente do movimento Meridiano. Autor de *Frutos da Terra* (1950) e *Proteínas para a Raça Eleita* (1979).

ÍNDICE GERAL

DIVISÃO DA LITERATURA PIAUIENSE

PRIMEIRA GERAÇÃO

1808-1866 • 1866 - 1889

NEOCLASSICISMO

ROMANTISMO

REPÚBLICA

SEGUNDA GERAÇÃO

1889-1917 • 1917-1940

ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS

Fase Áurea

Cenáculo Piauiense de Letras

Movimento Meridiano

MODERNISMO

TERCEIRA GERAÇÃO

1940-1965 • 1965-1987

OS VANGUARDISTAS

Círculo Literário Piauiense

MIMEÓGRAFO

QUARTA GERAÇÃO

Começa em 1987 e se estende aos nossos dias

MEMORIALISMO

MILENISMO

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

- AIRES, Félix. **O Piauí na Poesia Popular**. Editora Artenova, Rio de Janeiro, 1975.
- AIRES, Félix. **Antologia de Sonetos Piauienses**. Centro Gráfico do Senado Federal. Brasília, 1972.
- ALMANAQUE da Parnaíba (coleção).
- ATAÍDE, Vicente. **A Narrativa de Ficção**. Editora dos Professores. Curitiba, 1972.
- BANDEIRA, Manuel. **Apresentação da Poesia Brasileira**, 3ª edição. Editora Casa do Estudante do Brasil. Rio de Janeiro, 1957.
- BARRETO, Cordeiro Júnior. **Tropicalismo: Fator de Alienação ou de Revisão Crítica da Realidade Social**. Academia Piauiense de Letras. Teresina, 1989.
- BAPTISTA, Jônathas. **Poesia e Prosa**. Projeto Petrônio Portella. Teresina, 1985.
- BAPTISTA, Zito. **Poesias Reunidas**. Editora Lux. Rio de Janeiro, 1924.
- BRASIL, Assis. **Dicionário Prático de Literatura Brasileira**. Editora Tecnoprint Ltda. Rio de Janeiro, 1979.
- BRASIL, Assis. **Tetralogia Piauiense**. Editora Nórdica/MEC. Rio de Janeiro, 1979.
- BRITTO, Bugyja. **Quatro Escorços Biográficos**. Folha Carioca Editora Ltda. Rio de Janeiro, 1978.
- BRITTO, Bugyja. **Traços em Cinco Biografias**. Rio de Janeiro, 1987.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. Editora Cultrix. São Paulo, 1974.

CANDEIRA FILHO, Alcenor. **Entrevista**. Revista Presença, nº 10. Janeiro/Março, 1984.

CANDEIRA FILHO, Alcenor. **Das Formas de Influência na Criação Poética**. Edição do autor. Parnaíba, 1980.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**, 5ª edição.

CARVALHO, Norbelino Lira de. **O Último Coronel**. Edição do autor. Teresina, 1995.

CARVALHO, O. G. Rego de. **Ficção Reunida**. Edições Meridiano. Companhia Melhoramentos. São Paulo, 1981.

CASTELO BRANCO, Hermínio. **Lira Sertaneja**. Projeto Petrônio Portella / Academia Piauiense de Letras. Teresina, 1988.

COUTINHO, Afrânio. **Conceito de Literatura Brasileira**. Editora Pallas/MEC. Rio de Janeiro, 1978.

COUTINHO, Afrânio. **Crítica e Teoria Literária**. Edições Universidade Federal do Ceará/Proed. Fortaleza, 1987.

COUTINHO, Afrânio e Eduardo de Faria. **A Literatura no Brasil**, 3ª edição. José Olympio Editora. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 1986.

DA Costa e Silva. Antônio Francisco. **Antologia**, 2ª edição. Livraria e Editora Corisco. Teresina, 1982.

DOBAL, H. **Uma Antologia Provisória**. Livraria e Editora Corisco/ Projeto Petrônio Portella/Academia Piauiense de Letras/Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Teresina, 1988.

- FAUSTINO, Mário. **O Homem e Sua Hora**. Livros de Portugal. Rio de Janeiro, 1955.
- FAUSTINO, Mário. **Poesia Completa**. Poesia Traduzida. Editora Max Limond. São Paulo, 1985.
- FAUSTINO, Mário. **Poesia - experiência - debates**. Editora Perspectiva. São Paulo, 1976.
- FILHO, Celso Pinheiro. **História da Imprensa no Piauí**. Projeto Petrônio Portella. Teresina, 1972.
- FILHO, Francisco Hardi. **Poesia e Dor**. Comepi. Teresina, 1973.
- GOLDMAN, Lucien. **A Sociologia do Romance**. Editora Paz e Terra, 2ª edição 1976.
- GRUNEWALD, José Lino. **Mário Faustino - Poeta e Crítico**. Correio da Manhã, edição de 24 de abril de 1962. Rio de Janeiro.
- MATOS, J. Miguel de. **Evocação de Abdias Neves**. Edição do autor. Teresina, 1976.
- MATOS, J. Miguel de. **Antologia Poética Piauiense**. Academia Piauiense de Letras. Teresina, 1989.
- MARTINS, Wilson. **A Crítica Literária no Brasil**, volumes 1 e 2, 2ª edição. Livraria Francisco Alves Editora. Rio de Janeiro, 1983.
- MONTELLO, Josué. **Diário da Manhã**. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1984.
- MORAES, Herculano. **A Nova Literatura Piauiense**. Editora Arte-Nova. Rio de Janeiro, 1975.
- MORAES, Herculano. **Visão Histórica da Literatura Piauiense**, 2ª

- edição, Edição do autor. Campina Grande, 1982.
- MOURA, Francisco Miguel de. **Fontes Ibiapina Está Vivo** (depoimento).
Revista Presença, número 18. Agosto/dezembro, 1985.
- MURICY, Andrade. **Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro**.
INL/MEC. Brasília, 1973.
- NASCIMENTO, Rubervam du. **Traços da Vida Real em Fontes Ibiapina** (depoimento no encontro de escritores de Parnaíba). Setembro de 1979.
- NETO, Torquato. **Os Últimos Dias de Paupéria**, 2ª edição. Editora Max Limone Ltda. São Paulo, 1982.
- NUNES, M. Paulo. **O Discurso Imperfeito**. Academia Piauiense de Letras. Teresina, 1988.
- OUTROS Contos Piauienses. Projeto Petrônio Portella/Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo. Teresina, 1986.
- PACHECO, Félix. **Poesias**, 2ª edição. Projeto Petrônio Portella. Teresina, 1985.
- PEREIRA, Lúcia-Miguel. **Prosa de Ficção** (de 1870 a 1930), 2ª edição. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1963.
- PINHEIRO, João. **Traços e Notas Sobre a História da Literatura Piauiense**. Revista da Academia Piauiense de Letras.
- PINHEIRO, João. **Literatura Piauiense** (escorço histórico). Imprensa Oficial do Estado. Teresina, 1937.
- POEMARIT(I)MOS. **Antologia Poética**. Projeto Petrônio Portella/ Academia Parnaibana de Letras. Paraíba, 1988.
- REGO, Benedito Martins Napoleão do. **Cancioneiro Geral**. Comepi.

Teresina, 1980.

REIS, Maria G. Figueiredo dos. **Tocaia - Uma Leitura Sociológica.**
Revista Veredas Culturarte, nº 2. Julho, 1987.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro.** Editora Vozes/MEC. 3ª edição. Petrópolis, 1976.

TITO FILHO, A. **Praça Aquidabã Sem Número.** Editora Artenova.
Rio de Janeiro, 1975.

TITO FILHO, A. **Deus e a Natureza em José Coriolano.** Comepi,
Teresina, 1973.

REVISTAS CONSULTADAS:

Revista da Academia Piauiense de Letras

Revista Presença

Revista Veredas Culturarte

Revista Mensal de Literatura, Ciência e Arte, coleção de 1889.

JORNAIS:

O Dia (Teresina)

Meio Norte (Teresina)

Diário do Povo (Teresina)

Folha de São Paulo (SP)

Jornal do Brasil (RJ)

Diário do Nordeste (Fortaleza)

As frases e opiniões anotadas e aspeadas, cujas origens não são identificadas, foram extraídas de edições de Notícias Acadêmicas, informativo mensal da Academia Piauiense de Letras. Os conceitos emitidos representam a opinião do autor.

As demais obras não constantes desta bibliografia estão listadas nos verbetes correspondentes aos seus autores.

O AUTOR

Detentor de um dos mais invejáveis currículos do Piauí, *HERCULANO MORAES DA SILVA FILHO* é piauiense de São Raimundo Nonato, cidade localizada a 500 quilômetros ao sul da capital do Estado, onde nasceu a 2 de maio de 1945.

Na vida estudantil foi presidente, duas vezes, do Grêmio Nilo Peçanha, da Escola Industrial de Teresina, hoje Escola Técnica Federal. Presidiu também o Diretório Estudantil Maurício Silveira, do Colégio Paulo Ferraz, e foi Diretor de Cultura do Grêmio Literário Arimathéa Tito, do Colégio Estadual Zacarias de Góis. Secretário de Cultura da União Piauiense dos Estudantes de Grau Médio – UPES e Secretário de Imprensa do Centro Estudantil Piauiense. Secretário Geral da UPES e relator do projeto que unificou as entidades estudantis do Estado, sendo dele a idéia do nome Centro Colegial dos Estudantes Piauienses – CCEP. Foi ainda Secretário Executivo da União Nacional dos Estudantes Técnico-Industriais.

Da política estudantil saltou para a política partidária. Vereador de Teresina, exerceu as funções de 1º Vice-Presidente da Câmara Municipal, de Presidente da Comissão de Educação e Cultura, e de Comunicação. Disputou o mandato de deputado estadual, sem êxito, o que o levou a abandonar os projetos políticos.

Exerceu na vida pública os cargos de Diretor do Theatro 4 de Setembro; Diretor da Casa Anísio Brito (Museu, Biblioteca e Arquivo Público); foi chefe do Gabinete do Secretário da Educação, exercendo ainda o cargo de Secretário de Estado da Comunicação Social no Governo Lucídio Portella.

Exercendo todas essas responsabilidades, Herculano Moraes chegou à Academia Piauiense de Letras muito moço, na faixa dos 30 anos. Ocupa ainda a imortalidade nas Academias de Letras do Vale do Longá e do Médio Parnaíba e é correspondente de academias e sociedades de letras do País e do exterior.

